

António Sérgio

Pedagogo e Político

Carlos Alberto de Magalhães Gomes Mota

António Sérgio Pedagogo e Político
Autor: Carlos Alberto de Magalhães Gomes Mota
Impressão: A.T. - Loja Gráfica
1ª Edição: Dezembro de 2000
Depósito Legal: 159268/00
ISBN : 972-8346-08-05
Código de Barras: 9789728346089

Cadernos do Caos - Editores

“Conheci o Sérgio pessoalmente. Era um homem de muito valor. ”

Rômulo de Carvalho, Professor Metodólogo de Física e Química, membro da Academia das Ciências de Lisboa, Poeta (António Gedeão) e Historiador da Educação, O Homem É O Exemplo Do Desumano, entrevista a Rui Ochoa, Expresso, Revista, 4 de Junho de 1994, p.104.

1 Biografia Contextualizada do Autor

António Sérgio de Sousa nasceu em 3/9/1883 em Damão, sendo filho do Governador¹; foi com os pais para África, aonde viveu até aos dez anos e mais tarde, por tradição familiar, estudou no Colégio Militar, completou o curso da Marinha, viajou a Cabo Verde e Macau. Aos dezoito anos deveria ser apresentado à família real – o que recusa, sendo tal gesto interpretado pelo seu próprio pai como indício de Republicanismo – o que Sérgio nega². Quando a República é implantada abandona a Armada e – diz-se – parte a espada de oficial, – episódios que Sérgio narra de maneira diferente, segundo A. Campos Matos. Para Campos Matos, Sérgio deixou a Armada, com um simples requerimento.

Mesmo se olharmos de relance para este relato, muitas falhas notamos.

Mas, voltando ao relato do episódio mencionado, assinala-se que Sérgio não considerava a questão do regime (República ou Monarquia) como muito importante.

Importante seria para Sérgio o progresso económico e moral do País. Fala explicitamente do “Socialismo”, embora como sabemos esta sua ideia não seja, nem de longe, aparentada com o “Socialismo Marxista”.

Daniel Hameline e António Nóvoa, publicaram em 1990³ uma «Autobiografia inédita de António Sérgio», escrita aos 32 anos no Livre d'Or do Instituto Jean-Jacques Rousseau (Genève), biografia essa que apresentaram comentada, bem como o seu Fac-Símile.

Sabemos assim por estes autores, que *“Entre 1914 e 1916 António Sérgio esteve em Genève no Instituto Jean-Jacques Rousseau, onde conviveu com um «micro-cosmos» muito influente no movimento internacional de renovação educativa. A circunstância de António Sérgio ter produzido para o Livro do Instituto uma autobiografia considerada exemplar (...) [mostra] a dimensão social de que a pedagogia sergiana era portadora.”*

Na Introdução a esta autobiografia, Daniel Hameline e António Nóvoa, dizem-nos que *“António Sérgio manifestou sempre uma grande indiferença pelas abordagens biográficas, não lhes concedendo qualquer importância para a compreensão das obras, que na sua opinião deviam ser analisadas sem jamais fugir para a biografia do autor, ou para divagações literárias sobre a psicologia deste.”*

Sérgio sempre terá deixado de lado preocupações de ordem biográfica, mas como observam Hameline e Nóvoa, *“também praticou o gesto autobiográfico. Aos 32 anos de idade, instalado em Genève (Suíça), escreveu no Livre d'Or do Instituto Jean-Jacques Rousseau um documento autobiográfico do maior interesse, o único deste género que se conhece ao autor dos Ensaio”*⁴.

Estes autores dizem que *“levantarão algumas hipóteses sobre a importância que a passagem por Genève teve na estruturação das suas ideias pedagógicas e dos seus ideais educativos”*⁵. Sabemos que: *“A Escola das Ciências da Educação, foi fundada em 1912 graças à iniciativa do psicólogo Edouard Claparède, que confiou a direcção ao filósofo Pierre Bovet, tornou-se conhecida sobretudo pela sua designação secundária, que constitui de per si um autêntico programa: Instituto Jean-Jacques Rousseau. A ideia tinha nascido no meio universitário, mas para Claparède era fundamental assegurar não só a cientificidade académica, mas também a liberdade de acção, de atitude e de propaganda. A sua opção irá no sentido de criar uma fundação privada. O Instituto só se ligará à Universidade em 1929. Desde o início o Instituto pretende assumir a formação dos professores da República de Genève, o que só se verificará a partir de 1921. Entretanto, de Outubro de 1912 a Julho de 1916 estiveram inscritos no Instituto cerca de 100 alunos, dos quais 80 eram estrangeiros.”*

Para Nóvoa e Hameline, António Sérgio vai ocupar um lugar muito especial na vida e na história do Instituto Jean-Jacques Rousseau, como se vê por um relatório do director do Instituto, guardado nos Arquivos que refere a presença de três portugueses em 1913-1914: o casal De Sousa pertence a este número. Correspondência vária de

¹ Veja-se o artigo sobre António Sérgio da Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira, Vol. 28, pp 409-411.

² Matos, A. Campos, Diálogo com A. Sérgio cita-o na p. 26: “Só a democracia social me interessava, enfeitada com uma coroa ou sem coroa alguma. E, já que havia República, era minha opinião que ficasse. Segundo A. Campos Matos, na mesma obra e página, Sérgio recusa ser apresentado ao Rei pois, nas suas palavras, “desagrada-me a ideia de entrar na corte. ”

³ Hameline, Daniel e Nóvoa, António, “Autobiografia inédita de António Sérgio”, “Revista Crítica de Ciências Sociais”, nº29, 1990, pp141-171.

⁴ [Hameline e Nóvoa referem] “O Arq. Campos Matos e o Dr. Jacinto Baptista, a quem queremos agradecer publicamente a colaboração prestada, tiveram a amabilidade de nos indicar a existência na Casa António Sérgio de outros materiais de cariz autobiográfico.

Na verdade, conseguimos detectar no espólio ali conservado quatro documentos (um dos quais em língua espanhola), redigidos provavelmente em 1953-1954, que constituem diferentes versões da notícia referente a António Sérgio, publicada na Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira.

Para sermos mais exactos, estes documentos correspondem, no essencial às 173 linhas iniciais (até”. . . nacionais e estrangeiros.”) e à bibliografia da referida notícia.

Trata-se, portanto, de documentos escritos na 3ª pessoa, que não assumem de forma explícita o discurso autobiográfico.”

⁵ Genève e o Instituto Jean-Jacques Rousseau foram ponto de passagem quase obrigatório de várias gerações de pedagogos portugueses da 1ª metade do século XX. Para além de António e de Luísa Sérgio, registre-se a presença nesta cidade suíça de Alves dos Santos, Faria de Vasconcelos, Álvaro Viana de Lemos, Irene Lisboa, Aurea Judite do Amaral, José da Cruz Filipe e Sílvio Lima, entre tantos outros.

António Sérgio, dirigida nomeadamente a Álvaro Pinto e a Raúl Proença, permite-nos saber que o casal chegou a Genève no princípio do mês de Abril de 1914 tendo aí permanecido até ao Verão, regressando um ano mais tarde, instalando-se na Suíça durante todo o ano académico 1915-1916⁶. Verificamos assim que Sérgio e a esposa foram para Genève para estudar e tornaram-se notados pelos professores do Instituto J. J. Rousseau porque temos disso várias provas, como notam Hameline e Nóvoa: *“na acta da reunião do dia 20 de Novembro de 1915, recomenda-se vivamente a todos os alunos, novos e antigos, a inscrição no Livre d’Or e a redacção de um curriculum vitæ tão completo quanto possível”*.

Por outro lado, na acta da reunião do dia 22 de Janeiro de 1916, a autobiografia de António Sérgio já é apresentada como exemplo: *“É favor seguir o excelente exemplo do nosso presidente redigindo, na medida do possível, uma autobiografia tão completa quanto possível”*.

Aliás, António Sérgio faz parte da minoria de alunos que tem acesso à revista do Instituto, L’Intermediaire des Educateurs, onde publica dois artigos no decurso da sua escolaridade. Como sublinham Nóvoa e Hameline *“a 1ª contribuição aparece em Janeiro-Março de 1916, retomando o título de um estudo de Claparède publicado alguns meses antes, “Droite et Gauche”. Claparède tinha proposto uma equação para calcular o “coeficiente de simetria”: Sérgio critica a sua vaidade matemática e sugere uma outra fórmula. Ao publicar esta crítica, onde o “aluno” discute de igual para igual com o “mestre”, o Instituto mostra-se fiel ao seu ideário pedagógico. E a autoridade “autónoma” de Sérgio não deixa de sair reforçada.”*

Para Nóvoa e Hameline, parece estranho que Sérgio se tenha empenhado numa produção autobiográfica, incutindo mesmo tal interesse pelos seus colegas do Instituto; mas o que parece mais importante é a inscrição no Livre d’Or que não é uma formalidade administrativa. A ideia nasce e desenvolve-se no seio da Amicale, associação que corresponde ao desejo de Claparède de romper com o formalismo académico e de instaurar um tipo de relação entre professores e alunos coerente com a doutrina “liberal” do Instituto. O projecto só ganha corpo em 1915, quando António e Luísa Sérgio regressam à Escola das Ciências da Educação. Na discussão dos estatutos da Amicale, aprovados em 25 de Junho de 1915⁷, Claparède insiste na necessidade de uma apresentação pessoal de cada membro da sociedade através de um breve curriculum vitæ, indo mesmo ao ponto de sugerir que *“após o abandono do Instituto continuar-se-á a registar os grandes factos da sua vida, à medida que forem sendo conhecidos”*.

Esta sugestão é particularmente utópica e não terá seguimento. Mas revela claramente a intenção de Claparède: criar no Instituto um registo-testemunho, no qual as histórias individuais de uma população tão heterogénea viriam ilustrar o desígnio de uma história que doravante se pretende comum. Todavia, a revista L’Intermédiaire des Educateurs continuará durante vários anos a publicar notícias sobre os antigos alunos⁸:

O Livre D’Or tem 117 notícias de alunos que não estão datadas nem organizadas cronologicamente o que leva a pensar que se limitam a assinalar as actividades profissionais e alguns episódios pessoais ou a confessar que não possuem nenhuma experiência pedagógica digna de registo⁹. Por isso não surpreende que o texto de Sérgio tenha causado uma impressão tão forte nos seus colegas, servindo de detonador e de exemplo.

“Apresentada como exemplo, a autobiografia de António Sérgio vai efectivamente desempenhar este papel. Uma aluna assinala, antes de redigir o seu curriculum: “A observação de M. de Sousa é tão verdadeira que me parece que cada um de nós deveria escrever mais do que datas e nomes, que não significam grande coisa”. Outra aluna, depois de algumas banalidades, escreve: “Seguindo o bom exemplo de M. de Sousa, acrescento alguns detalhes sobre a minha vida”.

Mas, para além destas referências explícitas, a autobiografia de Sérgio fornece um “modelo do género” de duas outras maneiras.

⁶ António Sérgio de Sousa preenche o espaço que lhe é dedicado no Livre d’Or dos alunos, provavelmente entre 20 de Novembro de 1915, data em que é eleito Presidente da Amicale, e 22 de Janeiro de 1916.

⁷ Estes estatutos mostram bem as intenções que presidem à fundação da Amicale, ainda que sejam bastante discretos quanto aos aspectos recreativos que, rapidamente, se tornarão predominantes:

“A sociedade tem como objectivo conseguir uma maior coesão, provocar uma colaboração, uma cooperação mais estreita entre alunos e entre alunos e professores, e uma partilha mais intensa dos trabalhos individuais ou dos seus principais resultados; estabelecer ligações duradouras entre o Instituto e os seus antigos alunos.”

⁸ Há muito tempo que não sabíamos de M. e Mme Sérgio de Sousa. Estão muito activos. M. Sérgio dirige uma revista Pela Grei e uma biblioteca de educação [e] procuram encorajar todas as energias independentes, sem fazer apelo aos grupelhos políticos com palavras de ordem antiquadas. “Chronique de l’Institut”, Out. -Dez. 1918.

⁹ Para uma melhor compreensão da atitude de António Sérgio é útil referir o estado em que ele encontra o Livre d’Or:

- Uma série de 18 notícias preparadas com os nomes dos alunos dos primeiros cursos, das quais apenas duas se encontram preenchidas, aliás de forma incompleta.

- Uma série de páginas em branco, reservadas provavelmente a alguns alunos que já tinham abandonado o Instituto.

- Uma segunda série de 57 notícias destinadas aos alunos que chegaram ao Instituto entre Outubro de 1913 e Janeiro de 1916: António e Luísa Sérgio figuram nesta lista em 9º e 10º lugares.

Apenas 25 notícias contêm um curriculum, tendo a maior parte sido redigida a seguir às do casal Sérgio de Sousa.

Por um lado, a estrutura adoptada por Sérgio aparece sistematicamente. É verdade que ela não é muito original (pais, infância, primeiras aprendizagens, relação com o meio social, descoberta do mundo, análise da educação escolar, leituras formadoras, orientação, etc.), mas revela-se particularmente adequada ao espírito que reina no Instituto. Sérgio doseia a implicação e o desprendimento com uma mestria que não podia deixar de agradar a um meio intelectual simultaneamente “afectivo” e “cientista”. Sérgio manifestou sempre respeito e admiração pelos professores do Instituto. Lembrou também juntamente com Paul Langevin, os nomes de Claparède e de Adolphe Ferrière que considerou apóstolo da educação nova no prefácio à edição portuguesa do *Transformons l'école*¹⁰. No entanto, paralelamente a este respeito pessoal, António Sérgio não deixa de manter uma certa distância face ao Instituto Jean-Jacques Rousseau e ao seu funcionamento: ele não era, um dos homens da «camarilla claparedensis»¹¹. No entanto, Sérgio participou em várias excursões à montanha organizadas por Claparède, bem como nas actividades recreativas da Amicale.

Deve dizer-se, quanto a esta “Autobiografia” que António Nóvoa tem apresentado vários trabalhos no âmbito da História da Educação que se revelam como marcos fundamentais¹².

Sérgio, para Joel Serrão, traça o esboço de “*uma pessoalíssima experiência de auto-educação*”, pois viveu a infância com grande liberdade. Assinala-se na sua “Autobiografia” que Sérgio refere o respeito com que o seu pai encarava as manifestações religiosas nativas e uma sua profunda desconfiança em relação à Escola; Nóvoa, cita Sérgio que terá chegado a propor como meta que “*a Escola não faça mal à criança*”. Para Nóvoa, esta forma de estar – desconfiança da escola – é comum aos autores da Escola Nova.

1. 1. Sérgio, a cultura, a política e a democracia.

António Sérgio, depois desta estadia na Suíça voltou para Portugal muito provavelmente porque queria desenvolver actividades várias ligadas à transformação do País, nomeadamente no campo educativo. Desde os anos 1913-14, Sérgio colaborou na Revista *Águia* órgão da Renascença Portuguesa, aonde escreveram os mais elevados expoentes da cultura portuguesa deste século, como Fernando Pessoa. É nesta revista que tem uma polémica célebre com Teixeira de Pascoaes, sendo esse aspecto da sua personalidade intelectual continuado no futuro, como veremos.

Eram anos conturbados na Europa; preparou-se e deu-se a Primeira Guerra Mundial – que se prolongaria até 1918 – tendo-se o governo da Primeira República de Portugal perfilado a favor da aliança anti-germânica e austro-húngara; Portugal enviou grandes contingentes de homens que combateram nas trincheiras da Flandres, sofrendo pesadíssimas baixas. Os soldados portugueses foram das primeiras vítimas de novas categorias de armas como o gás mostarda, os bombardeamentos aéreos, a aplicação maciça da artilharia e das novas armas de infantaria como a metralhadora. Depois de anos sem solução à vista, este conflito durante o qual apareceu, em 1917, a União Soviética, seria resolvido em grande parte pela entrada na Guerra de milhões de homens dos Estados Unidos, que intervieram a favor da Inglaterra e França (com Portugal entre os vencedores). Como consequência desta Guerra fratricida verificou-se que “*em 1914 a Europa dominava ainda a economia mundial. Em 1919 os créditos europeus fora da Europa deram lugar a dívidas consideráveis. A maior parte dos investimentos europeus na América do Norte e na do Sul tinham desaparecido para financiar a guerra. (...) Por fim, a Europa atravessou uma crise intelectual grave – que será mostrada por novos movimentos culturais*”¹³.

Esta Guerra, na qual pereceram 3 milhões de europeus jovens, seria determinante para o fim do papel de liderança global que a Europa desempenhara, no Mundo, até aí.

António Sérgio foi afectado na sua forma de pensar pela Guerra. A partir de então – como veremos quando se proceder à análise da sua obra – verá de forma crítica as aplicações que a Ciência e a Técnica podem ter, entre outros casos, na Guerra. Com o final desta, Portugal, tal como os outros Países Europeus, estava debilitado. Assim, em 1918, Sérgio fundou e dirigiu a revista *Pela Grei*, pretendendo intervir socialmente no domínio económico. Com o passar do tempo desenvolveu-se na sua maneira de estar o pendor polémico, discutindo com várias personalidades das ciências e cultura.

¹⁰ Em resposta a uma solicitação de A. Sérgio, Adolphe Ferrière escreve-lhe em 25 de Junho de 1926 propondo uma edição em condições particularmente vantajosas:

“Celui de mes livres qui est le plus simple et qui est pour ainsi dire un manifeste de vulgarisation de l'Ecole nouvelle, c'est mon livre *Transformons l'Ecole*. Celui-ci pourrait être répandu aussi dans le public des parents capables de s'intéresser à l'éducation de leurs enfants.”

¹¹ A expressão «camarilla claparedensis» foi empregue por Adolphe Ferrière no seu *Petit Journal*, prenunciando um conflito que viria a estalar em 1923 com a crítica de Claparède à obra *L'école active*.

¹² Veja-se bibliografia, “Autobiografia de António Sérgio” (traduzida livremente do francês com comentários à margem de Hameline e Nóvoa)

¹³ Dreyfus, F. G., Marx, Roland, e Poidevin, Raymond, *História Geral da Europa*, Publicações Europa-América, 1990, Lisboa, pp373.

Em 1923, passa a integrar a Revista Seara Nova, aonde se encontram pessoas como Aquilino Ribeiro, Raúl Brandão e Azeredo Perdigão, que viria a ser o dirigente da Fundação Calouste Gulbenkian e ao qual Salazar chamava «vermelhusco», tendo de dizer-se que a sua acção foi importantíssima no domínio da cultura em Portugal.

1. 2. António Sérgio como Ministro.

Em 1923, António Sérgio é Ministro da Instrução Pública no Governo de Álvaro de Castro, que pediu à Seara Nova a colaboração dos “seareiros” na formação de um Governo. A este propósito sabe-se que Faria de Vasconcelos o considerava incapaz para o exercício do cargo.

“O Sr. Sérgio apareceu à última hora Ministro da Instrução; a pessoa designada foi o Jaime [Cortesão] e não ele; se o Sr. Sérgio tivesse sido proposto eu teria votado contra, pois não seria desprimor, creio eu, para este Sr. , não lhe reconhecer as capacidades necessárias de organização e realização; o Sr. Sérgio é um homem de gabinete”¹⁴.

Contrariando esta opinião de Faria de Vasconcelos, Sérgio fundou nesta altura o Instituto Português do Cancro (do qual resultou o actual Instituto Português de Oncologia). No domínio Educativo era seu objectivo fundar uma “Junta Propulsora dos Estudos” que por meio de bolsas de estudo no estrangeiro preparasse um escol científico e pedagógico; difunde os métodos educativos de Maria Montessori e Decroly; cria o cinema educativo; cria o ensino especial para deficientes; podemos concluir que Sérgio fez bastante em pouco tempo, pois só foi Ministro no período compreendido entre 18 de Dezembro de 1923 e 28 de Fevereiro de 1924; as suas propostas sobre a Junta Propulsora dos Estudos não chegaram a ser discutidas no Parlamento. Talvez por estas situações, a este homem que tantas vez fez a apologia da Democracia, não repugnava a ideia da ditadura desde que transitória¹⁵.

Parece-me útil, aliás, transcrever a carta que deixou ao seu sucessor, reveladora do seu empenhamento¹⁶.

“Ex. mº Sr. Comandante Helder Ribeiro, ilustre Ministro da Instrução Pública:

Começo por declarar que me é sobremaneira agradável fazer entrega da pasta da Instrução a um professor tão distinto como V. Ex. ª, e animado das intenções de que me deu conhecimento na pequena conversação que ontem tivemos. Parece-me conveniente depor em suas mãos um muito sucinto relatório do que fiz, do que tencionava fazer, e do estado actual dos negócios mais importantes. Como sabe V. Ex. ª, em matéria de instrução o que mais importa é a formação de professores e a existência de escolas modelares ou experimentais, com pessoal seleccionado, donde parta para outras o exemplo e o impulso reformador: por isso, foi meu principal objectivo preparar as coisas para poder enviar estudiosos portugueses às melhores escolas estrangeiras, e abrir no próximo ano lectivo quatro escolas experimentais: infantil, primária, secundária, de continuação. Decretou-se a fundação da Junta de Orientação dos Estudos; não cheguei a nomear os seus membros porque ainda não foram aprovadas nas Câmaras as minhas propostas relativas ao governo económico dela, e à percepção de receitas para o seu funcionamento. Logo declarei ser-me indiferente a maneira de obter essas receitas; importa ao pedagogo que elas existam, não a sua proveniência: e creio que o melhor serviço que poderiam prestar as oposições seria apontarem-nos as fontes que lhes parecem de recomendar. Criei o Instituto do Cancro (velha aspiração há muitos anos protelada) que está agora funcionando. Nomeei uma Comissão que me propusesse a melhor forma de se realizar entre nós a determinação e educação dos anormais de idade escolar, Comissão com cujo relatório concordei, e que decidi tornar permanente, para que se encarregasse de tal serviço. A Comissão Pedagógica, que também por mim foi nomeada, traz adiantados os seus trabalhos, apesar das poucas sessões que teve; determinou, já, o esquema da organização do ensino primário e secundário, os seus vínculos com o universitário e o especial, e escolheu também os professores que hão-de esquisar os novos programas, os quais deverão ser muito podados em relação aos actuais, e coordenados entre si, de maneira tal que constituam, enfim, a unidade da classe, o que entre nós nunca se deu. Não prossegui na correcção de vários defeitos administrativos, e não iniciei a simplificação e economia em certos serviços, porque cedo me convenci de que era da maior conveniência atacar esses problemas simultaneamente e em conjunto, esperando pelo relatório da Comissão de Economias. Ficou esta última composta do Secretário Geral do Ministério, o Dr. João de Barros, do Sr. Raúl Proença, e de um representante da Associação Comercial, o Sr. Moysés Amzalack. Pareceu-me

¹⁴ Esta citação das notas à margem à “Autobiografia Inédita de António Sérgio”, por Hameline e Nóvoa, pp157/158, parece ter um fundo de verdade, pois Sérgio, em rascunho de carta a Jaime Cortesão com data de 2/7/59, guardada na sua casa, parecia ter um “peso na consciência.”

¹⁵ Matos, A. Campos, Diálogo com António Sérgio cita-o na p. 126 da referida obra: “(...) não nego a necessidade de haver ditaduras, lá de vez em quando (...) como transitórias, como um recurso ocasional, e não um regime.”

¹⁶ Seara Nova, “Antologia”, Vol. I, Seara Nova, 1971, pp. 320/326.

bem que as chamadas forças vivas verificassem a seriedade com que o Estado quer pôr ordem, economia e moralidade nos seus serviços, sendo que assim ganharia o Estado a autoridade conveniente para lhes exigir sacrifícios, indispensáveis à regeneração do País. Está redigido, e sendo examinado cuidadosamente, um novo projecto de regulamentação dos serviços de instrução primária. Foi encarregado o cônsul em Londres de comprar à casa editora os direitos de tradução das Object Lessons, de Murché, cuja difusão entre os professores primários deveria dar um grande impulso à tão necessária modernização da técnica pedagógica entre nós. A criação do "Boletim Pedagógico" obedeceu à conveniência de fornecer aos professores informações de carácter prático, concretas, facilmente utilizáveis, sobre novos processos de ensino de que lhes é difícil ter notícia, já pela actual carestia de todas as obras estrangeiras, já pelo obstáculo que a maioria encontra no ler o inglês e o alemão. O primeiro Boletim, publicado já, contém instruções para o emprego fácil dos modernos processos de ensinar a ler; era minha intenção que explicasse o segundo a organização e funcionamento das sociedades escolares florestais, e expusesse o terceiro algumas modernas directivas do ensino primário e secundário das ciências naturais. Encontrei em grande atraso o pagamento dos professores primários interinos, e não tive tempo de remover as dificuldades burocráticas que se opunham à solução rápida dessa triste situação. Tenho redigida uma proposta de lei sobre o assunto, que deponho nas mãos de V. Ex. ^a. Criei um serviço especial de cinematógrafos circulantes, com fitas instrutivas, fazendo-se uso de um Pathé-Baby que me foi oferecido pelo Sr. Moquenco, para a Junta de Orientação dos Estudos. Trabalho na organização de uma sociedade particular de indivíduos beneméritos, para aquisição de aparelhos e fitas, e sua distribuição pelas escolas e universidades populares; interessa-se por este assunto o Sr. José de Mattos Braamcamp. (...) A Comissão do Intercâmbio Universitário com a França foi transformada em Comissão de Intercâmbio Intelectual, generalizando-se a sua alçada a todos os trabalhos intelectuais, e às relações com todos os povos. Estão iniciadas negociações para intercâmbio com a Alemanha, a Espanha e a Itália. Pelo que respeita à Alemanha, era minha ideia determinar a vinda de professores deste país, pela conta das reparações ou das cargas dos navios ex-alemães, inclusive para as aulas de carácter técnico de uma escola de continuação modelo, que pretendia criar no Porto. Está pendente um projecto de aumento de propinas que permitiria libertar a verba de 250 contos inscrita no orçamento para material escolar dos vários liceus, e metade da destinada às Universidades. Estas somas tencionava eu propor que se repartissem por serviços que carecem de recursos; entre as aplicações mais necessárias, figura uma anuidade para pagamento de juros e amortização de um empréstimo destinado a melhorar as instalações dos liceus do Porto, um reforço à dotação da Faculdade Técnica desta cidade, e subsídios a publicações científicas e a universidades populares. (...) Está pendente dos Deputados um projecto de lei que ali apresentou um dos nossos antecessores. Tendo sido chamado a interferir na redacção desse projecto, e a dar-lhe uma revisão sumária de carácter pedagógico e estilístico, quase que só prestei atenção à sua parte pedagógica, pois no que respeita à administrativa havia divergências fundamentais entre mim, por um lado, e pelo outro o Sr. Faria de Vasconcelos e o Ministro Sr. João Camoesas: a reunião de todos os órgãos no gabinete do Ministro, sob a presidência do respectivo chefe, julguei-a sempre insustentável. Parecendo-me boas as intenções daqueles senhores, e as genéricas directrizes da parte pedagógica do projecto, prestei-lhes a minha colaboração, com a condição de se pôr em relevo o que eu classificava de susceptível de realização imediata, e reservando-me o discutir pormenores quando chegasse a oportunidade. Não pude impulsionar a discussão do projecto durante a minha estada no Ministério, porque o Sr. Dr. João Camoesas, membro e presidente de uma das Comissões parlamentares de instrução pública, declarou-me ser-lhe impossível o tratar de tais assuntos (porque estava então a fazer um livro) quando lhe propuz o continuarmos no sistema de colaboração que havíamos seguido enquanto S. Ex. ^a era Ministro. Pelo que toca ao Dr. Faria de Vasconcelos, sofreu de desgostos e de doenças, que o impediram de trabalhar e de falar comigo, desde a minha entrada no Ministério. Por isso, repito, nada pude adiantar em tal assunto. Tal é, em resumo, o estado em que deixo as diferentes questões, que V. Ex. ^a impulsionará ou modificará, conforme lhe ditar o seu bom critério.

Reiterando os meus protestos de consideração, e agradecendo a V. Ex. ^a a gentileza das amáveis palavras que me dirigiu, subscrevo-me

De V. Ex. a
M. ° At. ° Venr. e Obgd. °
ANTÓNIO SÉRGIO

P. S. – Ao redigir apressadamente este relatório, esqueci-me de mencionar um assunto que já verbalmente tratara com S. Ex. ^a: o das Escolas Primárias Superiores (1). Era minha ideia (com que S. Ex. ^a concordou) que os trabalhos de gabinete e de inspecção para a reforma do Ensino Primário Superior estivessem ultimados antes de Julho, de maneira que durante as férias se preparasse tudo para a abertura das escolas reformadas no princípio do próximo ano lectivo. S. Ex. ^a, como disse, concordou comigo, e nesse sentido se está trabalhando actualmente. – A. S. (N. ° 34 – 9/IV/24)

(1) Criadas por decreto de 5 de Maio de 1919 (ministro Leonardo Coimbra) em substituição das antigas escolas normais de Lisboa, Porto e Coimbra e das escolas de habilitação ao magistério primário das restantes sedes de distrito, as Escolas Primárias Superiores foram providas de pessoal docente dotado de preparação discutível. Por decreto de 7 de Janeiro de 1924, o ministro António Sérgio ordenava a suspensão do seu funcionamento para a respectiva reorganização, que seria efectuada por decreto de 4 de Junho do mesmo ano pelo ministro Helder Ribeiro. Seriam extintas por decreto de 15 de Junho de 1926 pelo ministro Mendes dos Remédios, interrompendo-se, praticamente até 1942, a formação de professores, substituídos por regentes escolares.

Cabe neste passo um pequeno comentário de Sinopse sobre o trabalho teórico de Sérgio bem como sobre as suas intenções de acção. Assim, em relação às ideias pedagógicas de António Sérgio podemos considerar a importância que deu à Educação Infantil, expostos por Luísa Sérgio em O Método Montessori; procurou (noutro plano) ligar a Instrução Popular às actividades produtoras da região em que a escola se inseria, ideia defendida no seu texto Educação Profissional. Tentou explicar a História de Portugal segundo determinantes económico-sociais, como estabelecido nas Considerações histórico-pedagógicas. Enquanto Ministro da Instrução Pública, sublinhou a importância de bolsas de estudo no estrangeiro, assunto mencionado em O Problema da Cultura e o isolamento dos Povos Peninsulares.

Combateu o ensino puramente baseado na memória, como se vê nas Noções de Zoologia; queria treinar futuros cidadãos democratas pelo emprego de métodos da democracia política, tese base da Educação Cívica. Tentou desenvolver a organização do Ensino Público, defendendo a necessidade de desenvolver o “ensino de continuação”, proposta surgida no seu texto O Ensino como factor de Ressurgimento Nacional. Quando António Sérgio prefacia a edição portuguesa do Transformemos a Escola, de Adolphe Ferrière, diz: *“Dois grandes objectivos incumbem à escola do futuro: um deles, a anulação progressiva dos antagonismos sociais, e instauração da sociedade justa, pela Escola Única do Trabalho; outro, a realização da Liberdade na vida da gente adulta, pela educação das crianças no regime da Liberdade”; pretendia assegurar “a união do ensino com a actividade produtora”.*

Para além de uma actividade meramente situada no campo educativo, Sérgio, enquanto Ministro, fundou o Instituto Português do Cancro e lutou para o desenvolvimento, em Portugal, de um forte movimento Cooperativista, que viria a perdurar, pelo tempo fora, nomeadamente ao nível das Cooperativas de Habitação.

1. 3. A oposição política ao salazarismo.

António Sérgio passou à oposição, com a implementação do regime saído do 28 de Maio de 1926. Exilou-se em França (durante 7 anos). Com uma carta de Paul Langevin¹⁷ que o apresentava ao representante da França na Sociedade das Nações, terá conseguido que um empréstimo na altura pretendido pelo governo português não fosse concedido. (Foram feitas exigências deliberadamente exageradas ao governo português).

Sérgio foi para Santiago de Compostela aonde leccionou (em 1933) regressando a Portugal com uma amnistia.

Sofrendo nova prisão por oito meses e sendo depois expulso, vai para Madrid. Com nova amnistia volta a Portugal dedicando-se ao ensino. Entretanto dá-se a Guerra Civil de Espanha. A Grande Depressão (começada em 1929 nos Estados Unidos) viria a repercutir-se sucessivamente pelos mais diversos países do mundo, como uma onda de choque arrasadora da economia. Nesta altura, Portugal era um País com baixos índices de desenvolvimento e de rendimento per capita, uma grande taxa de analfabetismo, e *“a doutrina do Regime de Salazar era influenciada, em boa parte, por correntes de pensamento político (...) como o Fascismo de Mussolini”*.¹⁸.

Em Espanha, problemas de vária ordem também se verificaram, em parte devido à já citada Depressão de 1929. Em 1936 uma coligação vasta (englobando socialistas, anarquistas e comunistas) denominada Frente Popular conquistou o poder. A revolta das forças conservadoras – de carácter essencialmente militar – contou com o auxílio

¹⁷ Esta carta ilustra o facto de Sérgio ser amigo de Paul Langevin e de este depositar grande confiança no pedagogo português .

¹⁸ Reis, A. do Carmo, Nova História de Portugal, Editorial Notícias, Lisboa, p. 156.

activo dos países fascistas – Itália e Alemanha – que enviaram para Espanha homens e material de guerra. Os países aonde se vivia num regime democrático – como a França – optaram por uma neutralidade que na prática favoreceu os franquistas. À excepção da União Soviética – que apoiou a República Espanhola, só pessoas – a título individual – fizeram o mesmo, constituindo as Brigadas Internacionais; aí combateram personagens famosas em todo o Mundo como Hemingway ou Eric Blair – conhecido como George Orwell. Mas não era possível à população espanhola nem aos “Brigadistas” enfrentarem um exército regular e com apoios praticamente sem fim, dos pontos de vista logísticos e materiais. As democracias europeias acobardam-se e deixam morrer a República Espanhola – que nascera de eleições. A República sucumbe em Espanha em 1939¹⁹. Isto significa que com a vitória das forças franquistas em Espanha, o próprio salazarismo sai reforçado. Em 1939 começa a Segunda Guerra Mundial, a que Sérgio assiste, constatando-se no seu fim, em 1945, horrores como o Holocausto; a França fora derrotada pelo exército nazi; a Inglaterra, mais uma vez, necessitava da ajuda Norte-Americana e pode dizer-se que esta Guerra, que assinala a entrada da Humanidade na Era da Guerra Atómica, “*consagrou diplomaticamente a inexistência da Europa*”.²⁰.

Neste conflito serão inaugurados novos conceitos, como o de «Blitzkrieg»²¹; “*nenhuma outra guerra causou tantas vítimas, mortos ou dados como desaparecidos. O seu número é estimado entre 50 e 60 milhões, sendo uma forte proporção constituída por civis*”.

O regime salazarista, tal como o franquista, será, depois da Segunda Guerra Mundial – com a chamada “Guerra Fria” – admitido em várias instâncias oficiais internacionais –, o que o fortalece enormemente e torna muito difícil a luta de pessoas como Sérgio, tantas vezes ingloria e até utópica. Com o fim da Segunda Guerra Mundial, “*em 1945 a União Soviética tinha medo. Sem dúvida que o Exército Vermelho era o primeiro do mundo pelo número e pela qualidade e, em matéria de armamentos tradicionais, o exército americano pouco contava. Mas os Estados Unidos acabavam de aplicar em Hiroxima e Nagasaki, no Japão, uma arma terrível, a bomba atómica, de que eram então os únicos detentores*”.

O nosso autor, na década de 50 (em 1953) presidiu à “Comissão Promotora do Voto” e, na opinião de Henrique de Barros e Fernando Ferreira da Costa “*foi Sérgio quem, após com ele se ter relacionado com finalidades conspiratórias, lançou o nome de Humberto Delgado, recém mas veementemente convertido à Democracia, para candidato oposicionista apto a vencer as eleições presidenciais de 1958. (...) foi também ele, Sérgio, um dos que mais intensamente se empenhou na luta pela aceitação desta candidatura por todas as forças oposicionistas (...) sabe-se que A. Sérgio e Humberto Delgado contactaram muito no ano de 1958*”²².

É possível que pretendesse com isto gerar ‘fracturas’ no interior do salazarismo, dado que Delgado era (no início) um “homem do regime”²³, sendo mais tarde General “dissidente”? Parece ter sido assim. (Curiosamente – ou talvez não – o regime político de “Salazar/Caetano” – segundo a designação de Rómulo de Carvalho, sobreviveu apenas 5 anos à morte de A. Sérgio.) No plano internacional é neste ano de 1953 que morre Stalin e “no Congresso do Partido Comunista da União Soviética, em Fevereiro de 1956, Krutchev condenou o estalinismo”²⁴. António Sérgio permanece fiel a si mesmo e nestes anos, continua a colocar em dúvida todos os regimes políticos não baseados no sistema democrático, mas, não sendo nunca um aliado do Partido Comunista Português, mostra-se alheio às mudanças de que acabei de falar: quer dizer – este homem tão informado – não estava particularmente interessado em mudanças pontuais nos regimes políticos de outros países; pode dizer-se que o seu pensamento e a sua acção, por escolha própria, visam a realidade portuguesa.

Falamos de um homem de pensamento e acção. Como todos os grandes homens, tinha dúvidas. “*(...) não foi- como tem expressado Victor Sá -, não quis ser um historiador (...); Sérgio foi um satírico do academismo, do dogmatismo e do especialismo infecundo*”^{25,26}. *Terá sido até “(...) uma voz da má consciência do colonialismo português*”²⁷.

¹⁹ “O apogeu do fascismo na Alemanha e Itália coincide com o final da Guerra Civil. Nesse mesmo ano, as tropas hitlerianas iniciam a invasão da Europa e o extermínio de povos inteiros. Será a guerra imperialista mais feroz: a II Guerra Mundial(...)”. Rodríguez, Herminio Barreiro, Lorenzo Luzuriaga y la Renovación Educativa en España (1889-1936), Edições do Castro, A Coruña, 1989, p. 102.

²⁰ Dreyfus, F. G., Marx, Roland e Poidevin, Raymond, História Geral da Europa, Publicações Europa-América, Lisboa, 1990, p. 438.

²¹ Delouche, F., Aldebert, Bender, Grusa, Guarraccino, et. al., História da Europa, Lisboa, Minerva, 1992.: por este conceito entende-se “Guerra Relâmpago”; depois dos bombardeamentos maciços a civis, a Guerra seria doravante, Total: foi este um dos aspectos mais terríveis da Segunda Guerra Mundial: apesar da existência - não denunciada da Convenção de Genebra - o facto é que as Guerras posteriores à de 1939/45, passaram a encarar como inimigo todos os “contrários” e não só os militares. Ver op. cit., pp 342-347.

²² Barros, Henrique de e Costa, Fernando Ferreira da, António Sérgio: uma nobre utopia, cadernos “O Jornal”, 1983, p. 75.

²³ Veja-se o artigo sobre Humberto Delgado, na Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira, Vol. 8, p. 515.

²⁴ História Geral da Europa, op. cit., p.455.

²⁵ Sá, Victor, A Historiografia Sociológica de António Sérgio, Biblioteca Breve, Edições ICALP, p. 11.

²⁶ Idem, p. 17.

²⁷ Idem, p. 17.

Não estou de acordo com este ponto de vista, pois Sérgio afirma: *“Somos um país colonial e creio que devemos continuar a sê-lo; fomos um país de navegantes, de inovadores, de cosmopolitas, e creio que devemos continuar a sê-lo; simplesmente, se não estou em erro, para podermos sê-lo de maneira plena releva primeiro organizar a sério os nossos alicerces metropolitanos (...). Digamos que Portugal é uma casa-mãe de sucursais espalhadas pelo mundo inteiro. Posto isto, qual é a ideia que eu quis propor? A de que a casa-mãe deverá ser sólida, e um centro de trabalho e de criação pujante, para que resulte proveitoso e assegurado o organismo formado pelas sucursais”*²⁸. Não se nota aqui qualquer traço de «má – consciência».

Neste aspecto, como vemos, estava Sérgio distante da maior parte dos opositores de Salazar. Não sei o que pensou dos movimentos independentistas das colónias portuguesas, mas parece altamente provável que discordasse da sua acção, pelo que acabo de expor e também porque tais movimentos – P. A. I. G. C. na Guiné-Bissau e Cabo Verde, M. P. L. A. em Angola e FRELIMO²⁹ em Moçambique -eram politicamente marxistas, não atendendo à realidade sócio-cultural africana, o que viria a provocar graves problemas depois da independência dessas colónias portuguesas³⁰. Sérgio, o homem que escrevera sobre o seu país O reino Cadaveroso ou o problema da cultura em Portugal, o homem que tanto lutou, terá desacreditado? No jornal República de 26 de Novembro de 1958, lê-se: *“Nota oficiosa: Foi-nos enviada a seguinte Nota oficiosa: Foram detidos para averiguações os Srs. Jaime Cortesão, António Sérgio de Sousa, Drs. Mário de Azevedo Gomes e Francisco Vieira de Almeida. As prisões tiveram lugar em virtude de as suas assinaturas figurarem em manifestos subversivos que têm sido distribuídos clandestinamente. Em alguns desses manifestos figura também a assinatura do Sr. General Humberto Delgado. Por este motivo e também por muitos outros actos do conhecimento geral foi-lhe mandado instaurar processo no Subsecretariado de Estado da Aeronáutica”*.

Como terá reagido este homem, depois das eleições de 1958, com a evolução política do país, com o assassinio, ocorrido mais tarde, de Humberto Delgado e da sua secretária, de nacionalidade brasileira, Arajarir de Campos, em Espanha, assassinio esse cometido com a inevitável cumplicidade das autoridades franquistas, pela polícia política portuguesa, a PIDE ?

Sérgio, que acreditava na humanidade³¹, remeteu-se a um recolhimento do público nos últimos anos de vida³². Note-se que o optimismo antropológico sergiano tinha um carácter de crença. Constatara já – sem dúvida – que *“no meio dessas maravilhas da técnica científica que são o bombardeamento aéreo, os gazes asfixiantes, os obuses monstros (...) os métodos científicos não são por isso, os mais humanos”*³³.

Constituído em ideólogo de um vago oposicionismo ao regime caído em 25 de Abril de 1974, o que lhe aconteceria se vivesse hoje? Talvez não fosse compreendido, ou fosse esquecido. Aliás, a sua habitação, executada segundo a visão do importante arquitecto português Raúl Lino, chegou a um *“estado de ruína generalizado, com a deterioração dos elementos da estrutura, de paredes e de componentes do edifício, foi o que se verificou quando se procedeu ao levantamento da casa, em 1982, com vista à elaboração do projecto de recuperação (...) na diferente situação política e social que se segue ao 25 de Abril, centram-se nesta casa dois factores dinâmicos mas contraditórios: a ocupação e utilização por ex-residentes das colónias portuguesas, o movimento de opinião pública em torno da figura e da obra de António Sérgio de par e passo com o forte desenvolvimento do cooperativismo. Ao primeiro factor, decorrente das circunstâncias e da escassez endémica do parque habitacional, corresponde a degradação acelerada da casa, com incêndios, inundações, desmandos e mau uso, com caixilharias, portadas de vãos e rodapés sacrificados ao fogo da cozinha e às lareiras improvisadas no inverno pelas numerosas famílias que a co-habitam”*³⁴.

A casa foi reaberta, depois de reconstruída, por Mário Soares, já como Presidente da República, em Novembro de 1988. Diga-se que Raúl Lino é considerado dos mais importantes arquitectos portugueses do século XX. Tentou criar a “casa portuguesa”. Teve conhecidos clientes *“o pianista Rey Colaço e Batalha Reis que lhe confiaram*

²⁸ Sérgio, António, “Notas de política”, Ensaios, tomo III, p. 188.

²⁹ Estas siglas significavam respectivamente: “Partido Africano para a Independência da Guiné e Cabo Verde”, “Movimento Popular de Libertação de Angola” e “Frente de Libertação de Moçambique”.

³⁰ Esses problemas foram: Guerra Civil em Angola entre MPLA e UNITA, esta última de orientação «ocidental»; Secessão entre a Guiné-Bissau e Cabo Verde, com episódios lamentáveis de execuções sumárias e constituição de novos partidos independentes uns dos outros; Guerra Civil em Moçambique entre FRELIMO (Marxista) e RENAMO (pró-ocidental); em 2000, o conflito angolano parece não acabar, 25 anos depois da retirada total dos portugueses.

³¹ Sérgio, António, “Creio na ascensão da humanidade, na possível regeneração da minha Pátria”. “Regeneração e Tradição, Moral e Economia”, Águia, 2ª série, nº 25 Janeiro de 1914 pp. 3-9.

³² Sá, Victor, “Sérgio ficará silencioso, até ao final da sua vida, a 24 de Janeiro de 1969”. - A historiografia sociológica de António Sérgio, Biblioteca Breve, Edições ICALP, p. 94.

³³ Branco, J. Oliveira, O Humanismo crítico de António Sérgio, p. 119, cita o Ensaio “Ciência e Educação”, de Sérgio, Ensaios, tomo I, p. 97.

³⁴ Casa António Sérgio, publicação do Ministério do Planeamento e Administração do Território, execução gráfica do INSCOOP, Instituto António Sérgio do Sector Cooperativo, Lisboa, s/d., pp. 6-9.

moradias perto de Cascais (...) Ao mesmo tempo (1904), José Relvas dava-lhe a fazer o solar de Alpiarça. Amigo desta geração de intelectuais, de Oliveira Ramos e de Lopes Vieira (e também de António Sérgio), Raúl Lino compunha as suas ideias de acordo com um sentimento nacional que o levava às fontes de uma tradição plástica «genuinamente portuguesa»³⁵.

Raúl Lino (1879-1974) deixaria apreciável obra, da qual José Augusto França destaca a casa António Sérgio.

1. 4. O Cooperativismo Integral.

É Sérgio quem utiliza esta expressão – cooperativismo integral; sucede que depois do que disse sobre a casa de Sérgio parece incrível que o Cooperativismo, nomeadamente o da habitação tenha sido, de entre todos os seus projectos, o que mais força ganhou, embora Sérgio representasse, como homem de ideias, muito mais do que isso. Talvez por esse motivo, nos seus últimos dez anos, porventura descrente da própria “ascensão da humanidade”³⁶, nada disse ou fizesse de relevo. Talvez Sérgio duvidasse da possibilidade de modificar o País.

Como nota J. K. Galbraith, “A palavra revolução pronuncia-se com demasiada facilidade; as revoluções estão sempre ameaçadas. Se soubéssemos como é difícil fazer uma, usaríamos menos a palavra e os conservadores preocupar-se-iam menos com esse perigo. Estão hoje muito, muito mais seguros do que imaginam”³⁷.

No seu funeral (noticiado por vários jornais de âmbito nacional, apesar da Censura), em 25/1/69³⁸, “(...) já no cemitério, à hora de enterrar, ainda a polícia carregou sobre a multidão que o acompanhava naquela tarde fria e chuvosa”³⁹.

Refira-se que estiveram aí presentes inúmeras pessoas representantes dos mais diversos quadrantes da vida económica, social e política de Portugal⁴⁰. Tem sido triste o destino de muitos homens que procuraram esse outro mistério, a que por convenção chamamos verdade⁴¹. Cada homem acaba por ter uma verdade, a sua verdade. Giordano Bruno foi queimado pela verdade, mas é necessário ser inflexível, para se chegar a esse ponto; ora, Sérgio não pretendeu morrer pela verdade, não por cobardia, mas antes, por lucidez. É verdade (como vimos) que depois de 1959 se recolheu do público, mas segundo alguns que com ele continuaram a privar, manteve as suas capacidades mentais e críticas⁴². Durante a sua vida teve períodos depressivos, sendo inclusivamente tratado; mas nada disso o diminui, e é certo que manteve, durante a vida, grande coerência, inclusivamente no que respeita à sua crença na possibilidade de ascensão da Humanidade. A vida e a obra de Sérgio estão ligadas de forma profunda. Não pretendeu construir um «Sistema» filosófico; daí o facto de escrever «Ensaio». No entanto, manteve uma grande constância lógica no pensamento e acção, o que foi designado por “Idealismo Crítico”, mesmo por adversários ideológicos como Vasco de Magalhães-Vilhena. Vimos as razões que assistiam a Sérgio para se considerar Idealista; é importante notar que o seu Idealismo é honesto, sentido, não é «a-crítico». Seria isto de que constava o Cooperativismo Integral? Penso que sim: uma luta pela interligação entre melhoria do estado material e económico do povo português, que Sérgio entendia não se poder fazer sem a melhoria do estado global da Educação; no entanto voltamos ao ponto focado por Herminio Barreiro Rodríguez – o da transformação política; mas é também verdade que Sérgio lutou por essa transformação toda a vida.

“Aos 32 anos de idade, no epicentro da Educação Nova, António Sérgio decide falar da sua “infância desescolarizada” e dos autores que mais o influenciaram, do seu desprendimento pela política e da sua crença no valor dos factores educativos (na família, na comunidade de trabalho, na escola). A sua escrita é legitimada por uma já significativa experiência social e profissional, bem como pela publicação de alguns trabalhos. O estilo de António Sérgio está bem presente nesta autobiografia. A vários títulos. . . A sua estatura impõe-se. Este homem não é um homem vulgar”.

³⁵ França, José Augusto, A Arte Em Portugal No Século XIX, Lisboa, Bertrand, vol. 2, 1990, pp154-155.

³⁶ Vivendo num país longe das reformas educativas por ele propostas - até há poucos anos com perto de 30% de analfabetos - o maior índice europeu. (Veja-se em Sistema de Ensino em Portugal, op. cit., p. 33 - gráfico II, por Marques, Oliveira, que em 1960 a taxa de analfabetismo era ainda superior a 30%. Sérgio faleceu em 1969.) Ainda em 1993, a taxa de analfabetismo em Portugal era superior a 10% da população, segundo dados oficiais. Em 2000 o PNUD relata que Portugal tem o mais baixo desenvolvimento humano dos países da U.E..

³⁷ Galbraith, John Keneth, A Era da Incerteza, uma História das ideias económicas e das suas consequências, Moraes, Lisboa, Junho de 1980, p. 82.

³⁸ Ver fotografia.

³⁹ Sá, Victor, A Historiografia sociológica de António Sérgio, Biblioteca Breve, Edições ICALP, p. 94.

⁴⁰ Ver fotografia.

⁴¹ Jesus respondeu-lhe: "(...) Nasci e vim ao mundo para dizer o que é verdade. Todos os que vivem da verdade ouvem aquilo que eu digo". Pilatos perguntou-lhe: "Mas, o que é a verdade?" Evangelho de João, 18, 37-38.

⁴² Fernandes, Henrique Barahona, Da Psicologia para a Epistemologia - o Humanismo criativo de António Sérgio, Lisboa, Academia das Ciências de Lisboa, 1976, p. 90.

Daniel Hameline e António Nóvoa citam igualmente Rui Grácio⁴³ que afirma muito justamente que *“considerada no seu conjunto e no seu objectivo derradeiro, é de pedagogo a obra de António Sérgio.”* E ainda: *“Outros autores corroboram esta ideia: Vasco de Magalhães-Vilhena refere que “à maneira dos gregos, a filosofia de Sérgio é essencialmente uma pedagogia social, ou, mais propriamente uma paideia”;* J. Oliveira Branco sublinha que *“a pedagogia sergiana vai assim muito além do campo específico do ensino”*.

O próprio Sérgio define-se sistematicamente como pedagogo, no sentido abrangente do termo. Na entrevista a O Diabo, em 1940, afirmara: *“não me considero um literato ou um escritor, mas um pedagogo ou um pregador que escreve”*. E em 1958, quando Igrejas Caeiro lhe pergunta se gosta de ser considerado como professor, escritor, economista ou sociólogo, a sua resposta não se faz esperar: *“Talvez filósofo, sociólogo e reformador social. . . e pedagogo.”*

É por isso que Joel Serrão, ao escrever o seu António Sérgio, o Educador aborda não tanto o aspecto pedagógico da obra sergiana, mas sobretudo a sua missão de educador, no sentido etimológico da palavra (condutor, “maître à penser”)⁴⁴.

1. 5. Uma vida de luta.

A feição heróica da vida de Sérgio é referida por Duque Vieira, de forma tocante: *“ Na última doença da mulher do pensador, Reis Machado, que morria pouco depois, falou-me com enfado na pessoa de Sérgio, com as mãos da mulher nas suas, curvado sobre ela, não prestando atenção a mais nada. Eu pensava de outra forma, bem diferente do que me dizia o meu amigo. Eram as recordações de uma vida que devia ser feliz e foi muitas vezes tormentosa. O afastamento decisivo da marinha, o exílio do Brasil, outros exílios, a constante luta, a prisão e a caminhada dela para lá, levando o que ele precisava, a incerteza de sempre. Não teve o dom da maternidade e pertencia-lhe uma vida tranquila e feliz. Seu marido tudo isto vê, e era isso mesmo que lhe passava pelo espírito torturado, enquanto se debruçava carinhosamente sobre sua mulher moribunda.”* – Refira-se que Sérgio terá dito a Duque Vieira que não tivera filhos para melhor se dedicar aos seus ideais⁴⁵. Sabemos hoje que Luísa Estefânia foi uma grande paixão da vida de Sérgio, paixão de juventude. Em *“Cartas inéditas de António Sérgio”*⁴⁶, Matilde Pessoa de Figueiredo Sousa Franco, sobrinha-neta de António Sérgio, diz ter encontrado, em 1973, “por um feliz acaso” algumas cartas com poemas e manifestações apaixonadas de António Sérgio pela sua esposa, Luísa Estefânia Gerschey da Silva.

Se ele, como diz Duque Vieira, sacrificou grande parte da sua felicidade pessoal à realização dos seus ideais, isso é mais um aspecto que prova que a Honra, era um grande valor, para muitos homens, naqueles tempos. Com efeito, não foram raros os exemplos deste género – de luta apaixonada e constante por um ideal – algo que se terá perdido com o tempo.

⁴³ “Autobiografia Inédita de António Sérgio”, cit. , notas à margem, p. 159.

⁴⁴ “Autobiografia inédita de A. Sérgio”, cit. , notas à margem, p. 159.

⁴⁵ Vieira, Duque, “António Sérgio”, in Estudos de Castelo Branco, s/d p. 109.

⁴⁶ Franco, Matilde Pessoa de Figueiredo Sousa “Da juventude de António Sérgio”, algumas cartas inéditas, António Sérgio - Número Especial do 1º Centenário do seu nascimento, coordenação de Catroga, Fernando e Homem, Amadeu José Carvalho, Universidade de Coimbra, 1983, Revista de História das Ideias -5, pp. 788-790-d.

2 Situação Social e Educativa em Portugal, os fins do Século XX a 1969

2.1. Introdução

“No Portugal Contemporâneo, jamais escassearam os doutrinadores capazes das definições das metas a alcançar, no tocante à educação exigida e exigível por uma sociedade programaticamente liberta, ou, melhor, a caminho da sua transformação, tal como esta era postulada na tríade burguesa da Liberdade, Igualdade e Fraternidade. Nenhum dos grandes vultos da cultura portuguesa deixou, aí, de contribuir ou com reflexões de escopo educativo tantas vezes bem pertinentes (Garrett, Herculano, Ramalho Ortigão, Oliveira Martins, António Sérgio, entre outros), ou com iniciativas de teor especificamente escolar (Castilho, João de Deus, por exemplo), ou ainda, pautando as suas obras literárias por propósitos de pedagogia social, como é o caso de grande parte da obra romanesca de Eça de Queiroz e de quase todos aqueles que lhe seguiram no encaço”⁴⁷.

Podemos então perguntar-nos qual a razão de sempre ter havido uma tão grande distância entre o que se devia fazer a nível educativo e o que de facto era realizado. Segundo Joel Serrão o que aconteceu foi que a sociedade portuguesa vivia e reagia segundo modelos ancestrais, que só muito ao de leve foram tocadas pelas aspirações ideológicas dos mais significativos mentores culturais. *“Era como se se pensasse uma coisa e só se pudesse fazer outra, porque se mostrava inviável afeiçoar as realidades sócio-económicas, mentais e culturais aos desígnios programático-ideológicos, impostos de fora para dentro, de alto para baixo, sem recurso às necessárias mediações. Era como se a ideologia, culturalmente importada, fosse rejeitada pelas feições antropológicas e etnográficas predominantes em largos estratos da sociedade global. Assim, que um António Sérgio, por excelência pedagogo da emancipação individual mediante a assunção do Bem, implícito na prática de uma dada racionalidade, se tenha encontrado em conflito com as realidades educativas quer da 1ª República (1910-1926), quer do Estado Novo (1933-1974)”⁴⁸.*

2.2. De 1870 à implantação da República (1910)

Todo o século XIX em Portugal é palco de avanços e recuos no campo do ensino em todos os seus níveis. Assim, sucedem-se as reformas que raramente passam dos textos legislativos, a literatura pedagógica e as declarações de intenções.

“O desenvolvimento do capitalismo português, na sua unidade fundamental e na diversidade das suas orientações, não determinou entre nós um alto desenvolvimento das forças produtivas. O sistema escolar português não ultrapassou, por isso mesmo, os limites dos estreitos interesses económicos e culturais da burguesia. Nunca se alcançou a democratização real da Educação e da Instrução”⁴⁹.

Em 1870 foi criado o Ministério da Instrução Pública.

Até aí, o Ministério do Reino tratava da Administração, Beneficência, Polícia, Política Geral e Saúde. Fontes Pereira de Melo fora um bom governante e autonomizara o Ministério das Obras Públicas – o que mais o sensibilizava.

Na década de 70, dois poetas, António Feliciano de Castilho e João de Deus, foram importantes como pedagogos. João de Deus publica, em 1876, a Cartilha Maternal, graças à qual muitos milhares de portugueses aprenderiam a ler. Os partidários de Fröbel criticaram a Cartilha, que chegou a ser objecto da atenção crítica do governo, mas essa obra era, sobretudo para o seu tempo, excelente.

Desde a década de 70 do séc. XIX, começa a publicar-se o Anuário Estatístico de Portugal. *“Em 1878, a população total é estimada em 4550699, dizendo-se que os analfabetos totais correspondiam a 82,4%. O Século XIX terminou em Portugal com 24 Liceus frequentados por 2848 alunos, dos quais 59 eram raparigas”⁵⁰.*

No final do Séc. XIX e início deste século, Portugal era um país rural. A população não chegava aos 5,5 milhões de habitantes, dos quais cerca de 4,5 milhões viviam no campo. A população urbana estava principalmente concentrada nas 2 maiores cidades (Lisboa e Porto). País rural, Portugal era também analfabeto – 3/4 dos seus

⁴⁷ Serrão, Joel, "Perspectiva Histórica do Ensino em Portugal", in O Futuro da Educação nas novas Condições Sociais, Económicas e Tecnológicas, coordenação de Loureiro, João Evangelista, Universidade de Aveiro, Aveiro 1985, p. 50.

⁴⁸ Idem, op. cit., p. 51.

⁴⁹ Fernandes, Rogério, O Pensamento Pedagógico em Portugal, Lisboa, ICALP, 1978, pp 93-94.

⁵⁰ Carvalho, Rómulo, História do Ensino em Portugal, op. cit., p. 614.

habitantes não sabiam ler nem escrever ; a influência dos caciques e das “forças vivas” locais sobre a grande massa da população era enorme; os padres e os professores da instrução primária eram, em muitas regiões, os únicos agentes culturais, o que lhes concedia um estatuto social muito importante.

Se durante o Século XIX os clérigos seculares tinham perdido muita da sua influência, o clero regular tinha conseguido reorganizar-se. Em 1901, uma lei modifica essa situação, autorizando o regresso dos religiosos desde que a sua acção não ultrapasse o quadro “educativo ou caritativo”⁵¹. No início deste século, mais de 50 congregações religiosas estavam instaladas em Portugal. Tudo isto explica a importância do clero regular, principalmente dos Jesuítas, nos anos que antecedem a República.

As classes sociais que se identificavam com o projecto republicano eram as classes médias urbanas. Segundo Joel Serrão, a República era a esperança de um povo humilde de cidades humildes. O texto legislativo que marca os 10 últimos anos da Monarquia, é a reforma de 24/12/1901 de Hintze Ribeiro. Este documento é importante por dois motivos:

- 1- Porque a sua concepção se integra perfeitamente no espírito pedagógico do Século XX;
- 2- Porque é precedido de um relatório em que cada medida da reforma é confrontada e justificada, com um estudo comparativo da situação noutros países. Hintze Ribeiro escreve no relatório preliminar: *“a abertura de uma escola não faz nem nunca fará fechar uma prisão; assim como o bem-estar material não está intimamente ligado, nem é fatalmente proporcional ao grau de instrução do povo”*⁵². Pelo contrário, para os republicanos a instrução é sempre a causa mais directa e a mais imediata da prosperidade de um país.

O corpo da reforma de 1901 é composto por seis pontos:

- 1- a obrigação de frequentar a escola;
- 2- a gratuidade do ensino;
- 3- a centralização do sistema escolar;
- 4- a institucionalização do ensino normal;
- 5- a criação de um corpo permanente de inspectores;
- 6- a liberdade de ensino. Esta reforma estabelece novos salários para os professores primários, mas também medidas repressivas (proibição de reuniões de professores sem fins pedagógicos e possibilidade de suspensão de professores que ensinem doutrinas contrárias à religião do Estado).

Apesar de tudo, a taxa de analfabetismo permanecia muito elevada e a inexistência de um corpo de professores homogéneo e com formação adequada era evidente.

Dois movimentos, com origens distintas, vão reagir contra essa situação.

Um deles, que agrupava a elite pedagógica, procurava reeditar o projecto de um Congresso Pedagógico, a fim de descrever o estado da instrução em Portugal e de encontrar os meios de aumentar o seu desenvolvimento; o outro, dirigido por professores primários, tem como objectivo imediato a melhoria do seu estatuto sócio-económico. Os dirigentes republicanos, tendo compreendido a importância do papel que os professores primários podiam desempenhar no país, apoiaram-nos, prometendo-lhes uma melhoria de condições com o regime republicano. Sob a influência dos republicanos, desenvolve-se outro movimento associativo favorável à instrução primária e popular, que terá uma grande importância na História da Educação em Portugal até ao Estado Novo – 1926. Assim, os professores do ensino primário vão aderir ao movimento republicano muito mais por pensarem que a República os compensará materialmente, do que por opção política ou ideológica.

Em 1908 o ministro João Franco tenta-se por nova ditadura. Faz assinar ao rei D. Carlos I um decreto para prender e deportar opositores. O rei é assassinado em 1 de Fevereiro de 1908⁵³, agonizando a Monarquia, com novo rei, D. Manuel II, até 5 de Outubro de 1910.

A República foi um período extremamente complexo da vida portuguesa, terminando em 1926. Os republicanos pretendiam reformar a mentalidade portuguesa e muitos foram os que procuraram reformar a educação. A República é proclamada em 5/10/1910. Ideologicamente, inscrevia-se numa linha de continuidade relativamente ao liberalismo. Impregnada de uma tradição anti-clerical, a Primeira República tinha a sua base social nas classes médias urbanas; no entanto, foi um período de grande instabilidade política, fundamentalmente devida à impossibilidade de assegurar um desenvolvimento sócio-económico efectivo, o que impediu o cumprimento das promessas sociais e

⁵¹ Trata-se de um decreto do ministro Hintze Ribeiro .

⁵² In Reforma da Instrução Primária-24/12/1901.

⁵³ Facto pouco conhecido, V. I. Lenin, escreveu um artigo de análise política sobre o regicídio português .

educacionais. A problemática educacional esteve no centro do pensamento e da prática dos dirigentes republicanos. Pensavam que a causa principal da decadência de Portugal foi a política obscurantista da Monarquia e a tomada da educação de crianças e jovens pelos Jesuítas. As primeiras medidas republicanas visavam abolir o ensino da doutrina cristã nas escolas primárias e normais e interditar a actividade das congregações religiosas, sobretudo dos Jesuítas. Estes são de novo expulsos de Portugal, repondo-se a lei de Pombal de 1759, apesar da influência dos mesmos ter já diminuído muito em relação ao tempo de Pombal. Serão acusados de conspirarem contra o regime republicano.

O primeiro Decreto Educativo da República diz respeito ao serviço militar, considerando-se que *“o serviço militar obrigatório é uma aspiração legítima de todo o regime democrático”*⁵⁴.

Todos os alunos desde os 7 anos eram obrigados aos exercícios militares.

Entretanto, os problemas tradicionais no campo educativo persistiam: analfabetismo, insuficiente número de escolas primárias, deficiente preparação pedagógica e científica dos professores, como sempre, vítimas de maus salários.

Durante a Primeira República, foi produzida uma enorme quantidade de legislação sobre o ensino, mas o documento fundamental foi a reforma de 1911⁵⁵. Foi obra de João de Barros e João de Deus Ramos (filho de João de Deus), deixando como realização mais significativa os Jardins-Escola João de Deus, embora particulares.

Apesar das suas intenções revolucionárias e da negação dos princípios educativos monárquicos, esta reforma representa o seguimento natural da de 1901, nomeadamente no que diz respeito aos programas escolares, ao sistema de nomeação, às diferentes categorias de professores ou ainda ao regime de inspecção do ensino; por outro lado, determina a neutralidade da escola face à religião – “nem por Deus nem contra Deus” –, a coeducação, o ensino primário superior e a descentralização do sistema escolar.

Esta reforma criou 3 graus no Ensino Primário:

- 1- Elementar (3 anos);
- 2- Complementar (2 anos);
- 3- Superior (3 anos).

Em 1919, o grau complementar foi suprimido. O grau superior foi apoiado por grande quantidade de pedagogos que viam nesse nível um esforço para a realização da escola única, da democratização do ensino, da extensão escolar e um instrumento de nivelamento da cultura. Estas escolas, no entanto, funcionaram apenas durante 6 anos, de 1919-20 a 1924-25, o que demonstra mais uma vez a distância entre as intenções e os factos, traço que desde o séc. XVIII, caracterizou as reformas do ensino em Portugal.

Ao pugnar pela descentralização do ensino reedita-se o projecto de Rodrigues Sampaio (1878). A ditadura de Sidónio Paes decreta, em 12/7/1918, que os serviços de instrução primária serão de novo geridos pelo Estado, mas, em 10/5/1919, a descentralização volta à ordem do dia. Criam-se as Juntas Escolares que exercerão a sua actividade de 1919 a 1925.

A 19/5/1925 publica-se um decreto que retira às Juntas a maior parte das suas competências.

O balanço da reforma de 1911 é desanimador: os dois projectos mais audaciosos, o ensino primário superior e a descentralização, não conseguiram estabelecer-se efectivamente. Pela lei de 29 de Março de 1911, a preparação do professorado primário seria feita em escolas normais primárias; estas só começaram a funcionar 7 anos depois da promulgação da lei e em 1922, calculou-se em 3000 o número de professores primários desempregados, pois não foi alargada a rede escolar existente, facto profundamente lamentável. Tal apesar de a República ter visado mudar o ensino primário. O outro grau de ensino visado pelos republicanos foi o superior. O maior êxito da República foi a criação, em 22 de Março de 1911, das Universidades de Lisboa e do Porto. Em 1919, Leonardo Coimbra cria no Porto a Faculdade de Letras, que viria a ser encerrada durante longos anos por Salazar. Em 1923 é elaborado um “Projecto de Reforma da Educação”, no seguimento de um inquérito nacional ao corpo de professores.

Esse projecto não chegou a ser discutido no Parlamento. Queria-se fazer face ao estado deplorável do sistema escolar português, procurando torná-lo mais eficaz a nível social. Tal projecto mostrava-se de *“acordo com os princípios da pedagogia moderna”* e do movimento pedagógico internacional.

⁵⁴ Lei de 26 de Maio de 1911.

⁵⁵ Lei de 29 de Março de 1911.

Para muitos estudiosos da História da Educação em Portugal, entre os quais António Nóvoa, o autor desse projecto foi Faria de Vasconcelos⁵⁶. As 24 Bases da Reforma caracterizam-se pela tentativa de construir um conjunto coerente do jardim infantil à universidade, facto que nunca antes havia acontecido.

O projecto previa também a criação de Faculdades de Ciências da Educação, estabelecimentos em que os professores dos diferentes graus seriam formados.

O Ministério da Instrução Pública teve 40 ministros (fora os interinos) em 13 anos, o que dá a média de um ministro por quatro meses. De todos os ministros da Primeira República salienta-se António Sérgio, ministro por dois meses e dez dias, no governo de Álvaro de Castro (18 de Dezembro de 1923 a 28 de Fevereiro de 1924).

No final da Primeira República, menos de um terço das crianças frequentava a escola primária; dessas, apenas 4% ingressavam no Liceu. A melhor realização da Primeira República foi, no fundo, a criação das Universidades de Lisboa e do Porto.

À margem do sistema de ensino do Estado, a Primeira República constituiu um importante campo de inovação cultural e educativo. O período republicano viu nascer associações e grupos diversos, portadores de projectos culturais em que trabalharam intelectuais (principalmente pedagogos do Movimento da Escola Nova) e correntes sindicalistas revolucionárias e anarco-sindicalistas do movimento operário, o que, permite afirmar que o melhor da educação republicana se situou fora da escola.

Em 28/5/1926, em Braga, uma primeira guarnição militar revolta-se e o General Óscar Carmona impõe, a 7/7/1926, uma ditadura que duraria quase meio século. A era de experimentação social e de inovação pedagógica foi substituída por um período dominado por ideias conservadoras e tradicionalistas. A partir de 1928, o regime reforçou-se com a nomeação de António de Oliveira Salazar para ministro das finanças.

Salazar instalará o “Estado Novo”, o qual tem como base social a burguesia, ligada ao capital, à Banca e aos proprietários agrícolas. Logo no seu início, os partidários da ditadura consideravam que não era necessário combater o analfabetismo: *“A parte mais linda, mais forte e mais saudável da alma portuguesa, reside nos seus 75% de analfabetos”*⁵⁷.

Também, em entrevista de 1933, Salazar considerava como não urgente ensinar o povo a ler. Para ele, *“a Ditadura é um fenómeno [que tenta] colocar o poder em situação de prestígio e de força contra as arremetidas da desordem, e em condições de trabalhar e agir pela nação”*⁵⁸ – donde se infere o pequeno papel reservado à Educação.

Logo em 1926 se separam os sexos nas escolas. O ensino primário complementar é extinto e considerado gravoso para o orçamento do Estado. A 15 de Junho de 1926, tinham sido extintas as Escolas Normais Superiores. Os professores primários, que na Primeira República dispunham de instituições de classe com órgãos de imprensa como a “União do Professorado Primário Oficial”, viram essa instituição acusada de comunista pelo ministro da Instrução Pública, Alfredo de Magalhães, que a extingue em 27/1/1928 e manda prender os professores que a dirigem. Em 1933 é proibida a discussão pública, oral ou por escrito, de assuntos de serviço, prevendo-se suspensão do exercício e vencimento por 30 dias, e demissão no caso de reincidência.

Já em 1931 por lei de 30 de Novembro, são criados os “postos de ensino” dirigidos por “regentes escolares”, sem qualquer habilitação específica, mas apenas a comprovação de possuírem “a necessária idoneidade moral e intelectual”, para tal efeito. A partir de 1932 (Decreto de 19 de Março) o Diário do Governo apresenta 113 frases (de Salazar a Mussolini) como por exemplo: *“Obedece e saberás mandar!”*; *“Se tu soubesses o que custa mandar, gostarias mais de obedecer toda a vida!”*.

Estas frases seriam expostas nas escolas, nomeadamente nas paredes dos Liceus. Na sua larga maioria, os professores do ensino secundário não eram efectivos, não ganhavam nas férias faziam estágio a expensas próprias e tinham de vencer um difícilíssimo “Exame de Estado”⁵⁹. O ministro Cordeiro Ramos multa de 1 e 5 escudos os alunos do ensino secundário admoestados ou repreendidos; de 20 a 80 escudos aos expulsos da sala de aula e de 100 a 300 escudos os alunos suspensos. Os anos 1932-33 constituem o período decisivo de consolidação do regime salazarista: a Constituição de 1933, a publicação do Estatuto Nacional do Trabalho e uma série de medidas legislativas e sociais, assim como a adopção definitiva de uma atitude repressiva, traçam os contornos do Estado Novo.

A Escola deixa de ser considerada um instrumento de transmissão de conhecimentos (“instrução”), para passar a ser encarada como agência de formação da consciência (“educação”); com efeito o Estado Novo utilizará a

⁵⁶ António de Sena Faria de Vasconcelos(1880-1939) distinto Pedagogo português, autor inserido na «Escola Nova».

⁵⁷ Escritora Virgínia Castro Almeida, *Jornal O Século*, 1927.

⁵⁸ Salazar, Oliveira, “Princípios fundamentais da revolução política”, discurso de 30/7/1930 in *Nova História de Portugal*, op. cit., p.9.

⁵⁹ In “Estatuto do Ensino Secundário”, 18 /12/1931 .

Escola e a Igreja como aparelhos ideológicos do Estado, no sentido Althusseriano. A “escola nacionalista” de Salazar é, antes de tudo, uma empresa de endoutrinamento, relegando para um plano secundário os ideais pedagógicos do liberalismo monárquico e do republicanismo.

De um ponto de vista educativo, o Estado Novo constitui uma ruptura muito mais profunda do que a implantação da República. Baseada no 'slogan' “Deus-Pátria-Família”, a trilogia da Educação Nacional, a escola do Estado Novo considera como perigosa a simples aquisição de instrumentos culturais. Para além disso, o Estado Novo pôs em causa a secularização do ensino, na medida em que as referências aos ideais católicos devem constituir o centro da acção pedagógica: a obrigação de colocar um crucifixo, ao lado das imagens do Presidente da República e do Presidente do Conselho de Ministros nas paredes de todas as salas de aula, não é mais do que a efectivação simbólica de um pacto entre o Estado e a Igreja. É importante sublinhar que a ruptura provocada, teve sobretudo consequências a nível qualitativo. Em termos quantitativos a transição da República para o Estado Novo é menos evidente, isto é, os indicadores clássicos (taxas de analfabetismo, taxas de escolarização, desenvolvimento da rede escolar, número de professores, etc.) quase não acusam a mutação sócio-política operada pela contra-revolução de 1926.

Sublinhem-se as “tendências ruralistas” de toda a estratégia educativa do regime. A valorização da vida no campo em detrimento da vida urbana é uma das componentes essenciais dessa política. Mais uma vez a reacção à República – o regime das cidades – é evidente. Salazar é, ele próprio, um «filho do campo»: o conservadorismo rural e o pensamento católico tradicional são os dois eixos principais da sua ideologia; esta é também profundamente nacionalista, como o demonstram as tentativas para cortar os laços que existiam, nos finais dos anos 20, entre os Pedagogos portugueses e os movimentos internacionais.

Durante as três primeiras décadas do séc. XX, nem a escola enquanto instituição, nem a profissão de professor viram os seus papéis alterados relativamente ao séc. XIX, o que demonstra que o sistema de ensino do Estado possuía já uma apreciável estabilidade.

Durante o século XIX, os professores consagraram-se à propaganda das virtudes da escola. Tinham passado a funcionários públicos com Pombal; o mito da escola, da igualdade de oportunidades, surge no início do séc. XX, sendo os professores “humildes funcionários públicos”. Adolfo Lima, em 1915, defende que a educação deve ser confiada à “corporação educativa”.

Verificaram-se duas reivindicações: melhoria do nível económico e a valorização sócio-profissional dos professores primários. Como refere António Nóvoa, a construção da profissão de educador está em interacção com o aumento das necessidades do sistema educativo.

O Estado Novo contrariará todas as aspirações dos docentes a uma autonomia.

Por outro lado, o número de professores primários não parára de aumentar desde 1851; triplicara entre 1900 e 1940; paralelamente a isso, o professorado atravessou uma feminização crescente. Entre 1900 e 1940, as mulheres passaram, no corpo de professores de 37% a 76%; tal traduz a degradação do seu status porque indicia baixa remuneração, não encontrando paralelo nos outros graus de ensino. No início do séc. XX os professores primários são recrutados entre as classes sociais desfavorecidas. Para Salazar, ser professor é encarado como algo que tem a ver com “vocação” e “sacerdócio”.

Nóvoa considera que a República foi o período de glória dos professores primários, sendo eles solicitados pela sociedade a intervir como mediadores ou reguladores de conflitos. Com o Estado Novo o docente do ensino primário é obrigado, sem embargo, a abandonar todas estas actividades, devendo remeter-se à sua sala, seu único território de acção, o que aliás concorda com o que tem expressado António Nóvoa que pensa que os professores, eliminados os inovadores, têm como traços mais característicos do seu comportamento a *“aceitação passiva da ordem instituída e das ideias sociais e políticas dominantes”*. No centro disto está a definição dos professores, pelo Poder, como “missionários”; sempre foram mal pagos em Portugal; a única excepção são os anos que decorrem entre o fim da Primeira Guerra Mundial (1918) e a implantação do Estado Novo (1926). Podemos assim verificar, que os docentes terão sido bem pagos durante um período de 8 anos, sendo regra geral maltratados, pelo Poder, o que se deu mesmo no caso de ministros republicanos como António Sérgio.

A classe docente é vigiada pelos inspectores, também eles antigos professores primários. O corpo de inspectores é definitivamente instituído em 1901. Por leis de 1901 e 1911, são-lhes concedidos salários muito superiores aos dos professores. Contrariando as tendências dominantes durante a 1ª República, que queriam dar valor aos professores primários, em 1930, as escolas do magistério substituem as escolas normais. Significa isto um

abaixamento do grau de ensino que será progressivo. Em 19/7/1930, o Decreto Lei que transforma as escolas normais superiores em escolas do magistério primário estará na base de uma política absurda. A formação dos professores primários passa de 4 anos em 1928, para 2 em 1930, para 3 em 1932, chegando-se assim, em 1936, a uma situação de total confusão o que leva o regime ao encerramento das escolas do magistério primário, reabrindo em 1942 com uma organização de acordo com os objectivos ideológicos da ditadura.

Com o salazarismo, o movimento associativo professoral, entra em período de refluxo. Em 1933 decreta-se a instituição dos “Sindicatos Nacionais”, sob a tutela do Estado, o que põe definitivamente fim às esperanças de autonomia por parte dos professores primários. Na Primeira República houve contactos directos com movimentos pedagógicos internacionais. As ideias da Educação Nova tiveram grande divulgação em Portugal. Porém, tratou-se de um fenómeno urbano, sendo os seus homens de uma forma geral teóricos e não práticos, afastados da realidade quotidiana.

Pelo contrário, com o Estado Novo institui-se a visão conservadora da educação.

As primeiras décadas do séc. XX foram um período de efervescência teórica; o Estado Novo evitaria a passagem da arte à ciência na educação, preferindo a adopção dos modelos já citados, de sacerdócio, para os professores, impedindo-os de qualquer progresso e autonomia; com isto, interrompia-se o processo de profissionalização do corpo de professores do ensino primário descrito por esse autor e envolvendo 2 dimensões; desta forma, Nóvoa considera que as duas dimensões referidas abrangem os seguintes aspectos:

- 1- Conhecimento de saberes e dos 'saber-fazer' necessários ao exercício competente da função docente. Estes “saberes” devem ter um referencial teórico e tender para um contacto cada vez maior com as disciplinas ditas científicas;
- 2- A adesão a valores éticos, estéticos e deontológicos que regem, não só o quotidiano da prática docente, mas também as relações entre os membros do corpo docente e entre estes e o conjunto da sociedade.

Em 24 de Novembro de 1936, publica-se um Decreto-Lei que reconhece o horrível salário dos professores do ensino primário, pois afirma, no seu artº 9º: *“O casamento das professoras não poderá realizar-se sem autorização do ministro da Educação, que só deverá concedê-la nos termos seguintes: 1- Ter o pretendente bom comportamento moral e cívico; 2-Ter o pretendente vencimentos ou rendimentos documentalmente comprovados, em harmonia com os da professora.”*

As Escolas do Magistério Primário, encerradas em 1936, foram reabertas em 1942 mas apenas em Lisboa, Porto Coimbra e Braga, e o curso passava de três para dois anos (Decreto – Lei de 5/9/1942).

Vinte anos após o termo da Segunda Guerra Mundial, continuava a existir em Portugal a Mocidade Portuguesa – o que era um anacronismo absurdo. Em 12 de Novembro de 1966, sai um decreto que “actualiza” essa organização.

Em 10/2/1968, foi criado o curso de professores do Ciclo Preparatório (do Ensino Secundário) na Telescola, pelo ministro Galvão Teles. A Telescola teve méritos de reconhecer, pois proporcionou a muitas crianças, o acesso ao ensino.

Em Agosto de 1968, Salazar (com cerca de 80 anos) foi obrigado a deixar o governo, exonerado a 27 de Setembro de 1968 e substituído por Marcelo Caetano.

Na educação surge José Hermano Saraiva, que se manteve ano e meio no governo, durante o qual se gerou grave crise na Universidade de Coimbra.

“O fomento levado a cabo no sector do Ensino, Letras, Artes e Ciências, obedecia a uma orientação oficial de enaltecer os valores do Nacionalismo. Houve, no entanto, uma produção extremamente fulgurante em meios independentes ou da Oposição ao Regime e não poucos autores pagaram com o exílio a sua criatividade. Importa realçar pensadores como António Sérgio e Leonardo Coimbra, historiadores como Jaime Cortesão, poetas como José Régio, artistas como Almada Negreiros, escritores como Ferreira de Castro e Jorge de Sena”⁶⁰.

Como se sabe Sérgio morre nesta última fase do regime, já com Marcelo Caetano no poder.

⁶⁰ Reis, A. do Carmo, Nova História de Portugal, op. cit. , p. 163.

3 Pensamento Pedagógico de António Sérgio: uma visão Global sobre Educação e Homem

3.1. A Obra Sergiana: Temáticas fundamentais.

Como já referi, Sérgio manteve grande coerência nas suas ideias – o que se reflecte, deste modo, na sua produção teórica. Abordarei esta questão com mais detalhe quando tratar, precisamente, dessa constância de pensamento. Como balanço sobre o seu ideário pedagógico, podemos rever o essencial das teses sobre Educação e Ensino que defendeu ao longo da sua obra, dizendo que pretendia:

- 1º-Novos processos de educação infantil, expostos por Luísa Sérgio (sua esposa) em O Método Montessori de 1915;
- 2º-Ligar a instrução popular às actividades produtoras da região da escola o que sustentou em A função social dos estudantes de 1917 e em Educação Profissional de 1916;
- 3º-Estudar a História de Portugal seguindo determinantes de carácter económico, por oposição aos que reclamavam uma visão romântica da Expansão e Conquista Portuguesas, nomeadamente nas suas obras: 1 – Considerações histórico-pedagógicas de 1915; 2 – Breve Interpretação da História de Portugal, de 1929⁶¹; 3 – Introdução Geográfico-Sociológica à História de Portugal, de 1941;
- 4º – Considerar indispensável a realização de estudos no estrangeiro (que ele próprio fez) e de bolsas para esse efeito, questão que aborda em O Problema da Cultura e o Isolamento dos Povos Peninsulares, de 1914;
- 5º-Combater o ensino apenas baseado na memória, ideia que defende em Noções de Zoologia, de 1917;
- 6º-Treinar as crianças para virem a ser cidadãos democratas no futuro, pelo emprego de métodos da democracia política, como defende em Educação Cívica de 1915;
- 7º-Entender O ensino como factor de ressurgimento nacional, como diz em obra de 1918, com esse título.

Para Daniel Hameline e António Nóvoa, *“quando em 1957 relembra o seu projecto pedagógico, António Sérgio remete exclusivamente para textos publicados entre 1914 e 1919. O que Sérgio tinha para dizer sobre o ensino e a educação disse-o nesta altura, realidade de que tem perfeita consciência aos 70 anos de idade, no momento em que olha retrospectivamente para a sua obra pedagógica.”*

Segundo estes autores, em outros escritos, como O problema pedagógico de 1923, nas Virtudes fundamentais da reforma da educação, também de 1923, nos Aspectos do problema pedagógico em Portugal de 1934, ou em Sobre educação primária e infantil de 1939, quer ainda em vários textos dos Ensaio e em numerosas publicações periódicas, António Sérgio limita-se a prolongar as ideias pedagógicas produzidas de 1914 a 1919. Pode aliás considerar-se uma trilogia escrita entre 1914 e 1916: Educação Cívica; Considerações histórico-pedagógicas e Educação profissional.

Para Hameline e Nóvoa, *“Manifestamente, é entre 1914 e 1916 que António Sérgio define o seu querer em matéria pedagógica. E este querer é largamente influenciado pelas ideias em voga no Instituto Jean Jacques*

⁶¹ No Prefácio da Breve Interpretação da História de Portugal, edição de 1972, da Livraria Sá da Costa, Sá da Costa, Idalina e Abelaira, Augusto, afirmam: "A História de Portugal de António Sérgio veio a lume pela primeira vez em Espanha (1929), em tradução castelhana do Prof. Juan Moneva y Puyol, catedrático da Universidade de Zaragoza, quando o autor se encontrava exilado em França". Op. cit., p.IX.

Rousseau. Confirma-se assim a importância que a estada em Genève teve na génese do pensamento pedagógico de António Sérgio. Importância que em grande medida, tem passado despercebida.”

3. 2. Ideias-Chave da obra de Sérgio: as suas conexões.

Existe um fio condutor no pensamento sergiano que deriva do “Nó” crucial da sua personalidade: Sérgio foi um Democrata. Tudo no seu pensamento tem como pano de fundo esta noção: a Democracia é um valor fundamental. Como referirei na parte deste trabalho em que se procede a uma 'releitura' da sua obra, ele foi um herdeiro da cultura Ocidental nas suas mais profundas raízes, e nunca o escondeu. O conceito de igualdade humana vem das três raízes da civilização ocidental. A ideia judaica de um só Deus foi desenvolvida até à noção de que sendo os homens filhos de Deus são irmãos; não é pois, por acaso, que Sérgio nunca atacou o Cristianismo; para os gregos [embora seja escusado referir os limites desta ideia], a política é uma busca de consensos – opinião oposta à noção fascista segundo a qual a política é baseada na violência e no esmagamento do inimigo. Por último, o conceito de «Governo por elite», em fascismo é baseado no nascimento, na propriedade, na raça ou no sexo; pelo contrário – como notava Einstein, a elite democrática é formada pelos mais capazes e mais éticos. Tenho ainda de referir que Sérgio, por contraposição à ideologia fascista nunca entende o “Chefe” como alguém infalível, mas como todos os Democratas, entende que se devem discutir livremente os problemas: a própria Democracia pode ser discutida. As leis e regras democraticamente elaboradas são para se cumprirem por todos; eis o fulcro do pensamento de Sérgio: rebate, ponto por ponto, as principais ideias do autoritarismo, que são:

1- falta de confiança na racionalidade humana;

2- negação absoluta da igualdade entre os homens e perante as mais diversas situações (como o cumprimento das leis);

3- governo pelo terror e violência, encarando-se a oposição como “inimigo interno”, sem direito a expressar qualquer discordância;

4- desrespeito pelos tratados, regras e leis internacionais, o que conduziu os regimes fascistas a horrores como as duas Guerras Mundiais. É contra tudo isto que António Sérgio fala e escreve, num tempo em que estas ideias totalitárias pareciam ir triunfar. É esta a sua Pedagogia: a formação do homem livre.

3. 3. António Sérgio fala das suas ideias.

É fundamental citar o pensamento de um autor, quando se pretende descobrir esse mesmo pensamento. Começo este capítulo por me reportar a um discurso de Sérgio, parcialmente elucidativo das suas ideias. Tal discurso, com o título “Educação Republicana” é curioso, vindo de alguém de quem se diz não ser explicitamente Republicano.

Nele, pronunciado por António Sérgio enquanto Ministro da Instrução, no Centro Tomás Cabreira, em 1924, encontramos ideias-chave do pensamento educativo sergiano, importantes sobretudo porque se trata de ideias de alguém que é ministro da educação (naquele tempo “Instrução Pública”) e portanto com vontade e poder para alterar a realidade educativa em função dessas mesmas ideias.

Educação Republicana

«Fui convidado amavelmente a assistir a esta festa, e entendi que devia vir, porque tenho atrás de mim uma vasta obra de doutrinação democrática, que venho realizando há uns poucos de anos, que os senhores não conhecem porque ainda não foi vulgarizada – e que seria bom que conhecessem.

Pareceu-me que, tratando-se de celebrar uma afirmação republicana, ao mesmo tempo que se inaugura a sala de uma aula, me competia falar a mim, ministro da instrução, da educação republicana, da instrução pública democrática.

As mais urgentes necessidades de instrução pública no nosso país são o aperfeiçoamento dos nossos técnicos nas melhores escolas do estrangeiro, e a democratização do nosso ensino.

Que se deve entender por democratização ou republicanização do ensino? – É ter escolas onde se pregue a democracia e a república? -Não: é ter escolas onde se adquiram aqueles hábitos, aquelas maneiras de proceder, que devem caracterizar o cidadão republicano.

A pregação de doutrinas políticas, sociais ou religiosas, feita pelos mestres à mocidade, é muitas vezes contraproducente; a melhor mocidade, a de espírito mais vivo, tem tendência a opor-se ao que lhe pregam os seus mestres; saíram muitos ateus do colégio religioso de Campolide;

nas escolas da Monarquia surgiu a mocidade republicana; das escolas da República não deixam de ir saindo, agora, muitos jovens que são monárquicos. – Que significa tudo isto? – Significa que o que importa, neste caso, não é pregar a Democracia dentro das aulas da escola pública: o que importa, sobretudo, é fazer da própria escola, do conjunto dos estudantes, uma sociedade democrática.

É isto o que tenho pregado, e o que expus há muitos anos, numa série de estudos sobre a educação cívica, mostrando como os alunos de uma escola se podem organizar sob a forma de democracia, elegendo os seus magistrados, desde o presidente da República até aos vereadores e aos juízes, e habituando-se assim a proceder republicanamente. Seria isto, senhores, a democratização da mocidade, não por palavras, mas por actos.

Democratizar a escola é, além disso, desvanecer o mais possível a velha distinção das classes liberais e das classes mecânicas, obrigando os futuros cidadãos, a qualquer classe que eles pertençam, ao trabalho manual na escola; dando carácter e base científica e portanto liberal, aos trabalhos mecânicos; colocando nas mesmas escolas, em comunidade de trabalho, os filhos do povo e os da burguesia; e organizando os grupos de alunos em corporações profissionais.

Democratizar a escola é ainda dificultar o acesso das altas carreiras universitárias aos filhos dos ricos que não têm capacidade para os mais difíceis trabalhos de ciência e da literatura; e, pelo contrário, facilitar esse acesso aos filhos dos pobres que nasceram com talento.

Neste sentido estou procedendo, e continuarei a proceder, se as circunstâncias me permitirem demorar-me no ministério. Para isso apresentarei, à medida que for oportuno, projectos de lei que me permitam:

1º Remodelar a escola primária no sentido de a ligar o mais possível com o trabalho profissional da região e com as necessidades do nosso povo;

2.º Instituir a educação cívica pela República Escolar e pela organização corporativa dos grupos de estudantes;

3.º Desenvolver e aperfeiçoar o ensino primário superior, tirando-lhe o carácter doutoral, e dando-lhe um carácter de um treino prático para as necessidades da vida do trabalho e da cultura cívica democrática, – de maneira que, a par de uma cultura geral suficiente, prepare para os cargos médios das profissões, como sejam chefes de oficina, empregados de escritório, caixeiros viajantes, regentes agrícolas, etc.;

4.º Aumentar as propinas das Universidades, de maneira a dificultar o seu acesso aos pouco aptos para a alta cultura, obtendo dinheiro, ao mesmo tempo, para as bolsas de estudo aos filhos dos pobres que tenham talentos para as altas funções intelectuais. Vim trazer-vos aqui ideias claras e concretas, e não eloquência; não sou orador; e é necessária a divisão do trabalho, e que uns analisem os problemas, enquanto os outros entusiasmam as almas; o espírito mais nobre, mais vasto, entre os democratas da nossa terra, Antero de Quental, escreveu o seguinte: «o entusiasmo é bom, porque eleva o espírito; mas a crítica é melhor ainda, porque o esclarece. » Esclareçamos os problemas, para que tenhamos, o mais breve possível, pedagogia republicana nas escolas portuguesas»⁶².

Vemos neste discurso indicados os traços fundamentais do pensamento pedagógico de A. Sérgio, que poderíamos resumir desta forma:

1-Remodelar o Ensino Primário, fazendo a “Educação pelo Trabalho”;

2-Instituir a Educação Cívica;

3-Dificultar o acesso ao ensino superior aos pouco aptos, facilitando-o aos outros e começar um trabalho de envio (com bolsas) de estudantes para outros Países. Estes traços, mantiveram-se constantes ao longo da sua vasta obra, sendo várias vezes reiterados.

Como indico no título que escolhi para este trabalho, para Sérgio, a Pedagogia, a Cultura e a Democracia são fenómenos interligados, não separáveis uns dos outros. Veremos traços utópicos no pensamento deste autor. No entanto, grande parte das suas ideias podem considerar-se actuais.

Para Sérgio, Educar é favorecer o crescimento da capacidade de racionalização e do espírito crítico, o que só é possível num contexto Democrático envolvente, sendo a Democracia um valor fundamental.

A escola é vista como um local de treino para as reformas sociais; surge deste modo, no seu pensamento pedagógico como factor de Democraticidade; é já isto um traço utópico no seu pensamento pedagógico pois sendo a Democracia educação do povo ou Demopédia e opondo-se à noção marxista de luta de classes, Sérgio considera que

⁶² Sérgio, António, “Educação Republicana”, Seara Nova, nº30 de 31/1/1924.

as classes sociais devem colaborar, sendo tal espírito de colaboração entre elas obtido na escola que é por ele vista como um dos pilares da Democracia, porque é o contrário do “Magister Dixit”, ou seja, do ensino baseado no poder autoritário exercido sobre os alunos. Mas a escola não contém a Sociedade, antes está nela contida e Sérgio procura responder a esta questão dizendo que pela Educação Cívica teremos o factor de unidade entre as visões científicas e o humanismo, sendo ainda preciso criar uma elite dirigente, formada pela minoria dos melhores que estrutura uma nação, sendo este corpo formado desde o ensino secundário. A Educação deve igualar ao máximo as condições externas da partida, embora não se pretenda que todos atinjam, no final as mesmas metas; por isso, Sérgio propõe a criação de uma educação popular, destinada a elevar a preparação cultural dos artífices, operários e camponeses. O nosso autor, como veremos, insistirá sempre nestes seus pontos de vista, muitas vezes parecendo não se dar conta das dificuldades em que o seu discurso cai, levando-o a posições dificilmente defensáveis.

3. 4. António Sérgio: a constância do seu pensamento

António Sérgio foi um pensador com uma grande coerência e manteve sempre as suas Ideias-base. A este respeito já foi referida a observação acerca da obra pedagógica sergiana feita por Daniel Hameline e António Nóvoa na referência intitulada “Produção pedagógica de António Sérgio”⁶³: *“Num texto escrito na fase final da sua vida intelectual, espécie de balanço sobre o seu ideário pedagógico, António Sérgio rememora o essencial das teses sobre educação e ensino que defendeu ao longo da sua obra:(...) António Sérgio limita-se no essencial a prolongar as ideias pedagógicas produzidas no quinquénio 1914-1919.”*

A Educação Cívica é uma recolha de artigos publicados na revista *Águia* de Junho a Novembro de 1914 e já foi escrita em Génève, pois António Sérgio diz a Raúl Proença em carta de 17 de Maio de 1914: *“Vou ver se posso dar agora para a *Águia* uma série de artigos que possam continuar o *Pela pedagogia do trabalho*”.*

Por outro lado, as Considerações histórico-pedagógicas foram redigidas em 1915, tendo acabado de ser impressas em 26 de Outubro desse ano; a Educação profissional é composta por três cartas enviadas de Génève em 18 de Dezembro de 1915, em 15 de Janeiro de 1916 e em 26 de Julho de 1916.

É verdade que em textos anteriores à sua chegada a Génève, nomeadamente em artigos publicados em *A Águia* como *Pela pedagogia do trabalho* de Março de 1914 e na revista *A Vida Portuguesa* por exemplo, em *Golpes de malho em ferro frio* de Agosto de 1913, António Sérgio já havia tratado a questão pedagógica. Afirma a necessidade de *“educar o português para o trabalho e para a justa vida social”* e de *construir “uma pedagogia do trabalho e da organização social do trabalho”*, começando a revelar a sua visão para as questões pedagógicas, que iria desenvolver nos anos seguintes. É entre 1914 e 1916 que António Sérgio se define em matéria pedagógica, influenciado pelas ideias do Instituto Jean Jacques Rousseau. De Génève, António Sérgio propõe a Álvaro Pinto a criação pela *“Renascença Portuguesa”* de uma Biblioteca de Educação, oferecendo-se para seu director. Curiosamente, quando em 1928, agora na Biblioteca do Educador, também editada sob a sua direcção, António Sérgio prefacia a edição portuguesa do *Transformemos a Escola*, do seu antigo mestre Adolphe Ferrière utiliza a divisa: *“Dois grandes objectivos incumbem à escola do futuro: um deles, a anulação progressiva dos antagonismos sociais, e instauração da sociedade justa, pela Escola Única do Trabalho; outro, a realização da Liberdade na vida da gente adulta, pela educação das crianças no regime da Liberdade”.*

A defesa de uma escola do trabalho está presente desde muito cedo no discurso pedagógico de António Sérgio; segundo diz trata-se, sobretudo, de assegurar *“a união do ensino com a actividade produtora”*. Para Daniel Hameline e António Nóvoa⁶⁴, a autonomia da pessoa a formar era outro aspecto fundamental das suas propostas pedagógicas. Em primeiro lugar, a autonomia e a educação cívica aprendem-se praticando-se; defende o Município Escolar; a acção com vista ao Self-Government exerce-se no ambiente escolar e na sociedade exterior e a autonomia não é oferecida pelos governantes, mas conquistada pelos governados⁶⁵. Daniel Hameline e António Nóvoa⁶⁶ referem: *“A união do ensino e do trabalho prolongar-se-ia, segundo António Sérgio, graças à criação de escolas de continuação, definidas como instituições vocacionadas para fornecer uma educação completa para uma função definida na sociedade. Aos 12 anos deveria haver uma bifurcação: uns para o ensino primário superior e de continuação; outros*

⁶³ “Produção pedagógica de António Sérgio”, 3ª parte da “Autobiografia inédita de António Sérgio”, pp160-162.

⁶⁴ Hameline e Nóvoa, “Autobiografia Inédita de António Sérgio”, p164.

⁶⁵ Veja-se “Autobiografia inédita de António Sérgio”, (produção pedagógica no período de 1914/16), por Hameline e Nóvoa, p.164.

⁶⁶ “Autobiografia inédita de António Sérgio”, p. 163.

para o secundário e universitário. Verifica-se assim que este autor só muito parcialmente defende a ideia da escola única, contrariamente às correntes mais avançadas da pedagogia do princípio do século.”

Sérgio pretendia a formação de uma elite dirigente conseguida pelo sistema educativo. A criação da elite deve ser iniciada pelo ensino secundário. O autor é a este respeito textual, pois afirma que “O ensino secundário e o superior devem visar à criação urgente de uma boa elite dirigente (...)”⁶⁷.

Pretende o alargamento a todos do ensino primário, propondo “(...) uma escola primária de ensino geral que tome por base da função docente o trabalho e as necessidades da vida agrícola”⁶⁸.

Inclina-se para a criação de uma educação de carácter prático e de cariz popular – distinta nas suas finalidades daquela que deve criar a elite dirigente. Diga-se, em resumo, que Sérgio parece entender a Escola primária como “raiz comum” pela qual todos passariam.

A Escola Primária – que Sérgio quando Ministro da Instrução Pública, procurou transformar – seria uma base, sólida mas despretensiosa nos seus objectivos⁶⁹; ela estaria ligada com os trabalhos da sua região; notam-se nesta concepção semelhanças com as ideias do professor e pedagogo francês Célestin Freinet, o que não é de estranhar, pois Hameline e Nóvoa, consideram que as influências de outros autores, recebidas por Sérgio foram “adquiridas durante a estada em Genève: algumas obras de John Dewey e de Maria Montessori merecem uma referência especial (...) No entanto no retrato da «família pedagógica» de António Sérgio, encontra-se em lugar de destaque o alemão Georg Kerschensteiner, ladeado pelo americano John Dewey e pelo suíço Adolphe Ferrière. Uma menção também é devida à italiana Maria Montessori, cujos métodos impressionaram fortemente António Sérgio, apesar do seu desacordo com os pressupostos ideológicos e filosóficos desta autora (...) Fica assim estabelecida a genealogia pedagógica de António Sérgio. Nos seus escritos, Sérgio cita Wilson Gill e os métodos do “Município Escolar”⁷⁰ usados pelos Estados Unidos em Cuba e Porto Rico⁷¹. Mas seria através do ensino secundário, e depois, pelo superior que se conseguiria formar a elite.

3. 5. Comparação entre as ideias pedagógicas de Sérgio e as de outros autores; a sua «Família Pedagógica»: autores estrangeiros e portugueses.

Há um paralelismo evidente entre a noção sergiana de “Educação Popular” e a das Altas Escolas Populares Dinamarquesas elogiadas por Faria de Vasconcelos. De resto, já no discurso de Sérgio Educação Republicana encontramos traços de pensamento pedagógico que Faria de Vasconcelos igualmente defende.

Este autor, num texto intitulado As Escolas de Wirth, de Hetherington, de Johnson e de Gruntwig⁷² de 1934, fala das «Altas Escolas Populares Dinamarquesas» de Grundtwig. Diz Faria de Vasconcelos que funcionam há mais de 80 anos e nos países nórdicos sendo Grundtwig conhecido como “O profeta do Norte”. “São internatos temporários para adultos de 18 a 25 anos de idade; a alta escola funciona no inverno, quando o trabalho dos campos pára ou afrouxa; o seu fim não é o de ministrar conhecimentos mas de abrir o espírito. As aulas são em forma de palestras, revendo-se os conteúdos da Escola Primária e estudando história, geografia, literatura, arte, moral e filosofia. Mais de 8000 camponeses passam por ano nas altas escolas, que podem representar um meio de solução dos grandes problemas sociais.” A expressão “«escola activa» foi lançada pelo educador suíço Pierre Bovet e que por outro lado tal expressão era a tradução de outra – alemã – de Kerschensteiner, ratificada por Ferrière, referindo ainda a obra experimental de John Dewey, a escola de Missouri, o sistema de Winnetka e os métodos Montessori, Decroly e Cousinet”⁷³.

Ora estes autores são referidos várias vezes quer por António Sérgio, quer por Faria de Vasconcelos, o que não é para admirar, visto terem ambos passado por Genève, e pelo Instituto Jean-Jacques Rousseau, sendo autores

⁶⁷ Sérgio, António, Ensaios, “Paideia”, tomo VII, p. 230.

⁶⁸ Veja-se a este respeito Fernandes, Rogério, António Sérgio Ministro da Instrução Pública, edição do Instituto de História e Teoria das Ideias da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 1983. Aí se refere, nomeadamente: Sérgio foi ministro no Governo de Álvaro de Castro de 18 de Dezembro de 1923 a 28 de Fevereiro de 1924. Embora Fernandes considere que Sérgio deu pouca atenção à solução dos problemas dos professores primários (com salários em atraso e muitos sem colocação) refere por outro lado que procurou difundir os métodos de Maria Montessori e Decroly e terá considerado o ensino primário como fulcral para a “reforma da mentalidade”, pré-requisito da “reforma social”. Criou ainda o cinema educativo e tentou criar o ensino especial para deficientes.

⁶⁹ Sérgio, António, Ensaios, “Notas de política”, tomo III, p. 207.

⁷⁰ Veja-se os seus textos publicados na 2ª Série da Revista Águia; “O Self-Government e a Escola, nº30, Julho de 1914, pp. 187/189; O Self-Government na Escola I, nº31, Julho de 1914, pp. 25/29; O Self-Government na Escola II, nº32 Agosto de 1914, pp. 58/64; O Self-Government na Escola III, nº33, Setembro de 1914, pp. 91/96; O Self-Government na Escola IV, nº34, Outubro de 1914, pp. 119/124.

⁷¹ Cuba foi colónia espanhola desde a sua descoberta por Colombo a 28 de Outubro de 1492. Ao longo do séc. XIX foi governada por Espanha. Os E. U. A. governaram a ilha de 1898 até 1902 (4 anos de governo militar).

⁷² Vasconcelos, Faria de, As Escolas de Wirth, de Hetherington, de Johnson e de Grundtwig, Lisboa, Livraria Clássica, 1934.

⁷³ Rodríguez, Herminio Barreiro, Lorenzo Luzuriaga y la Renovación Educativa en España (1889-1936), op. cit., pp 254-255.

mencionados em escritos de Vasconcelos e sabendo nós que Sérgio, quando Ministro da Instrução procurou tornar conhecidos em Portugal. Vemos, aliás, que as observações de Daniel Hameline e António Nóvoa à obra de Sérgio confirmam esta ideia: existiu uma «família» de educadores que foi de Dewey a Montessori, passando por Kerschensteiner, Freinet e chegando ao próprio Anton Makarenko, que mais ou menos fez escola desde essa época, tornando-se referência obrigatória na cultura Pedagógica. Quando refiro Kerschensteiner, sublinho que para este autor, que foi professor de todos os graus de ensino, a teoria provém da prática, existindo uma permuta contínua entre as duas. Este aspecto continua a pedagogia de Pestalozzi; Kerschensteiner referia em concreto – como fez Sérgio, a necessidade de formar autónomos, pelo processo educativo; *“a educação da personalidade deve organizar-se em torno dos interesses da criança”*⁷⁴. A noção que Kerschensteiner dá de Professor – que identifica com a de educador, é em tudo semelhante à que Sérgio adopta. Quanto a outros autores da «família pedagógica» de Sérgio, destaca-se Decroly, que condensa as suas ideias pedagógicas na frase “A escola pela vida e para a vida”. Decroly desenvolve esta ideia de forma muito semelhante à noção sergiana de escola de ligação da escola com o trabalho. Um autor fundamental para a compreensão de Sérgio é Edouard Claparède. Pode considerar-se, como de resto Sérgio fez, quando comparou em importância científica, Claparède com Paul Langevin, que o primeiro pertence a uma corrente pedagógica que procurou tornar os métodos educativos métodos científicos. Claparède procurou estudar com grande rigor a Psicologia, dizendo que a pedagogia deve assentar no conhecimento da criança; *“A concepção fundamental da educação e do ensino consiste em situar a criança no centro dos programas e métodos escolares e em considerar a própria educação como uma adaptação progressiva dos processos mentais a determinadas acções condicionadas por certos desejos”*⁷⁵.

Mesmo na questão da Democracia, tão cara a Sérgio, note-se, que Claparède, em 1917, fez um apelo à educação para a Democracia⁷⁶. Não é demais lembrar que foi Claparède quem fundou com Pierre Bovet e Adolphe Ferrière o Instituto de Ciências da Educação Jean-Jacques Rousseau, em Genebra, frequentado por Sérgio e pela sua mulher Luísa. A importância de Claparède é enorme, sobretudo no domínio da Psicologia, no qual o seu conceito de “Educação Funcional” seria continuado na obra de Jean Piaget, podendo dizer-se que já para Claparède, o pensamento infantil é estruturalmente diferente do pensamento adulto.

Crucial é também, no pensamento pedagógico sergiano, o papel desempenhado pela obra da Pedagoga italiana Maria Montessori – o que, como já se notou, é sublinhado por António Nóvoa. Para Maria Montessori natureza e liberdade são sinónimos – no que também ela se pode considerar uma herdeira de Rousseau. Tal como Sérgio sempre defenderia, também Montessori considerava que não interessa dar ordens, moldar ou formar de forma definitiva o espírito da criança, mas antes criar um ambiente no qual a criança se possa exprimir, experimentando e agindo. Maria Montessori, médica, era adepta de um «naturalismo» educativo: liberdade e descoberta próprias eram as grandes linhas do seu pensamento. Em 6 de Janeiro de 1907 inaugura a Casa dei Bambini (Casa das Crianças), com materiais criteriosamente escolhidos para servirem de estímulo. Já naquele tempo, Maria Montessori considerava que o material adoptado deve possibilitar experimentar e rejeitar, por parte das crianças. Aplica um método rigoroso ao ensino da leitura e escrita; neste método começa-se imediatamente pela escrita, valorizando o trabalho, que leva ao sentimento de dignidade própria. Para ela os grandes problemas da Humanidade surgem do facto de se maltratarem as crianças; Maria Montessori pretendia assim “implementar” as ideias de Rousseau; de facto, foi mais longe do que ele, pois passou da teoria à prática. Julgo que entre os grandes pedagogos do século XX está igualmente Célestin Freinet; normalmente, não são feitas comparações entre as realizações de Freinet e as ideias pedagógicas de António Sérgio. No entanto, penso que existem muitos pontos de contacto entre as posições que ambos defenderam. A técnica da tipografia, desenvolvida por Freinet, em conjunto com outras, como o texto livre, a correspondência entre escolas, o desenho livre e o livro da vida – não existindo livros adoptados são as crianças quem os faz, de acordo com as suas vivências – tudo nos leva às ideias sergianas de cooperação, de cooperativa escolar, de educação pelo trabalho. Também penso que as actividades de Anton Semionovic Makarenko, o levaram a concepções e modelos organizacionais semelhantes, por exemplo, ao de 'Município Escolar', que Sérgio cita em vários textos, defendendo este modelo com entusiasmo. Pode parecer estranho, mas na União Soviética, tiveram difusão as ideias anglo-saxónicas sobre Educação – o que explica esta proximidade entre Sérgio e Makarenko⁷⁷.

⁷⁴ Chateau, Jean, Os Grandes Pedagogos, Edição Livros do Brasil, Lisboa, s/d, p. 273.

⁷⁵ Chateau, Jean, Os grandes Pedagogos, op. cit. , p. 307.

⁷⁶ Chateau, Jean, Os grandes Pedagogos, op. cit, pp 314-316.

⁷⁷ Veja-se a este propósito, Abbagnano, Nicola, e Visalberghi, História da Pedagogia, Livros Horizonte, Lisboa, 1982, Vol. IV. , p. 871.

No fundo, após a revolução liderada por Lenine em 1917, concebia-se a velha escola como aparelho ao serviço da classe dominante, donde a necessidade de uma nova escola – e aqui entram os modelos anglo-saxónicos – de ligação entre a escola e a vida. Também para Makarenko não há rapazes maus; existem sim vícios da Educação; é o que ele expõe em Poema Pedagógico e Bandeiras nas Torres; é igualmente interessante notar que Anton S. Makarenko defendeu a auto-organização dos alunos, e a dupla e idêntica valorização do trabalho manual e do trabalho intelectual. Podemos ver que nesta época (desde o seu começo até aos anos 30), o século XX conheceu, na vanguarda do seu pensamento Pedagógico, grande unidade, embora por vezes atingida através de percursos muito diferentes. Sérgio, como já disse, não afirma ter como referência nem Freinet nem Makarenko; no entanto, as suas propostas tinham muito de comum com as destes dois grandes Pedagogos.

Em Portugal, além do já citado Faria de Vasconcelos, Pedagogos houve que pertencem ao que designo como «Família Pedagógica» de António Sérgio. Remotamente, vemos em Sérgio a influência de Alexandre Herculano, que em 1838 defendia a necessidade de massificar a educação, constituindo uma Educação Popular. *“Nós carecemos mais de ilustrar o povo do que de fazermos sábios”*⁷⁸. Tal como Sérgio, Herculano lutou pelo acesso do povo à cultura. Também *“a erradicação do analfabetismo e o ensino elementar chamariam a atenção de outros pedagogos portugueses, de entre os quais salientaremos Castilho e João de Deus”*⁷⁹.

Pode também referir-se Adolfo Coelho, que fundou e dirigiu uma Escola Primária Superior, fundando igualmente um Museu Pedagógico, e, num plano global, tal como Sérgio, defendia *“a educação e a instrução entre as condições do ressurgimento nacional”*⁸⁰.

Adolfo Lima, César Porto (que difundiu em Portugal testemunho sobre a Escola na União Soviética), Delfim Santos – autor influenciado pelo existencialismo – ou Irene Lisboa, são também relacionáveis com Sérgio. Todavia é sem dúvida Faria de Vasconcelos quem mais directamente colaborou com António Sérgio, nomeadamente na redacção da reforma educativa João Camoesas, apresentada ao Parlamento em 1923. Sérgio, terá derivado para a luta política, segundo Rogério Fernandes, pela imposição do regime fascista de Salazar. *“Sérgio começou por interessar-se intensamente pela pedagogia experimental e pela renovação da escola portuguesa, não apenas através de escritos teóricos (...) mas também através de uma escolinha que chegou a fundar e a dirigir. Uma das instituições em que Sérgio militou activamente como teórico e propagandista dos temas de educação e ensino foi a Sociedade de Estudos Pedagógicos, em cujas sessões de trabalho tomaram parte outros educadores que o fascismo silenciou e perseguiu, e cujo órgão – a Revista de Educação Geral e Técnica – recolheu valiosa colaboração (. . .) Sérgio apontava a educação e a instrução como factores de ressurgimento nacional. (...) defendeu a reorganização da educação infantil e primária, com integração das actividades intelectuais e manuais (...) no âmbito do ensino secundário, a educação técnico-profissional coexistiria com uma base humanística e científica muito ampla (...)”*⁸¹.

3. 6. Um elitismo humanista.

Deve valorizar-se o homem em geral, mas reconhecendo-se aos mais capazes e mais bem preparados, uma superioridade que lhes conferirá o uso do poder; será uma superioridade natural, acompanhada de elevado espírito cívico – e de missão – mas não deixará por isso de ser um apelo aos mais capazes – Sérgio fará um apelo com características semelhantes quando considera que a Nação Portuguesa deveria encontrar quem a remodelasse e afirmando mesmo: *“se não houver os estadistas-natos, será necessário tirá-los de nós”*⁸² – leia-se «dos intelectuais bem intencionados»; sucedia que os homens do tempo em que Sérgio falava da necessidade de uma elite, desconfiavam desse conceito mas a posição sergiana a este respeito era semelhante à defendida por Einstein – insuspeito de simpatias nazis. Albert Einstein escreveu: *“A nossa época é rica em espíritos inventivos, cujas invenções poderiam facilitar as nossas vidas consideravelmente. Atravessamos os mares pela força motriz, utilizando também a força motriz para aliviar a humanidade de quaisquer trabalhos musculares cansativos. No entanto, a produção e a distribuição de comodidades é inteiramente desorganizada, de modo que toda a gente vive no temor de ser eliminada do ciclo económico. Outrossim, homens que vivem em diferentes países matam-se uns aos outros em intervalos regulares, e, como resultado, todos aqueles que pensam no futuro têm que viver no temor. Isto se deve ao facto de que*

⁷⁸ Citado por Fernandes, Rogério, O Pensamento Pedagógico em Portugal, Biblioteca Breve, Instituto de Cultura Portuguesa, Lisboa, 1978, p. 103.

⁷⁹ Fernandes, Rogério, O Pensamento Pedagógico em Portugal, op. cit. p. 115.

⁸⁰ Fernandes, Rogério, O Pensamento Pedagógico em Portugal, op. cit. , p. 122.

⁸¹ Fernandes, Rogério, O Pensamento Pedagógico em Portugal, op. cit. , p. 128.

⁸² Sérgio, António, “Não temos, infelizmente, um Pombal a recomendar” Seara Nova, “Antologia”, 1972, Vol. II, p. 63.

*a inteligência e o carácter das massas são incomparavelmente inferiores à inteligência e ao carácter dos poucos que contribuem com algo de valioso para a comunidade. Espero que a posteridade leia essas declarações com um sentimento de orgulho e superioridade justificada*⁸³.

O “Homem Contemporâneo”, sobretudo desde a ascensão e queda de Hitler, habituou-se a desconfiar – nomeadamente ao nível dos chamados “intelectuais” – dos apelos às elites, porque tais apelos, como sabemos tinham sido usados pelos fascistas e nazis; todavia, a posição Sergiana a este respeito, era inequívoca: tratava-se (a elite) de uma necessidade fundamental, porque Sérgio entende a elite, como o fazia Einstein⁸⁴: homens e mulheres mais capazes, mais dotados intelectual e culturalmente, mas também – e por isso – mais nobres, no sentido ético. Ou seja: António Sérgio não fala da necessidade de uma elite num qualquer sentido agressivo, mas pelo contrário, num sentido construtivo; assim a elite não seria formada por gente preparada e com elevado 'Q. I.' mas baixas intenções morais – tal gente existe, e Sérgio sabe-o!

A elite seria formada por pessoas capazes e moralmente superiores – deve manter-se sempre a ligação entre o sistema educativo e a Nação, entre a educação criadora de elites e a correcta condução dos negócios públicos.

Há que afirmar, no entanto, de forma inequívoca, a total diferença entre a noção sergiana de «elite» – definida como conjunto dos mais capazes e também mais éticos, de noções fascizantes ou nazis; de resto, como é sabido, Adolf Hitler considerava «elite» algo absurdo, visto que se referia aos “arianos”, ou ao “povo alemão”, ou ainda a outros povos, uma vez que ele próprio era austríaco e, contrariando as doutrinas oficiais do racismo-elitismo nazi, Hitler não exitou em apoiar Franco e Mussolini (governantes de países latinos); fez ainda uma mais estranha aliança – do seu próprio ponto de vista racial e ideológico com os japoneses. António Sérgio quando fala da criação de uma elite dirigente, talvez seja utópico⁸⁵; mas nunca entende essa elite num sentido agressivo, pelo contrário, fá-lo num sentido construtivo.

3. 7. Pedagogia, Cultura e Política: a Revista Águia.

A Revista Águia registou contribuições culturais importantes como a polémica Sérgio/Pascoaes a respeito da Saudade que ficou registada na sua 2ª série.

Essa publicação teve como grande impulsionador Álvaro Pinto, que de Dezembro de 1910 a Julho de 1911 dinamizara a sua 1ª série.

Com a revolução republicana de 5 de Outubro de 1910, viveu-se uma atmosfera de optimismo aparecendo a Renascença Portuguesa, que era um movimento cultural e cívico, marginal em relação a partidos e forças políticas, pretendendo pôr ao serviço da regeneração nacional os portugueses mais capazes, publicando a 2ª série da Revista Águia da qual saíram 118 fascículos, bem como o quinzenário A Vida Portuguesa, tendo fundado cinco universidades populares. Álvaro Pinto era considerado possuidor de uma grande capacidade de trabalho e “*apoiava entusiasticamente Sérgio, mesmo nas iniciativas que exorbitavam o âmbito da Renascença*”⁸⁶. Sérgio terá sido convidado para a Renascença por Raúl Proença, Cortesão e pelo próprio Álvaro Pinto. “*O seu entusiasmo arrefeceu ao entrar em polémica com Pascoaes*”⁸⁷.

Vemos que houve personagens comuns entre os colaboradores da Águia e os da Seara Nova – um dos quais o próprio António Sérgio. Nas páginas da Águia além da polémica com Pascoaes, tratada noutra alínea deste trabalho, Sérgio explicou desenvolvidamente as teorias pedagógicas de Wilson Gill.

3. 8. Pedagogia, Cultura e Política: a Seara Nova.

As ideias sergianas foram igualmente tratadas nas páginas da revista Seara Nova, inclusivamente no que diz respeito à questão das elites.

⁸³ Einstein, Albert, “Carta ao povo do ano 6939 D. C. ”, citado na obra O Homem Contemporâneo de Melo, Romeu, Lisboa, Editorial Presença, 1965, p. 9.

⁸⁴ Einstein é insuspeito de outras interpretações. É sabida a sua origem judaica e conhecida a sua fuga da Alemanha, para os E. U. A. , com o triunfo do Nazismo.

⁸⁵ Como se disse já, Sérgio acredita - na minha opinião exageradamente - no papel da Escola, nomeadamente como «local de treino das reformas sociais».

⁸⁶ Fernandes, Rogério, Introdução às “Cartas de António Sérgio a Álvaro Pinto”, p. 6.

⁸⁷ Fernandes, Rogério, op. cit. p. 7.

“Em 1923, a revista enriqueceu-se com a adesão de um doutrinário de vulto incomparável que por cerca de quinze anos, senão definitivamente, a marcaria com a sua eminente personalidade de pensador e crítico. António Sérgio nasceu em 1883, oriundo de uma família de marinheiros, seguiu a carreira de oficial da armada, que abandonou em 1910 para se consagrar à acção doutrinária. Movia-o o reconhecimento da necessidade de enraizar, na vida social e na esfera da cultura, a epidérmica mutação política representada pela proclamação da República. Na linha de Antero de Quental, combatia, em nome da democracia social, o superficial insurreccionismo «jacobino» predominante nas hostes republicanas”⁸⁸.

A Seara Nova terá um papel muito importante na vida cultural e política de Portugal, mas não podemos esquecer que foi um movimento que chegou apenas às elites culturais. Por outro lado, os seus elementos provinham dos mais variados sectores profissionais e ideológicos, tendo alguns, mais tarde, colaborado com o regime salazarista, como foi o caso de Quirino de Jesus.

“O lançamento da Seara Nova em 1921 é, basicamente, obra de três grandes figuras intelectuais: Jaime Cortesão, Raúl Proença e Luís da Câmara Reis”⁸⁹. A Seara Nova desenvolveu Universidades Populares e congregou inúmeras figuras de relevo, de muito diversos quadrantes.

As páginas da revista Seara Nova acolheram indivíduos, nomeadamente goeses, partidários de Ghandi⁹⁰.

Como nota Sottomayor Cardia, Sérgio atacou o marxismo-leninismo mas também aqui as suas posições eram perfeitamente enquadráveis nas que se revelaram na Seara Nova. Câmara Reis, defendia taxativamente o trabalhismo inglês, tal como António Sérgio. Cita-o Sottomayor Cardia a propósito do partido trabalhista inglês⁹¹. No entanto, apesar do pluralismo da Seara, diga-se que Raúl Proença, grande amigo de Sérgio, escreve sobre Lenine: *“(…) Deu ao mundo a primeira realização socialista, imperfeita e poderosa como um esboço de titã (...)”*. Mas nem Raúl Proença se inibia, de escrever, em 1926: *“O bolchevismo é violento, agressivo, criminal, antidemocrático, nos métodos e na expressão, uma coisa a proscrever da correcta atitude social do homem de hoje. Mas ao menos esses levaram a educação do povo a uma altura que nunca o cesarismo atingiu; quer dizer, a obra pedagógica que tem criado (e que é formidável)”⁹².*

Note-se a apreciação de Sottomayor Cardia aos escritores seareiros: *“Deve ainda recordar-se que os mais representativos escritores do grupo seareiro, do velho Raúl Brandão ao jovem Rodrigues Miguéis passando por Aquilino Ribeiro, deixaram na revista páginas de frontal denúncia das opressões sociais. Logo no primeiro número, Raúl Brandão, que à Seara daria várias páginas de memórias e uma primeira versão de A morte do palhaço, se apresentava com umas Sombras humildes que alertavam: «A aldeia que eu conheço é uma aldeia trágica. A aldeia de Júlio Diniz nunca existiu: é a saudade da vida e mais nada. (...) O homem do campo não tem pão para todo o ano e são raros os que passam de caldo e pão. Tenho entrado em muitas destas casas: são pocilgas com as enxergas podres(...). O lavrador, por um hábito secular, entrega ao senhorio, no fim de cada ano, quase tudo o que a terra lhe produz». Solução? Proclamava-a também com o radicalismo da sua voz angustiada, largamente excedendo as posições dos seareiros doutrinários e políticos: «A terra é de quem a cultiva”*.

Sottomayor Cardia nota que quanto aos problemas pedagógicos – que não foram vistos isolados dos outros - o grupo «Seara Nova», se empenhou na realização de uma «Educação Aberta», nomeadamente o seu «Programa mínimo» preconizando a gratuidade do ensino primário e secundário, a «concessão de bolsas de estudo para o ensino superior aos indivíduos de maior capacidade que não estejam em condições de sustentar-se pelos seus recursos» e a «organização eficaz de obras de assistência escolar».

No que respeita à reorganização dos diversos graus de ensino, podem consultar-se os respectivos tópicos no Programa mínimo; sabemos que Faria de Vasconcelos se propunha desenvolver o assunto nas Bases, começando pelos jardins de infância para concluir na Universidade. De facto, ocupou-se apenas da educação infantil, tendo sido os problemas relativos aos restantes graus de organização escolar debatidos na revista em diversas ocasiões, mas por homens como Aurélio Quintanilha, Luís Simões Raposo, Alberto Pessoa, Jaime Cortesão, Raúl Proença, Câmara Reis, Ferreira de Macedo, Mário de Castro, José Rodrigues Miguéis, Manuel Mendes, Sílvio de Lima, Vitorino Nemésio e outros, além dos já mencionados Faria de Vasconcelos e António Sérgio. A inquietação pedagógica dos seareiros,

⁸⁸ Cardia, Sottomayor, "Para a Compreensão do Ideário do Primeiro Grupo Seareiro", introdução à "Antologia" de Textos da Seara Nova Lisboa, 1971, 1^oVol. , p. 20.

⁸⁹ Cardia, Sottomayor, "Para a Compreensão do Ideário do Primeiro Grupo Seareiro", introdução à "Antologia" de Textos da Seara Nova Lisboa, 1971, 1^oVol. , p. 13.

⁹⁰ Cardia, Sottomayor, "Para a Compreensão do Ideário do Primeiro Grupo Seareiro", introdução à "Antologia" de textos da Seara Nova Lisboa, 1971, 1^oVol. p.51. Note-se que Sérgio era natural de Damão que formava com Diu e Goa, a possessão portuguesa na Índia, e como já vimos não era um partidário da descolonização. O facto de não ter tido qualquer polémica com estes goeses mostra a sua vontade em manter um espírito de abertura na Seara Nova.

⁹¹ Cardia, Sottomayor, art. cit. ,pp. 44-45.

⁹² Cardia, Sottomayor, art. cit. , p. 55.

aliás em si mesma nada excepcional no ambiente cultural de então, transitou da ordem programática à tentativa de actuação prática a nível oficial pelo menos em duas circunstâncias: quando Faria de Vasconcelos e António Sérgio colaboraram activamente no projecto de reforma de João Camoesas e quando António Sérgio ocupou o lugar de ministro.

De sublinhar também a estreita colaboração da Seara com a Universidade Popular e a Universidade Livre, coerentemente subordinada ao ideal de promover a formação de elites nas mais vastas camadas da população como premissa do amplo movimento de opinião consciente sem a qual baldadas seriam todas as tentativas de ressurgimento nacional. Como explica Ferreira de Macedo, o ideal da educação popular outro não era senão o da *“educação dos adultos de todas as classes sociais, a educação da massa geral da nação ou a educação social da nação”*⁹³.

Para ser a sede do Espírito Democrático, a Escola teria de ser democrática. A Escola do deu tempo, é definida por Sérgio como *“uma verdadeira calamidade pública, e uma das causas mais poderosas da lúgubre situação em que nos encontramos(…)”*⁹⁴.

Como já vimos, Sérgio parece acreditar no Ensino em termos «Platónicos»; a Sociedade 'copiar' este «Modelo» para assim «Ressurgir». Trata-se pois de um autor que enfileira com todos os que acreditaram na «Redenção» da Humanidade pela Educação. A “escola real”- a existente – é criticada por Sérgio, por ser a escola do Autoritarismo, no fundo, do amestramento. Normalmente o professor baseia a sua actuação no “poder Autoritativo”⁹⁵, quando deveria baseá-la nos conhecimentos que possui e que deve transmitir ao aluno; quer dizer, Sérgio acentua a importância do chamado “poder cognoscitivo” e do “normativo” – porque educar é sempre transmitir valores – daí a inseparável ligação entre o acto educativo e uma escolha de cariz ético-política – em detrimento de outras formas de poder tais como o físico, por exemplo.

Uma escola em que as relações professor-alunos se baseiem na posição oficial de “superioridade formal”⁹⁶ do professor em relação ao aluno acaba por ser característica de uma sociedade em que a obediência à autoridade é encarada como uma finalidade última e fundamental da educação e Sérgio pensaria já que um tal culto da obediência pura é característico dos regimes autoritários ou totalitários⁹⁷, algo que precisamente, pretenderia evitar, dizendo que *“(…) nos alicerces dos problemas cívicos está sempre o problema da preparação do espírito – o da concentração reflexiva da inteligência crítica, no pólo oposto da embriaguez emotiva (…)”*⁹⁸, entendia por Educar, *“treinar os jovens na iniciativa, no trabalho do espírito criador e livre, no governo autónomo da sociedade escolar, (na discussão dos problemas sociais-económicos), na mentalidade crítica e experimental (…). Precisamos de uma escola inteiramente diversa de tudo que tivemos até aqui; de uma profundíssima revolução pedagógica. Para revolucionar a fundo a educação portuguesa, para fazer uma escola absolutamente nova, não há sacrifícios que não devamos impor. O esforço, aí, há-de ser gigantesco, e a despesa tem de ser enorme. “Buscai o reino de Deus e a sua justiça, e todas as outras coisas vos serão acrescentadas”, disse Jesus Cristo no seu Sermão; “revolucionai a educação do povo (na Escola e na Cooperativa) e todas as outras coisas vos serão acrescentadas”, peço eu licença para sustentar”*⁹⁹.

Sérgio aproxima-se muitas vezes de uma linguagem religiosa – o que se nota também nas páginas da Seara Nova – pois fala mesmo de um “Cristianismo Ideal”, dizendo: *“(…) poderemos entrever que há consonância íntima entre o perfeito misticismo e o racionalismo extremo. Do que dá exemplo um Espinosa, homem cuja intelectualista religião filosófica pode talvez considerar-se um cristianismo ideal; do que se vê alvor num Platão(…)”*¹⁰⁰.

Pelas suas posições, muito próximas das da Escola Nova, Sérgio defende sempre a Educação Cívica, que é encarada numa visão multifacetada e não redutora da mesma, ou seja *“no treino da atitude crítica, no exercício pessoal de um pensar autêntico (…)”*¹⁰¹, conducente, desse modo à tomada de consciência do mundo e da Pátria, da dignidade do outro, da solidariedade social que a todos devemos, iniciada nos bancos da escola pela educação do cidadão no civismo. O seu escrito Educação Cívica, tem particularidades muito interessantes. A sua 1ª edição é de 1915; a 2ª é de 1954; a 3ª é de 1984 (!), publicada pelo Ministério da Educação de Portugal e prefaciada pelo

⁹³ Cardia, Sottomayor, art. cit. , pp. 52-53.

⁹⁴ Sérgio, António, “O Ensino como factor do Ressurgimento Nacional”, Renascença Portuguesa, Porto, 1918, p. 11.

⁹⁵ Simões, João Formosinho Sanches, “As Bases do Poder do Professor”, publicação do Departamento de Psicologia e de Ciências da Educação da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 1980. Neste artigo o autor distingue basicamente: o poder físico; poder material ou remunerativo; poder normativo; poder cognoscitivo; poder pessoal e poder autoritativo.

⁹⁶ Simões, João Formosinho Sanches, idem, p. 312.

⁹⁷ Para Galbraith, John Keneth, em Anatomia do Poder, Difel, pp. 51-53, poder totalitário é o que usa de forma combinada, o poder punitivo, compensatório e condicionador (obtido através da escola, imprensa, rádio, televisão, etc).

⁹⁸ Sérgio, António, Ensaios, tomo III, “Notas de política”, p. 234.

⁹⁹ Sérgio, António, Ensaios, tomo III, “Notas de política”, p. 151.

¹⁰⁰ Sérgio, António, “Sobre o carácter do socialismo de Antero”, Ensaios, tomo VII, p. 76.

¹⁰¹ Sérgio, António, prefácio de Os Problemas da Filosofia, de Bertrand Russell, Lisboa, Bertrand, colecção Studium, 3ª edição, pp. 5-6 .

historiador Vitorino Magalhães Godinho; assinala-se que no livro *Livros proibidos no regime fascista*¹⁰², se informa que a *História de Portugal e a Educação Cívica*, de António Sérgio, foram proibidos¹⁰³.

A Educação Cívica desenvolve – como já se referiu – as ideias de Wilson Gill, aplicadas em Cuba e Porto Rico. Sérgio cita também abundantemente William R. George, que implementou uma *Junior Republic* no Estado de Nova York. Nesta obra, Sérgio defende a ideia da ligação da educação ao trabalho; considera que as unidades escolares devem constituir um microcosmos democrático, que sirva de treino para a inserção futura numa sociedade globalmente democrática; na escola os alunos elegeriam os seus «governantes», seriam eles a resolver situações de conflito e aprenderiam um comportamento ético. Para Vitorino Magalhães Godinho, *“a Educação Cívica, que Sérgio publica em 1915, não é obra isolada: forma um todo com as Considerações Histórico-Pedagógicas e com as Cartas sobre a Educação Profissional. (...) a educação para a produção (e é essa a educação profissional) é correlativa da educação para a democracia. À partida, dois vectores: por um lado, os interesses espontâneos das crianças; por outro (estamos agora no ângulo social) as actividades económicas locais”*¹⁰⁴.

Já vimos do que trata Sérgio na sua Educação Cívica. É contudo de sublinhar uma ou outra passagem desse escrito. Na edição de 1984 lê-se: *“(...) o que eu tenho em mente pedindo uma educação anglo-saxónica: uma disciplina do carácter que, ao invés das tendências fantasistas, sentimentais e sonhadoras que aí loam, fosse um desenvolvimento da iniciativa, da vontade criadora, da responsabilidade, do autodomínio, do self-government!”*¹⁰⁵. Para Sérgio, *“Trazemo-la da escola, a albarda da resignação!”*. Com efeito, *“se as ciências nos facultam métodos, nos dão modelos do que é a verdade, nos habituam a discernir as evidências, têm (elas) ao mesmo tempo, quando reduzidas a si próprias, muito graves inconvenientes. Que é a ciência positiva separada da moralidade, senão uma forma superior da força, e mais perigosa que a força bruta, porque mais poderosa do que ela é?”*¹⁰⁶. Para ele, *“(...) a atitude “exclusivamente científica” leva a excluir da própria ciência a face humana que ela contém (...)”*¹⁰⁷. Sérgio considerava que *“apesar dos seus erros, absurdos, contradições e paradoxos, a obra de Rousseau permanece actual sob todos os seus aspectos”*¹⁰⁸, referindo que o mesmo autor *“não crê que a ciência (. . .) possa fundar uma Moral”*¹⁰⁹.

Assim, refere que as ciências devem ser enquadradas numa concepção filosófica¹¹⁰.

Mas para Sérgio *“A dissertação moral não basta, é necessária a acção moral (...)”*¹¹¹. Para este autor, *“(...) tudo no mundo se repercute em tudo, constituindo um círculo de acções recíprocas: e é desses planos de viver futuro que poderá resultar para os Portugueses de hoje uma verdadeira consciência social. A vida é tensão, actividade, avanço; não é ser, mas devir; não é estar, mas ir-sendo; e o laço fraterno e unificante não se há-de buscar numa coisa estática, como o acervo histórico e tradicional: o que dá vida a um povo é um plano de acção, o querer um futuro, o correr para uma meta, – a ideia-força de um melhor amanhã que iremos criar por uma faina estrénuo, por um plano sugestivo de porvir comum, por uma ideia compreensiva de melhoramento social. Não é o tradicionalismo, mas o futurismo, o que dá robustez e coesão a um povo; é o amanhã o que organiza o hoje, e a ideia de uma empresa a realizar com alma o que infunde estrutura a uma nação. Espanta a impossibilidade de fazer ver aos nossos técnicos portugueses em matéria de instrução pública, – tracejadores de programas, fazedores de compêndios, publicistas famosos, etc. , etc. , – que a mera divulgação de conhecimentos não tem valor cultural-pedagógico, e que só presta, no ensino, o trabalho efectivo de investigação, o esforço de relacionar e de compreender os fenómenos. Enquanto os pedagogos oficiais se não compenetrarem desta ideia – que é a ideia básica da pedagogia – o estudo das línguas estrangeiras, no que seja trabalho de traduzir textos, poderá valer muitíssimo mais que o estudo usual das matérias científicas: porque, desde que o aluno tem por dever traduzir um texto que ele ignora, existe sempre um esforço próprio, um trabalho efectivo do seu intelecto, muitíssimo superior, como tal, ao facto de receber passivamente as conclusões de qualquer ciência, transmitidas quase sempre – pelo menos nas primeiras classes, que são*

¹⁰² *Livros proibidos no regime fascista*, p. 83. Este livro foi editado pela Presidência do Conselho de Ministros, cumprindo o Decreto-Lei nº 110/78.

¹⁰³ A Educação Cívica de Sérgio, tem 5 capítulos, todos eles representando o que ele disse quando da sua polémica com Teixeira de Pascoaes, na Revista Águia. Assim, temos: Capítulo I: O «self-government» e a escola;

Capítulo II: Objecto e princípios do Município Escolar. Papel do professor; Capítulo III: Organização dos Municípios Escolares; Capítulo IV: A justiça e a disciplina. Os resultados; Capítulo V: Combinação do «self-government» e do «self-support». A «Junior Republic».

¹⁰⁴ Godinho, Vitorino Magalhães, Prefácio a Educação Cívica de Sérgio, António, Lisboa, ICALP, Ministério da Educação, edição Sá Da Costa, 1984, pp. 4-5.

¹⁰⁵ Sérgio, António, Educação Cívica, op. cit., p. 32.

¹⁰⁶ Sérgio, António, Ensaios, tomo I, "Ciência e Educação", p. 110.

¹⁰⁷ Sérgio, António, Ensaios, tomo I, "Ciência e Educação", p. 111.

¹⁰⁸ Sérgio, António, Ensaios, tomo I, "Ciência e Educação", p. 97.

¹⁰⁹ Sérgio, António, Ensaios, tomo I, "Ciência e Educação", p. 123.

¹¹⁰ Sérgio, António, Ensaios, tomo I, "Ciência e Educação", p. 112.

¹¹¹ *Idem*, p. 113.

precisamente as mais importantes, – de maneira absurda e desconexa, ininteligente e muito dogmática, como nos nossos compêndios e nas nossas aulas, porque assim mesmo o exige o programa”.

3. 9. António Sérgio escritor de contos infantis e inovador da Língua Portuguesa.

Ao longo da sua vida Sérgio escreveu poesia e também contos infantis, editados pela Livraria Sá Da Costa. Essas obras, *Os Dez Anõezinhos da Tia Verde-Água, Na Terra e no Mar, Contos Gregos e Os Conselheiros do Califa*, têm nítidas intenções didáticas, sendo de destacar a condenação (por exemplo em *Os Conselheiros do Califa*), dos impostos excessivos lançados pelos governantes, uma abordagem nitidamente contra as ditaduras; mas em *O cavalo de Alexandre*, Sérgio gaba as virtudes dos bons observadores; em *Filémon e Báucis*, descreve os antigos gregos; em *Os Dez anõezinhos e a tia Verde-Água*, fala às crianças da importância de ser metódico no trabalho.

Como escritor, tem de se referir que Sérgio introduziu termos novos na língua portuguesa tais como “devir”, “percepcionar”, “experieciar”, “autodomínio”, etc.

A maioria destes neologismos prende-se com a gnoseologia. Usamo-los hoje correntemente (para descrever na nossa língua os fragmentos Heraclitianos, por exemplo), sem nos lembrarmos de que foi Sérgio quem os introduziu, cumprindo assim um belo objectivo – o de “aperfeiçoar a língua portuguesa”¹¹². É esta talvez a maior homenagem que se pode fazer a alguém: utilizar as suas ideias, sem nos apercebermos de quem as pensou.

Pode dizer-se que de facto as ideias dos homens são fundamentais também quando, ao criar uma palavra nova, se consegue captar nela uma ideia e transmiti-la aos outros, porque todo o conhecimento humano se baseia na troca de informações. Desde os seus contos infantis até à sua contribuição para a língua portuguesa, em tudo Sérgio se revela um autor empenhado e importante não só no domínio pedagógico mas no da cultura e da política.

3. 10. António Sérgio: Educação e Cultura.

A problemática cultural é, claramente gnoseológica e para Sérgio fundamento das outras: desta forma, qualquer problema, qualquer acção, qualquer pensamento começa e acaba no homem, entendido como ser pensante. A atitude que ele apresentar, demonstrará a sua especificidade cultural, definirá a sua capacidade adquirida, trabalhada, de responder aos desafios da natureza e da sociedade¹¹³.

Sérgio entende o papel da cultura numa perspectiva técnico-funcionalista. – donde infira que a actividade humana desempenha uma função social, mas a cultura como um todo exerce uma função de emancipação do homem e a cultura é ou deveria ser, racional e racionalizável, encaminhar-nos-ia-mos para um único modelo cultural, com variantes geográficas¹¹⁴. A emancipação cultural começaria em cada um de nós.

A vida de Sérgio decorreu numa época muito conturbada, na encruzilhada de múltiplas propostas, que ainda não tinham encontrado o seu verdadeiro estatuto; Sérgio temia as posições políticas influenciadas pelas correntes de pensamento que faziam sobressair os factores irracionalistas do comportamento: o português, que ele sempre teve como objectivo atingir e que considerava culturalmente pouco esclarecido, podia cair numa tendência sentimentalista, intuitiva, que por mais que correspondesse a uma tradição histórica não seria suficiente para fazer melhorar o padrão de vida em todas as suas dimensões. Pretende uma cultura, sem saudosismo e sem heróis e nisso terá sido radical, considerando a razão como única condição de humanização – sendo que a razão é humana, as motivações humanas vão muito além do plano racional como o próprio pedagogo se apercebeu¹¹⁵. Já vimos antes que Sérgio defende como medida fundamental para Portugal, a reforma da mentalidade, tarefa fácil de propor, mas de difícil realização, como já se verificou em muitos países e diversas situações histórico-geográficas; ora Sérgio estaria consciente de tal dificuldade, mas julgaria que mais cedo ou mais tarde, se começariam a ver os resultados de um labor constante nesse sentido; para tal era preciso trabalhar em todos os sentidos e com igual profundidade. Sérgio foi um dedicado lutador, repetindo várias vezes, qual a missão que sentia ser a sua: uma missão de apostolado cultural, de filósofo preocupado com a concreta libertação do homem. Diz-nos ele: *“o meu homem universal, (...) é o indivíduo simpaticante, multilateral, permeável, aberto a todos os aspectos de actividade mental do seu próximo: ciência, arte, religião, política, técnica, economia, literatura, etc.”*¹¹⁶.

¹¹²12 Matos, A. Campos, *Diálogo com António Sérgio*, op. cit. p. 71.

¹¹³ “Cultura”, *Síntese*, Coimbra, ano I, nº 1, 1939, p. 31.

¹¹⁴ O funcionalismo de Malinowski, Bronislaw e de Radcliffe-Brown, assenta em dois postulados: a unidade da cultura, entendida como uma totalidade e a relação necessidade /função, no que respeita a elementos culturais ou instituições. Para Malinowski, a cultura é inerente à sociedade. Não há sociedade sem cultura.

¹¹⁵ Sérgio, António, “Correspondência para Raúl Proença”, p. 216: “Ora, um lance de olhos à história nos patenteará este facto: a civilização caminha no sentido da identificação dos povos e da libertação ou distinção do indivíduo.”

¹¹⁶ Sérgio, António, “Notas de esclarecimento”, *Ensaio* tomo I, p. 197.

Sérgio quer abrir os espíritos, formar «autónomos», no fundo fazer cultura, porque o homem culto, para ele, não é apenas aquele que está cheio de conhecimentos; é o que, para além disso os utiliza, constantemente, de forma crítica. Para ele a maioria dos nossos letrados, atraíu a sua verdadeira tarefa, de pensadores autónomos, criadores e defensores de ideias humanistas para se tornarem instrumentos do poder político e é por isso que António Sérgio não se quer deixar manobrar e não se põe ao serviço de uma classe, ou partido, mas procura defender e perpetuar os valores e os ideais mais puros da Humanidade. A primeira reforma a fazer, é a reforma cultural, porque a actividade cultural é a que nos torna mais homens, mais conscientes da nossa dignidade e humanidade; a cultura consegue-se por um esforço racional interior, pela procura do pensamento crítico, antidogmático. Caminhar para a cultura é realizar uma ascese, cortar com todos os elos do sensível. – Sérgio utiliza uma linguagem semelhante à Platónica¹¹⁷. O homem culto é aquele que se interroga e reflecte procurando o universal: *“A cultura genuína – trabalho do espírito sobre si próprio – não deverá confundir-se com a simples difusão do saber, com a simples recepção de informações científicas”*¹¹⁸. Assim, devemos praticar a «dúvida metódica», fomentando a crítica, a reflexão, a concatenação das ideias, porque, no entender deste pensador, e decorrente do que afirma *“há quem saiba muito e não seja culto; há quem saiba pouco e o seja muito”*¹¹⁹.

Daqui resulta que o homem culto é aquele que luta para que o dogmatismo não se instaure definitivamente; para António Sérgio, o cientismo apoderou-se da razão dos homens, não os deixando ver para além da sua vivência acomodada, embora afirme a importância do desenvolvimento científico *“(…) desde que consideremos esta mesma ciência, não nos enunciados e conclusões externas, mas na ascética íntima do que a está criando quando ela se cria por amor do Espírito, na transparência e plenitude do viver mental”* que leva à *“prática consciente do viver social, a cultura metódica da urbanidade, o trabalho cooperativo para o bem comum, a abolição de classes na sociedade escolar, o comentário assíduo dos escritores “moralistas” (a subida ao nível da espiritualização autêntica), o exame dos processos mais conducentes a lidarmos bem com o nosso próximo, a dar formosura e finura à vida, a aumentar a liberdade e a tolerância mútua, a diminuir os atritos nas relações sociais”*¹²⁰.

A grande finalidade da luta de Sérgio é a criação de condições para que todo o homem possa ser culto – *“homem culto, absolutamente falando, significará um indivíduo de juízo crítico, afinado, objectivo, universalista, liberto das limitações de nacionalidade e de classe, que sabe apreciar as boas obras do espírito e distinguir as excelentes das que o não são, (...)”*

É nesta linha de pensamento que em 1946, na revista Vértice escreve: *“(…) e somos filósofos na proporção exacta em que nos libertamos dos limites que nos inculcam a raça, a nacionalidade, o sítio, o instante, o culto, o temperamento, a classe, o sexo, a moda, a profissão”*¹²¹. O conceito de cultura, para Sérgio, tem algo de místico, pois ele afirma: *“A santidade é uma ascese, e a cultura também”*¹²².

É fundamental, interpretar em que sentidos, António Sérgio utiliza o conceito de cultura pois considera duas acepções diferentes, que apresenta claramente no texto Miudezas de música, de poesia, de cultura e de cinema¹²³; considera aí uma acepção folclórica (etnográfica, ou sociológica), que designa os estilos de vida de um dado povo, os seus padrões culturais, e uma acepção espiritual (universal, absoluta ou filosófica) que corresponde ao *“processo dinâmico de afinar o intelecto e a sensibilidade, de apurar o senso crítico, de intensificar a faculdade de bem ajuizar sobre as obras de arte, de literatura, de ciência, de requintar a urbanidade para com o nosso próximo”*¹²⁴.

Estabelecido isto, diz António Sérgio:

- I) Na acepção folclórica, podemos falar de cultura portuguesa. Na acepção espiritual, de cultura em Portugal;
- II) A caracterização da cultura portuguesa, na sua acepção folclórica, não é de fácil concretização e afirmar que uma dada característica é «portuguesa» implicaria o conhecimento de todas as outras culturas – o que é na prática, impossível;
- III) As criações da cultura no sentido espiritual, são universais e intemporais;

¹¹⁷ Sérgio, António, Tentativa de interpretação da história de Portugal, Ed. Tempo, Lisboa, s/d, p. 18.

¹¹⁸ Idem, op. cit. na nota anterior.

¹¹⁹ “Cultura”, Síntese, Coimbra, ano I, nº1, 1939, p. 30.

¹²⁰ Sérgio, António, “Divagações Pedagógicas”, Ensaios, tomo II, p. 185.

¹²¹ Sérgio, António, “Resposta a um inquérito” Vértice, nº30-35 Maio de 1946, p. 172.

¹²² “Cultura”, Síntese, Coimbra, ano I, nº1, 1939, p. 31.

¹²³ Ensaios, tomo VII, pp. 111-113.

¹²⁴ Ensaios, tomo VII, p. 111.

IV) Será que existe uma maneira de ser, tipicamente portuguesa? Sérgio responde-nos: *“Duvido da realidade de uma maneira de ser portuguesa, unitária e indiscutível”*¹²⁵. Faz a distinção entre cultura e civilização, considerando esta como o *“conjunto dos processos do viver comum, as instituições, a legislação, a técnica e os vários instrumentos do viver económico”*¹²⁶. Para ele a verdadeira Cultura confunde-se com Democracia, que por outro lado, se confunde com Educação do povo: Democracia é «Demopédia» e esta é «educação do povo»; por isso não se cansou de criticar os que discursam de forma confusa e difícil de entender: *“Sempre que um típico intelectual lusitano tem por mira instruir-nos sobre determinado assunto – embrenha-nos na selva de uma introdução genérica – histórico-genético-filosófico-preparatória, cheia de cipoais onde se nos enreda o espírito e de onde nunca se avista a estrada recta e livre”*.

Sérgio procurou sempre o contrário do que se refere acima: escrever de forma clara e objectiva, não palavrosa, em resumo, pensar e fazer pensar de forma nítida. Vários estudiosos do pensamento português contemporâneo que analisaram o racionalismo, o humanismo, e, de uma forma geral, o contexto cultural português do século XX, sempre consideraram Sérgio, um homem exemplar de integridade, de autonomia, profundamente empenhado nos problemas fundamentais da Nação portuguesa e do seu povo.

A sua obra é tão variada, que qualquer que seja a perspectiva de análise encontraremos elementos para uma aproximação ou abordagem de índole Histórica, Política, Pedagógica, Filosófica, ou, de forma mais lata, Cultural. Nessa enormíssima e válida obra, encontramos os diversos tipos de actividade teórica e prática interagindo e inseridos no que pensamos que o autor quis que fosse uma «Totalidade Universalizante» na qual o Homem surge como a primeira e última preocupação; os seus escritos, mesmo os de crítica (muitas vezes áspera) a individualidades intelectuais, implícita ou explicitamente tratam do Homem, daquilo que dele se pode considerar essencial: a sua dignidade inerente à sua humanidade.

Quando nos escreveu sobre homens específicos, como Antero de Quental, Alexandre Herculano, Oliveira Martins, Luís de Camões, foi para sublinhar a sua condição de homens, que procuraram a elevação do espírito, embora com todos os seus defeitos de homens. Não quer, por isso, criar mitos.

É o Homem, a Sociedade e a Cultura [recorrendo a estudos de carácter plurifacetado – Histórico / Geográfico / Psico-Sociológicos] a tarefa mais importante que percorre todo o seu trabalho, sendo o projecto social e político inerente a este labor, porque antes de mais o Homem é encarado como um ser social e deste modo, a Sociedade é o seu enquadramento natural, que o reprime e limita, mas por outro lado lhe possibilita as hipóteses de uma total realização, porque ser um homem completamente só é não ser totalmente homem. A sua definição plena passa pela co-existência com os outros homens. [Curiosamente, encontramos aqui parecenças com as teorias de Martin Buber ou Levinas, autores de cariz religioso.]

O destino de Robinson (só, numa ilha), não é um destino humano, diz G. Eisermann que Sérgio cita. O homem vive para si, para os outros e vice-versa. Todos os seus actos, mesmo os biológicos, têm significado social, não se podendo esquecer que O Homem é sempre um ser Biológico, Social e Cultural. É por isso que para Sérgio os conceitos chave são: homem, sociedade, cultura, ou Pedagogia, Cultura e Democracia.

Estes conceitos e suas repercussões são as bases para a leitura de Sérgio e tudo o resto, na sua obra são vias diferentes que acabam por nos reconduzir para os aspectos fundamentais do seu pensamento. Por isso, a sua obra, não sendo um «Sistema» é profundamente coerente, e, como notaram Daniel Hameline e António Nóvoa, é uma obra «constante», ou se preferirmos «repetitiva». Mas isso deve-se aos aspectos que rodearam a vida do autor, que tentou semear uma obra de combate, no plano político, e não só a nível teórico; é preciso notar que a sua acção intelectual é fundamentalmente de intervenção: é a voz de um cidadão que se não conforma com o que considera errado e se passa à sua volta e por isso, a sua trajectória teórico-prática não foi só a de Filósofo mas essencialmente a de Pedagogo, de 'Educador de Gerações', porque é através da Pedagogia que ele pensa alcançar os homens – incluindo os homens comuns – e não só os que estudam; Sérgio pretende sempre voltar-se para os problemas concretos vividos pelos portugueses.

“(…) Como é bela a vida

E a mente clara que se arroja à lida,

E à acção, e à ideia, vai chamando os povos

(…)”.

¹²⁵ Cit. nas notas anteriores, p. 111.

¹²⁶ Sérgio, António, “Considerações sobre o problema da Cultura”, Ensaios, tomo III, p. 32.

O seu discurso não pode ser abstracto, mas antes uma reflexão crítica de problemas reais; tem dois objectivos: por um lado, a tomada de consciência por parte dos homens desses problemas e da sua possível solução, e por outro lado, treinar o espírito humano na participação e no espírito crítico e actuante, tendo para tal procurado demonstrar sempre optimismo e confiança nas capacidades do homem, embora haja quem afirme que já idoso, terá desanimado; mas, durante a maior parte da sua existência, recusou o pessimismo do existencialismo que [que para Sartre, condena o Homem à sua própria Liberdade, tolhendo-lhe os movimentos], e muito lutou como apóstolo e muito escreveu acerca da sua convicção na ascensão espiritual do Homem. A Cultura, é o exemplo concreto da capacidade humana de ultrapassar os seus próprios limites, produto ela mesma da dialéctica Homem-Sociedade-Natureza, surgindo como efeito desta interacção-construção. Deste modo, para A. Sérgio, a Cultura que nos diz respeito, a Ocidental, retrata mais do que qualquer outra a incongruência humana, pois a par da defesa dos mais altos valores e ideais, encontramos situações desumanizantes: a Cultura, como Sérgio a entende devia ter uma directriz essencialmente moral.

Note-se [de novo] que Sérgio viveu épocas muito conturbadas das quais se destaca o triunfo (embora não definitivo – felizmente – do Nazismo, no «País da Cultura», a Alemanha). É mediante uma espécie de ascese interior que Sérgio propõe, que o homem pode encontrar-se a si mesmo como ser cósmico, como parcela do Universo, pois o homem, é 'fraccionado', mas é possuidor de razão, o que lhe permite alcançar a Unidade, a Totalidade.

A sua vida e escrita germinou noutros seres humanos, fazendo-os pensar; como já vimos, nos seus parâmetros gerais, como Pedagogo, (em termos mundiais) não é inovador; mas a reflexão honesta, a crítica racional, as soluções objectivas, são aspectos que definem muito esquematicamente Sérgio.

É um dos herdeiros da chamada Geração de 70, sendo evidente a influência que Antero de Quental exerceu sobre Sérgio, como homem e pensador.

Não foi o pensamento de Antero que agradou a Sérgio, mas o Projecto que esteve na base da reunião de um conjunto de homens que, no Século XIX, tentaram fazer progredir Portugal.

Esses homens não conseguiram sair do domínio meramente teórico enquanto António Sérgio surge como descendente directo deles mas se deles herdou, no plano teórico o reformismo social e a tentativa de racionalização da realidade portuguesa, como afirma numa carta a Raúl Proença, [. . .] a *“obra é semelhante no objectivo, às Conferências Literárias do Casino (...)”*, parece evidente, pelo testemunho da sua própria vida de resistente, que foi muito para além, inclusive no plano das ideias, que esses seus «mentores»; penso que excedeu os seus mestres, ao privilegiar as reformas concretas e os meios para a sua realização, evitando cair num pessimismo intelectual. Juntou à sua volta, uma elite de homens pertencendo a diversas facções e com opiniões políticas diferentes, mas com o traço de união política marcado pela oposição ao regime saído do 28 de Maio de 1926, que levaria ao poder Salazar.

A sua filiação intelectual¹²⁷ recua no tempo, pois num artigo escrito em 1938, intitulado Genealogia intelectual, confessa-se profundamente influenciado por Platão, Spinoza e Kant, porque encontrou neles as intuições essenciais que melhor satisfaziam o seu espírito. Diz-nos Sérgio que Platão o influenciou com a sua dialéctica e lógica inspirada na relação matemática. Em Spinoza, entusiasmou-o a sua concepção dos objectos na unidade do Todo [Panteísmo] considerando a coerência interna como critério de verdade. De Kant, assimilou a ideia da iniciativa da inteligência no conhecimento, a inteligência como elemento constituinte do objecto. Quanto a ser cartesiano, considera essa expressão pouco precisa, pois para Sérgio *“todos os modernos racionalistas são um pouco discípulos de Descartes”*. Contudo, Sérgio confessa que foi a Geometria Analítica que o despertou e que foi através dela, que Descartes o impressionou. (Há que notar, porém, que Sérgio sempre dedicou particular atenção ao conjunto da obra de Descartes). A nível político recusou a mudança de “ismo” em “ismo”. O mesmo não aconteceu com as novidades científicas, pois contactou de perto com personalidades como Paul Langevin e considerava o raciocínio científico o exemplo mais perfeito da racionalidade humana. António Sérgio foi um intelectual do século XX, mas um intelectual português que nunca se eximiu às suas responsabilidades cívicas e éticas, procurando sempre a melhor via, a melhor solução; enquadrado pela circunstância de ser português. Seria hoje bem mais conhecido, por certo, se tivesse nascido em País mais bafejado pela sorte. Desta forma, muitas vezes terá sido incompreendido, uma voz no deserto. Para ele, *“(…) razão e cultura, auto-realização pessoal e reforma da sociedade, moral e democracia conjugam-se assim, na sistematização, numa unidade formal”*¹²⁸.

¹²⁷ Diz-se influenciado por Platão, Espinoza e Kant, no artigo "Genealogia Intelectual", Seara Nova, nº 580, 1938.

¹²⁸ Branco, J. Oliveira, O Humanismo Crítico de António Sérgio, op. cit., p. 85.

A reflexão sergiana nunca visou a constituição de um sistema filosófico e é verdade o que disse quando afirmou: *“repare que uma das ideias fundamentais, de consequências práticas, que está sempre presente em tudo o que escrevo, é a de que não há coisas separadas, a de que não existem na realidade compartimentos estanques, a de que compreender uma coisa é relacioná-la com o todo”*¹²⁹.

É evidente para o autor que o real é uno e as suas diversas manifestações estão urdidas numa concatenação. A abordagem da sua obra será sempre complexa, pois parece a mais apropriada ao conjunto de escritos de um autor que se debruça quase em simultâneo sobre temas aparentemente tão diversos como Política, Economia, Pedagogia e Cultura, interligados por uma teia de relações concomitantes que lhes retira as características de partes. Por isso, estudar e analisar a sua obra torna-se complicado e trabalhoso ao tentar evitar a leitura e reflexão sobre pedaços da sua escrita, o que levaria o leitor a erros de interpretação, devido em parte à sua originalidade de pensamento. O próprio Sérgio, durante o seu longo período de labor intelectual, reiterou explicações e respondeu a críticas que muitas vezes se prolongavam em polémicas¹³⁰.

Entendeu sempre ser original no pensamento português [já de si escasso] e lutou para não ser considerado uma espécie de representante de qualquer corrente pensamental no seu país, o que terá conseguido, pois não é, nem foi possível colocar-lhe um «rótulo», algo ainda hoje muito praticado, embora muitas vezes tenha sido apontado como marxista e materialista; de facto, disse ser o introdutor em Portugal do materialismo dialéctico, (o que até é discutível, tendo em conta, sobretudo alguns textos de Faria de Vasconcelos) mas a sua preocupação e constante luta para que o sistema económico vigente em Portugal sofresse grandes alterações estruturais, não proveio da perspectiva materialista¹³¹. Antes de tudo e acima de tudo, Sérgio afirma-se um idealista, que considera a razão farol de todo o verdadeiro pensamento, sendo compreensível, como fervoroso admirador de Descartes, considerar que a razão é universal. Seja quem for que estude os problemas económicos de Portugal, irá muito provavelmente encontrar as mesmas causas apresentadas por ele, se se colocar na mesma atitude de espírito, e com certeza que concordará com a necessidade de implementar soluções.

Não é um determinado discurso, uma Teoria por mais moderna que seja, por mais que se adapte ao real e o torne compreensível, que vai ser o critério da verdade para Sérgio. Esse é muito anterior ao concreto, ao presente, ao objecto discursivo. A subjectividade ou objectividade do discurso tem a sua origem no próprio pensamento. Ou este é da ordem do inteligível e das ideias ou então sofre de um empirismo que obsta ao verdadeiro conhecimento.

Sérgio procurou apresentar soluções concretas decorrentes das bases teóricas de que parte, mas não foi um puro teorizador, um abstraccionista, alheio à dimensão activa e concretizadora que todo o pensamento humano deve ter e por isso, a sua produção historiográfica é também um exemplo, dos mais completos, do seu posicionamento. Não terá feito *Análise Histórica*¹³² por simples erudição, mas como instrumento do presente; assim, não defende a História pela História, mas a História pelas 'pedras vivas', pela contribuição que o passado possa dar para a compreensão de uma situação actual que permitirá a desalienação, a desmistificação da realidade portuguesa.

A *Análise Histórica* terá sempre o seu efeito positivo, se a sua leitura não padecer dos mesmos erros atribuídos à própria mentalidade. E é neste sentido que Sérgio abriu novas perspectivas à historiografia portuguesa, rasgando os caminhos a novas apreciações históricas realizadas posteriormente, [por Jaime Cortesão, entre outros]¹³³.

A história como mera narrativa de factos amontoados e apelando apenas à memória de quem a estuda tem de ser repensada, praticando-se a explicação crítica, a interpretação sociológica, a problematização; o conhecimento do passado, é entendido por António Sérgio, como uma possível fonte de pistas para se evitarem os erros conhecidos, ou seja, pretende-se ir do passado ao futuro, e pese embora, nos últimos anos (décadas de 80/90) esta meta parecer impossível, na época em que Sérgio defendeu estas ideias, tratava-se de uma concepção muito avançada do papel da História. O passado histórico está intimamente ligado ao presente político, devendo os homens aprender com os ensinamentos do passado, para que possam evitar os mesmos erros, e esta proposta epistemológica passa pela via democrática: a conjuntura política mundial, até meados do século XX, é muito complexa. É uma fase muito conturbada,

¹²⁹ "A Recapitulação", O Diabo, nº 306, 17/8/1940.

¹³⁰ Veja-se o seu artigo "Mais uma facada e, por consequência, mais um feliz pretexto para me explicar", Seara Nova, nº300, 26/5/1932.

¹³¹ "Por preguiça mental, a toda a interpretação de natureza económica se apõe logo o rótulo de materialista.", Ensaaios, Tomo I, Livraria Sá da Costa, Lisboa, p. 43.

¹³² Vitorino Magalhães Godinho, a este propósito, não considera Sérgio um historiador, mas um sociólogo.

¹³³ Sérgio, em Ensaaios, tomo IV, p. 196, considera que Cortesão é adepto das suas opiniões historicistas, nomeadamente no artigo deste "Repercussões de uma hipótese: Ceuta, as Navegações e a Génese de Portugal".

em que as palavras República ou Socialismo, ou ainda Independência, parecem ser o remédio para todos os males. Como já se recordou no decurso deste texto, verificou-se que a realidade ultrapassou, largamente, estas soluções.

De há muito que para Sérgio, a questão política não se colocava na escolha entre Monarquia, República, Democracia ou Socialismo, mas antes na criação de um regime capaz de implementar as reformas, as estruturas, as vias para o progresso, para a racionalização da vida social e económica dos homens tendo a traumatizante experiência política da 1ª República portuguesa levado o Pedagogo à sua crença no Regime Democrático Cooperativista, considerando este como um fim a atingir¹³⁴. Sérgio não é apoiante de facções ou ilusões partidárias, mas antes de ideais humanistas e universalistas¹³⁵. A questão humanista confunde-se com a questão ética, porque a democracia começa no próprio indivíduo e tem de se estender à Política em geral, e assim, ao Estado.

*“A nossa vontade é uma vontade geral sempre que se determina pela regra de Kant: “Procede de tal maneira que a razão do acto que praticas se possa erigir numa lei geral, universal”*¹³⁶.

A educação do sentido crítico é fundamental para este projecto político, pois a velha justificação de que o povo não está preparado é para Sérgio uma falsa questão, porque o povo nunca estará preparado se não se criarem as condições para que a prática política democrática e cívica se concretize. É no interior do próprio indivíduo, que de uma forma socrática, encontra dentro de si os ideais, a virtude, a verdade. *“A base da democracia é a virtude, (...) a moralidade cívica de todos nós”*¹³⁷.

Educar a criança na autonomia, no Self-Government, na sua participação activa nos diferentes locais em que vai vivendo, é condição necessária para a concretização do futuro cidadão livre e racional e por isso, se a Educação Cívica é tão fundamental, e o homem como a realidade é um todo complexo, a reforma da Pedagogia é assim vital para a reforma humanista de Sérgio.

Na Pedagogia, Sérgio fundamenta-se nas experiências anglo-saxónicas¹³⁸.

Profundo conhecedor das mais recentes inovações nesta área, defende a Pedagogia do Trabalho e da acção, [cujo primeiro adepto terá sido Pestalozzi] aproximando-se das teses da Escola Nova, citando autores como Wilson Gill, escrevendo inúmeros textos nos quais defende que o Ensino é a via para o Ressurgimento Nacional. Defende a «importação» de professores do estrangeiro, quando necessário à renovação Pedagógica. Os portugueses estiveram entre os pioneiros, quer nas Descobertas quer no espírito científico, e isso demonstra que é possível retomar esse caminho; todavia, o maior obstáculo é a mentalidade romântica, sebastianista, passadista ou saudosista que se enraizou na mente do povo.

E esta mentalidade negativa torna os problemas insolúveis. Independentemente do problema visado, todos eles reflectem a ausência de uma atitude e raciocínio pragmáticos e disciplinados. [Sérgio fará constante apelo a uma disciplina de raciocínio]. Por isso, defenderá que a verdadeira reforma estrutural é a da mentalidade portuguesa e se não existir uma nova atitude, mais crítica, mais reflexiva, mais problematizadora, um novo posicionamento face ao real e aos problemas, de nada servirão soluções pontuais, provisórias, cuja única eficácia será dar um novo aspecto às velhas questões. Existe um imperativo moral inerente à própria consciência, e como tal, ciência e moralidade, ou melhor dizendo, toda a actividade humana deveria estar subordinada a essa lei racional presente em todos nós, mas em muitos abafada pelas impressões sensíveis, pelas sensações. Serão os que conseguirem libertar-se dessa prisão sem grades, que sentirão *“racionalmente a estrutura legalista da consciência de uma espécie de dever ser inteligível, que é paralelo ao dever ser moral; e o saber não pode fundar nem contrariar o sentimento moral, não só porque, limitando-se a procurar aquilo que é, lhe não cabe indicar o que deve ser, mas por esta razão mais primitiva: ser a ciência produto da mesma tendência unificante, ordenadora, dessubjectivadora, que produz a moralidade”*¹³⁹.

Há uma imanência no interior da Razão que transcende toda a racionalidade, afirmando Sérgio que *“as noções primitivas não se definem”*

¹³⁴ “Quanto a mim, considero a democracia e socialismo puros como metas de um movimento que se há-de realizar por etapas. ” “Alocução aos socialistas”, “Democracia”, Seara Nova, 1934, p. 112.

¹³⁵ Sérgio, António, “Sobre o Problema da Cultura”: <<Democracia é Demopédia>>, citando Proudhon.

¹³⁵¹³⁶ Sérgio, António, “Democracia Crítica, Experimental e Cooperativa”, Seara Nova, nº401, 9/8/1934, pp. 259-260.

¹³⁷ Sérgio, António, “Aos jovens seareiros de Coimbra, sobre a maneira de lidar com os inimigos da luz e da razão”, Seara Nova, nº 87, 13/ 5/ 1926, p.292.

¹³⁶

¹³⁷

¹³⁸¹³⁸ Valente, Vasco Pulido, “António Sérgio de Sousa: uma revolução interior”, revista O Tempo e o Modo, nºs. 69 e 70, Março e Abril de 1969.

¹³⁹ Sérgio, António, Ensaios, tomo I, “Educação e Filosofia”, pp. 139-140.

¹³⁹

Revemos assim o que já tínhamos afirmado; que a obra de Sérgio não se constitui em Sistema mas possui uma Dimensão Totalizante, que impossibilita uma aproximação reducionista.

A sua obra possui uma coerência interna que se verifica, corporizando sempre as mesmas traves-mestras: Pedagogia / Cultura / Democracia; participação e Ética.

É importante constatar que muitos anos depois, autores como Edgar Morin, desenvolveram este tipo de ideias em obras célebres [tais como *Ciência com Consciência*], quiçá dando razão à célebre tese de Michel Foucault, segundo a qual, em última análise, o «novo» é o «velho» dito de outra maneira.

O aqui e agora, a historicidade e o relativismo são provisórios, mas os verdadeiros produtos da Razão, esses são intemporais e universais; expressões eternas, independentemente do tempo e do espaço.

“Sei (ou julgo sabê-lo) como se barbarizou esta Nação, e o que havia a fazer para a tirar de bárbara; e repito que a reforma mais importante – condição preliminar de todas as outras – é sempre a reforma da mentalidade; e que a disciplina mais necessária para termos a ordem a que todos visamos não é a disciplina que provém da espada, da ditadura, da realeza ou da polícia, – mas a ordem, a honestidade e a disciplina intelectuais”. A busca de uma forma de pensar com clareza, a sua escrita objectiva, a enorme variedade de assuntos que tratou, as diversas lutas em que se empenhou, o próprio facto de ter vivido até aos 86 anos, fazem desta figura uma personagem fundamental no pobre panorama das ideias e da cultura portuguesas, incluindo, para mais, a Pedagogia.

A sua mensagem Pedagógica é a maior constante da obra escrita que deixou.

De todas as possíveis classificações de Sérgio não será talvez, o termo Filósofo aquele que melhor o «definirá».

Este problema não é simples, pois um dos temas de reflexão de vários intelectuais de Portugal, tem sido saber da existência ou não de uma filosofia especificamente portuguesa. Sobre isto existem múltiplas opiniões; poderemos perguntar, como fez José Marinho¹⁴⁰, se será possível conciliar o sentido universal da Filosofia com o conceito de uma filosofia «nacional». Francisco da Gama Caeiro¹⁴¹ considera que *“A primeira questão – e primeira porque a mais radical – consistirá em esclarecer se a Filosofia, tal como nos surge, pode suportar, sem com isso sofrer, uma determinação qualquer: – quer esta seja de origem temática (Filosofia Política, Filosofia Matemática, Filosofia das Ciências) (...)”*

Joaquim de Carvalho, na História de Portugal (de Barcelos), no capítulo «Cultura filosófica e científica» diz que, *“a reflexão filosófica tal como a investigação científica, pelo seu carácter a-espacial e intemporal dos Pensamentos, ultrapassa as fronteiras da nacionalidade. Por outro lado, o filósofo é uma pessoa inserida em determinado contexto histórico, logo a sua reflexão nasce com o cunho da época e da sociedade e este vinco determina uma conexão indissolúvel entre a matéria da reflexão, o filósofo que reflecte e o ethos e as apetências da sociedade e da época em que ele vive”*.

Para Sérgio, assim como não tem sentido falar de uma Cultura Portuguesa ou Francesa, na acepção absoluta do termo, o mesmo sucede em relação à atitude filosófica.

Aliás afirma numa nota à carta nº5 das Cartas de Problemática que foram problemas decorrentes da implantação da República que o

desviaram para a Sociologia, a Pedagogia, a Economia, a História, as teorias políticas, etc.

3. 11. Sérgio Polemista: a constante explicação e defesa das suas ideias.

Há quem considere o pendor polémico sergiano de *“feição meramente circunstancial e monitoria”*¹⁴², que vencia os seus interlocutores *“mais por artifícios de estilo do que pela análise metódica dos juízos alheios”*.

Foi António Quadros que mais críticas fez ao pensamento e polemismo sergianos. Considerando-o um furacão da vida cultural portuguesa, pensa que a sua influência terá sido mais negativa do que positiva, devido ao facto do seu pensamento ser fundamentalmente 'reductor' e 'maniqueista'. Quanto ao *“polemismo sergiano, afirma que geralmente Sérgio começa por desconcertar o adversário e por colocá-lo na situação de um pobre diabo iludido”*¹⁴³. Também Joel Serrão pensa *“que no ardor da peleja educativa e polemizante, António Sérgio tenha, porventura, ultrapassado, algumas vezes, os limites da caridade e da paciência evangélicas, isso parece certo”*¹⁴⁴.

¹⁴⁰ Marinho, José, "Estudos sobre o pensamento português contemporâneo", Biblioteca Nacional, p. 16.

¹⁴¹ Caeiro, Francisco da Gama, "A historiografia das filosofias nacionais e seus problemas", separata da Revista da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, III série, nº14, 1971, p. 7.

¹⁴² Chaves, Castelo Branco, "Análise rigorosa e solidez de pensamento", Jornal de Letras artes e ideias, 26/4/1983, p. 12.

¹⁴³ Quadros, António, Poesia e Filosofia do Mito Sebastianista, 2º Volume, Guimarães Editores, Lisboa, 1983, p. 18.

¹⁴⁴ Serrão, Joel, prefácio a Prosa doutrinal de autores portugueses, de Sérgio, António, Lisboa, Portugália Editora, p. XLIII.

António Sérgio não se «zangava», apenas ganhava calor nas suas intervenções – é esta a minha opinião – pois queria ser um autor de combate. *“Tenho um génio doce, zango-me muitíssimo poucas vezes e só depois de me ter enchido de razão”*¹⁴⁵.

A intenção de Sérgio era a de encontrar solução para os problemas concretos da sociedade portuguesa. Na opinião de Vasco Magalhães-Vilhena, que julgo extremamente honesta – pois era adversário e crítico intelectual de Sérgio – o seu pendor polémico surgia porque *“(…) Sérgio sempre buscou resolutamente que haja influência dos seus escritos sobre as condições que os suscitaram, através da modificação da intelectualidade, desta maneira a obra sergiana imbrincando dialecticamente na realidade nacional a que sempre se reporta e que, em definitivo reflecte”*¹⁴⁶.

Amigos de Sérgio como o seu velho companheiro seareiro Jaime Cortesão, não terão entendido o estilo de António Sérgio. *“Como é um espírito de cultura e tendência universalista, vá de zurzir o nacionalismo na arte e na educação, fazendo por vezes confusões lastimáveis e ultrapassando aquele meio termo que em muitos casos é a virtude por ser a verdade”*¹⁴⁷. António Quadros, acusa Sérgio de um *“pseudo-racionalismo”* e de *“falso espírito crítico”* que só serviram para um *“abaixamento do nível intelectual (...)”*¹⁴⁸.

Já Eduardo Lourenço afirma que as polémicas são condizentes com a expressão escrita de Sérgio. Existe nele uma coerência e firmeza de pensamento aliada à crença de que a sua razão. *“a Dúvida de António Sérgio é a Musa que o acompanha no passeio através do jardim alheio. No seu próprio jardim, a musa chama-se Razão, (...)”*¹⁴⁹.

Para Sérgio, *“a polémica é necessária ao progredir científico, ao avançar da cultura”*¹⁵⁰.

Hoje, não há tempo para pensar, e as polémicas desapareceram – pelo menos em Portugal – o que resulta em grande empobrecimento intelectual. Sérgio polemizava para, à maneira socrática, espicaçar os espíritos e, à maneira cartesiana, propunha a dúvida, para estimular o espírito crítico.

3. 12. Polémicas de António Sérgio.

Podemos considerar que nem todas as polémicas sergianas têm interesse directo para um trabalho de tipo Pedagógico. É verdade, curiosamente, que uma das polémicas com maior interesse no campo Pedagógico foi a que Sérgio manteve, na 2ª Série da Revista Águia com Teixeira de Pascoaes, não tanto pelos textos de Pascoaes, mas fundamentalmente pelos de Sérgio. No entanto, as suas principais polémicas são importantes no domínio da Pedagogia, pois demonstram o tipo de Homem que o nosso autor pretendia formar ou o tipo de influência que queria realizar.

1) Polémica António Sérgio-Jaime Cortesão sobre o conceito de parasitismo (1913).

António Sérgio considerou que *“o dado inicial e a causa do aparecimento do «espírito de parasita» foi o espírito conquistador, (...)”*¹⁵¹.

O Português, habituou-se a ter escravos, a nada fazer, a praticar uma vida de transporte e negócios, o que viria a reflectir-se no futuro da Nação: Portugal perdeu o sentido de fabricar, de trabalhar.

Jaime Cortesão não concordava com isto e respondeu com o artigo *“O parasitismo e o anti-historismo”*.

Não podemos, pensa Jaime Cortesão, cair num evidente reducionismo histórico.

Para Jaime Cortesão a História e o seu conhecimento são fundamentais; considera que *“as vantagens do historismo são as de procurarmos as virtudes do génio nacional para as adaptarmos à luta moderna”*¹⁵².

Para António Sérgio o parasitismo foi uma das principais causas da decadência, que associa a uma educação *“de Expansão”* e ao facto de não se ter incentivado a actividade produtora, o que completa o quadro da nossa desgraça nacional.

Para Sérgio, os portugueses possuem qualidades e virtudes como os ingleses ou holandeses, mas os condicionalismos históricos, e a apatia causaram o nosso atraso relativamente a outros países europeus, que também praticaram a *“expansão pelas armas”*, não tendo, no entanto, descurado o desenvolvimento pelo trabalho, nas suas *«metrópoles»*.

¹⁴⁵ Sérgio, António, carta a Luisa Estefânia em 1909; Revista de História das Ideias da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 1983, p. 807.

¹⁴⁶ Magalhães-Vilhena, Vasco de, António Sérgio, o Idealismo Crítico e a Crise da Ideologia Burguesa, Lisboa, Cosmos, 1975, p. 133.

¹⁴⁷ Cortesão, Jaime, recessão a Educação Cívica, Águia, Maio de 1915, p. 211.

¹⁴⁸ Quadros, António, Poesia e Filosofia do mito Sebastianista, p. 71.

¹⁴⁹ Lourenço, Eduardo, O labirinto da Saudade, Lisboa Dom Quixote, p. 178.

¹⁵⁰ Sérgio, António, Cartas de Problemática, carta 9, 1953, p. 3.

¹⁵¹ Sérgio, António, “Golpes de malho em ferro frio”, A Vida Portuguesa, 2/8/1913, p. 125.

¹⁵² Cortesão, Jaime, “O Parasitismo e o anti-historismo - carta a António Sérgio”, A Vida Portuguesa, Porto, 2/10/1913, p. 138.

2) Polémica com Teixeira de Pascoaes sobre «Saudade» e «Saudosismo»(1913/14).

A Polémica entre António Sérgio e Teixeira de Pascoaes teve grande repercussão no pensamento pedagógico português. Os dois autores, preocupados com questões ético-políticas, não tendo sido Pedagogos, no sentido tradicional do termo – isto é – escolar, tiveram grande influência no pensamento de inúmeros leitores, muitos dos quais com responsabilidades educativas. A polémica a respeito da Saudade e do Saudosismo entre António Sérgio e Teixeira de Pascoaes, ficou registada na 2ª Série da Revista Águia. A polémica passa pelos textos aonde foi escrita, embora os transcenda largamente, porque os dois autores são muito maiores que ela mesma. Mas, como dizia Sérgio, “deixando de lado os devaneios (...)” veja-se o que foi escrito.

Na “Epístola aos Saudosistas”, refere Sérgio ser necessário esclarecer:

- o que é a saudade;
- o que representou nas nossas letras;
- o que poderia representar hoje.

Pascoaes sustenta que saudade é “a velha lembrança gerando um novo desejo”.

Ora, segundo esta definição, um cão espancado por alguém, ao rever essa pessoa, passados dias, tem um “desejo de sentir a carne do agressor comprimida entre os seus caninos”. Que se passava ? Para Sérgio fora a saudade, na definição proposta por Pascoaes.

O Saudosismo é descrito como uma ideia artificial e convencional da literatura. Acrescenta: “Vocês teimam em ressuscitar o que não tem hoje condições de vida, obcecados pela ideia absurda de que cada maneira de certa época é uma maneira absoluta”. E ainda: “Para vocês (os saudosistas) (...) pacatamente instalados na pátria amada (...) vocês, proprietários uns, professores ou filhos – famílias outros, vivendo todos uma vida sem grandes lutas nem paixões de que raio têm saudades vocês todos, santo Deus.”

Para Sérgio, “ao contrário do que pretendem os saudosistas, a afirmação característica e fundamental do espírito contemporâneo é o mobilismo, o avanço, a tendência para diante (...). Ora, a saudade é o contrário de tudo isso: imobilismo, inércia, contemplação do passado, amor de cristalizar ou mumificar o que já foi”. E, ainda Sérgio: “Quem é que vive principalmente na saudade? Os velhos e os desgraçados a quem a morte levou uma pessoa muito querida. Ora, em ambos os casos se nota, acompanhando sempre a saudade, o horror do novo, o ódio ao movimento, um protesto contra a lei da mobilidade (...)”.

A mãe que vive na saudade do filho morto, quantas vezes lhe ouvimos nós, mostrando-nos um quarto ou um gabinete – “está tudo exactamente como ele deixou. Não consenti que se movesse uma pena”. A saudade, refere António Sérgio, é por isso um gesto amargo, gosto do passado e a amargura da mudança. Refere em seguida Sérgio que Pascoaes considera o vocábulo saudade como intraduzível, nos outros idiomas, encerrando todo o sentido da alma lusitana¹⁵³. Sérgio contrapõe que a palavra existe em galego, catalão, italiano, romeno, sueco, dinamarquês ou islandês.

Este artigo de Sérgio parece central nos argumentos e no estilo que o autor adoptará até ao fim da polémica. Procura, em síntese:

- 1- Ridicularizar a definição proposta por Pascoaes para Saudade;
- 2- Sustentar que não é conveniente ao País uma eterna contemplação do passado;
- 3- Notar que noutras línguas existe a mesma palavra, a que corresponde o mesmo sentimento.

No artigo “Regeneração e Tradição, Moral e Economia”, que Sérgio dedica a Pascoaes, refere-se-lhe como “poeta amabilíssimo”.

“Ah, Pascoais, Pascoais meu querido amigo: você é um puro, excelso e nobilíssimo poeta, mas uma vítima também desse ambiente social, como nós todos: desse horrível isolamento que V. louva e eu maldigo (...) V. adora e bemdiz a Purificação e o Isolamento.”

E afirma adiante que a Europa, o mundo civilizado da electricidade não é tão suja, bronca, céptica, encarvoada, como parece em Amarante; e não é connosco que a Inglaterra manufactureira aprendeu o idealismo.

Para Sérgio “não se grangeiam energias no passado; (...) as energias vêm primeiro do presente (...) não são as energias do passado que suscitam as do presente, mas as energias do presente que ressuscitam as do passado”.

Neste passo, esta polémica tem semelhanças, do ponto de vista de Sérgio, com a que manteve com Jaime Cortesão. Citando os opúsculos de Alexandre Herculano, afirma Sérgio “que são essas palavras retumbantes de

¹⁵³ De facto Pascoaes afirma isto nomeadamente no seu livro Arte de ser Português, p. 94, Edições R. Delraux.

regeneração pelas tradições, se não sons ociosos, que não correspondem a nenhuma ideia? “ (...) num País onde a riqueza passageira destruiu os hábitos do trabalho e da Economia, entorpeceu pela miséria, resultado infalível da prosperidade fictícia. Cita também Antero de Quental: *“quebrar resolutamente com o passado”*¹⁵⁴.

Para Sérgio, o progresso espiritual (moral) de um povo está dependente do progresso económico e não o contrário¹⁵⁵. *“Já pensou Pascoais no que seria o seu espírito se tivesse nascido na miséria e sido obrigado de criancinha a trabalhar espasmodicamente?”*¹⁵⁶. *“Nos anos em que sobe o preço do trigo diminui a prostituição e vice-versa.”*

Termina António Sérgio, afirmando que não é céptico. Responde Pascoaes dizendo que Sérgio está enclausurado numa visão positivista. *“É com tristeza, meu caro amigo, que o vejo tomar essa atitude, hirta e deserta, perante a vida”*.

Pascoaes considerava que *“na raça portuguesa, o sangue semita e o ária existem em partes equivalentes”*¹⁵⁷.

O ária trouxe à Ibéria o naturalismo. O semita o espiritualismo. Estes dois sangues combinam-se amorosamente no Português.

No seu texto *“Pela Pedagogia do Trabalho”*, Sérgio retoma uma ideia cara a Antero quando afirma: *“Nós portugueses, fixados num tipo social obsoleto por longuíssimos anos de educação depredadora e de isolamento sistemático, apresentamos o acabado exemplo de uma sociedade cuja estrutura guerreira não conseguiu ainda adaptar-se ao ambiente industrial da moderna civilização”*¹⁵⁸.

Sérgio considera a política do isolamento um grave erro, sustentando que a nossa pedagogia deve ser uma pedagogia do trabalho e de organização social do trabalho. Fernando Pessoa terá procurado, segundo Jacinto do Prado Coelho *“demonstrar friamente, com raciocínios e cinzentas análises, a justeza das intuições proféticas de Pascoaes, pondo em termos de compreensibilidade lógica o valor e a significação do movimento saudosista.”*

A polémica Sérgio/Pascoaes é o entrechoque de personalidades, discursos e intenções diferentes. Nenhum assumiu uma atitude de diálogo. Para Sérgio tratava-se de ser Pedagógico; Pascoaes era apologético. A linguagem não foi, portanto, convergente, a vida dos dois homens seguiu rumos diferentes. Sérgio seria um «industrialista», Pascoaes um «ruralista». Mas, no fundo, nem um nem outro seriam só isso. Pascoaes sentia que o ruralismo era necessário, tinha valor em si mesmo; Sérgio era um optimista e nesse optimismo englobava a industrialização¹⁵⁹.

Pascoaes se vivesse hoje seria provavelmente um ecologista, mas hoje, talvez Sérgio também o fosse.

A um Sérgio político, empenhado, corresponde um Pascoaes em que a acção política não está ao mesmo nível que a sua produção literária. De resto, a sua obra *“de um português ibérico”* segundo Unamuno, é um campo quase inacessível ao homem comum.

3) Polémica com Carlos Malheiro Dias a propósito do “Sebastianismo” (1924)

A origem desta polémica pode ser encontrada no Bosquejo da História de Portugal, obra que teria constituído uma pequena introdução histórica ao Guia de Portugal, a editar pela Biblioteca Nacional de Lisboa sob a direcção de Raúl Proença, onde Sérgio define D. Sebastião como *“um fanfarrão e um mentecapto.”*

Algum tempo decorrido António Sérgio leu no jornal O Dia alguns trechos do livro de Carlos Malheiro Dias, Exortação à Mocidade, onde o autor atacando a apreciação que Sérgio faz de D. Sebastião, o apresenta como herói, um modelo exemplar para a mocidade portuguesa. Com aquela obra, Malheiro Dias, pretendeu lutar contra o que ele denominava pensamento desnacionalizador e de alguma forma contribuir para a regeneração do espírito patriótico. Afirma que a sua intenção foi chamar a atenção da mocidade para a *“função do espiritualismo na reabilitação do sentimento patriótico”*¹⁶⁰.

¹⁵⁴ Quental, Antero de, Causas da Decadência dos Povos Peninsulares nos três últimos séculos, Lisboa, Ulmeiro, 1987.

¹⁵⁵ Há aqui uma contradição no pensamento sergiano pois normalmente escrevia que as escolas poderiam ser o motor do desenvolvimento nacional (nas Escolas, as diferentes classes sociais seriam unidas nos seus esforços por um Portugal melhor).

¹⁵⁶ Pascoaes já por certo o pensara. Esta “lição” de Sérgio peca por ser óbvia.

¹⁵⁷ Afirmação que também se encontra na Arte de Ser Português.

¹⁵⁸ Esta afirmação lembra a 3ª causa da Decadência apontada por Quental, nas célebres conferências do Casino Lisbonense de 27 de Maio de 1871: “As Conquistas longínquas, uma política de conquista e aventura e não uma política de desenvolvimento económico da nação”. Quental, op. cit.

¹⁵⁹ Branco, J. Oliveira, citando Sérgio, em O Humanismo Crítico de António Sérgio, op. cit. p. 119, repara que este sabia que nem tudo no progresso técnico são maravilhas: “no meio dessas maravilhas da técnica científica que são o bombardeamento aéreo, os gases asfixiantes, os obuses monstros, os submarinos, viu-se que os progressos da ciência não redundam, por necessidade, em progressos da razão, e que os métodos científicos não são, por isso, os mais humanos”.

¹⁶⁰ Dias, Carlos Malheiro, Exortação à Mocidade, 2ª Edição, Ed. Portugal-Brasil, Lisboa, 1925, p. 2.

Considera que o racionalismo não responde aos problemas de Portugal, apelando ao Nacionalismo, que julga crucial. Defendia Carlos Malheiro Dias a figura de D. Sebastião. Sérgio escreveria uma “Tréplica a Carlos Malheiro Dias sobre a questão do Desejado” na Seara Nova em 1925¹⁶¹. Esta polémica, tal como outras que António Sérgio manteve, não nada a ver, numa primeira abordagem, com questões de Pedagogia. No entanto, numa abordagem mais atenta, pode considerar-se de interesse pedagógico por dois motivos: primeiro porque Sérgio pretendeu, com as Polémicas lançar luz sobre assuntos de interesse nacional e realizar uma importante divulgação cultural através das polémicas; aliás, elas realizaram-se em jornais e revistas; em segundo lugar, porque tendo sido Sérgio um 'Educador de Gerações', fora do sistema de ensino formal – fundamentalmente por causa das suas opções políticas – encontramos nas Polémicas as suas ideias quanto ao «Modelo de Pessoa» a formar pelo Sistema Educativo – e tal aspecto é fundamental; – não há Sistema Educativo cujo fim último não seja, precisamente formar as pessoas num determinado sentido e não outro(s).

4) Polémica com José Marinho sobre o Idealismo (1934)

António Sérgio procedeu a uma homenagem a Antero de Quental, – autor que sempre disse admirar. José Marinho manifestou-lhe muitas dúvidas quanto à capacidade da inteligência humana em compreender a própria totalidade do ser humano.

António Sérgio dirá que a inteligência científica não deve ser entendida como discursiva, à maneira aristotélica. Inversamente, ela é relacionativa, equacionativa, matematicativa e o trabalho científico desacredita a intuição sensível; mais uma vez, António Sérgio se definirá como idealista, e recusa qualquer possibilidade de leituras «realistas» na relação cognitiva, pois para Sérgio, esta trata da luta entre um realismo do senso comum e um idealismo racional e crítico; assim, não aceita [nunca o fará] o anti-intelectualismo de Henri Bergson e de todos os que acreditam como evidência que o mundo «exterior» é mais fácil de ser conhecido que o homem, só porque o primeiro é «exterior».

José Marinho dirá que grande parte das ideias de António Sérgio estão em decadência [o idealismo, a sua filosofia do conhecimento, a definição sergiana de cultura, a valorização do cartesianismo] pensando que Sérgio coloca a questão gnoseológica num dilema.

José Marinho não se definirá como realista ou como idealista. Diz-se “amigo do pensar inclassificado”, pois para ele “o pensamento verdadeiro se não encontra (...) pela exclusão do real estranho ao pensar, mas pela aceitação dele”.

Replicando a este escrito de Marinho, António Sérgio diz considerar que entre a atitude filosófica e a atitude científica existe muito em comum. Sérgio terminará esta polémica com uma certa ironia que diz considerar “a mais filosófica das atitudes do espírito”¹⁶². Como vimos nas anteriores polémicas em que se envolveu António Sérgio, existe por sua parte uma «constância» de pensamento e uma grande força interior para afirmar e reafirmar esse mesmo pensamento.

No que diz respeito ao «Idealismo», Sérgio sempre o defenderá, em consequência da sua bagagem intelectual no domínio da Física, como se referiu já.

5) Polémica António Sérgio – Sant'Ana Dionísio sobre Leonardo Coimbra (1936)

Esta polémica surgiu não por grandes motivos, em relação à obra de Leonardo Coimbra, mas pela forma como Sant' Ana Dionísio o elogiou, tendo citado Raúl Proença.

É António Sérgio quem refere que “no princípio foi só o desejo de defender o Proença contra uma assimilação que me pareceu ultrajante e um testemunho errado a seu respeito [que o moveu] isso e nada mais”¹⁶³. Note-se este traço da personalidade de Sérgio: defender aqueles que julga terem razão; já disse neste texto que tratamos de um autor de combate – e veja-se em que época histórica se situa esta polémica – em 1936, com os vários fascismos cheios de força. Era preciso coragem, neste tempo, algo que as actuais gerações – felizmente – já não conheceram – para se lutar publicamente, ainda que no plano das ideias. Sant' Ana Dionísio comparou Leonardo Coimbra, com Antero de Quental, considerando-os como quem constituiu “o mais alto grau de sinceridade, de constância diligente, na procura do que mais importa ao homem.”

¹⁶¹ Sérgio, António, “Tréplica a Carlos Malheiro Dias”, Seara Nova, 1925, p. 7.

¹⁶² Sérgio, António, “Da função da ironia no diálogo das ideias”, Seara Nova, nº 431, de 21 de Março de 1935, p. 365.

¹⁶³ Sérgio, António, “Procurando desembaraçar uma meada e dissipar um nevoeiro mental”, O Diabo, 11/10/36, p. 3.

Para Sérgio, se bem que existissem largos motivos para admirar Quental no contexto da Cultura Portuguesa, tal não se passava com Leonardo Coimbra.

Sant' Ana Dionísio sustentava que Raúl Proença definia Leonardo Coimbra *“como um pensador sério com um espírito dotado de invulgares dotes especulativos”*.

António Sérgio considerava ter existido deturpação do pensamento de Raúl Proença, que em 1931, tinha afirmado a propósito de Leonardo Coimbra é: *“um prosador que escreveu poesia – e muitas vezes mirabolante retórica – em torno de assuntos tratados pelos filósofos.”*

Em 1922, a Seara Nova, sob a direcção de Raúl Proença não se pronunciara sobre um artigo a propósito de Leonardo Coimbra, porque *“Raúl Proença só se sentiria «obrigado» a opor-se aos artigos da própria Seara Nova quando tais artigos eram de natureza política, e contrários, em doutrina à orientação da (...) revista”*.

António Sérgio afirmou que Sant'Ana Dionísio fez uma distorção das afirmações de Proença e referiu a conduta ético-política de Coimbra, pondo em causa a seriedade do seu pensamento; Sant' Ana Dionísio, a partir dessas considerações pensou que para Sérgio a seriedade ético-política seria a forma de medir a seriedade metafísica. Ora, para António Sérgio o Homem é uma Totalidade, composta por elementos interligados; assim, como admirar um homem que diz pensar de uma forma e age de outra? – seria, para Sérgio, o caso de Leonardo Coimbra; Sant' Ana Dionísio replicou apontando Antero, que seria exemplo da coexistência de contradições nos seres humanos, mas António Sérgio considerou que em Antero as suas contradições eram igualmente dirigidas para as mais altas aspirações éticas. Deste modo, para Sérgio, *“a dualidade ética de Leonardo Coimbra é a de uma alta ética declamada em retórica e de uma baixista ética realmente vivida”*¹⁶⁴.

Para António Sérgio, sempre fiel a uma linha coerente de pensamento, Leonardo Coimbra terá falhado precisamente nesse aspecto, não demonstrando coerência, ao nível da vida e escritos.

6) Polémica António Sérgio – Abel Salazar sobre a «divulgação cultural» (1937).

Abel Salazar, em 1937, escreve na Seara Nova um artigo intitulado “Pensamento lógico, pré-lógico, pseudo-lógico. Pensamento emotivo, pensamento lógico e empiro-lógico”. Neste artigo, defendia o empirismo lógico. Para o artigo em causa, Sérgio faz uma pequena introdução, parecendo estar de acordo com o autor¹⁶⁵. Um mês depois, já Sérgio afirmava: *“Apresentar as teses dos de Viena afigura-se-nos obra meritória e útil: afirmá-las, porém com inabalável certeza, seria excessivo como manifestação de fé”*¹⁶⁶.

António Sérgio parece concordar com as intenções do articulista, mas não com a forma como ela é realizada.

Assim, diz: *“Quando vejo um cientista de tanto mérito como o nosso querido camarada e amigo, o Dr. Abel Salazar, por zelo apostólico de vulgarização filosófica, abismar-se em pélagos de simplificações colossais, resignado à necessidade de desprezar distinguios, subtilezas, rigorismos, exactidões, pergunto-me se esta prova não será decisiva, e se alguém jamais poderá ter êxito onde um Abel Salazar não conseguiu vencer”*¹⁶⁷.

António Sérgio considera Abel Salazar dogmático, pois¹⁶⁸ apresenta conclusões, sem explicar os passos dados e sem clareza expositiva, *“(…) não o pregar conclusões ou sínteses (desacompanhadas da fundamentação respectiva) mas esclarecer intellectos”*.

Abel Salazar responde às críticas de Sérgio dizendo que não é possível realizar divulgações como Sérgio pensa; é necessário distinguir os problemas em discussão e as conclusões; no entanto, considera absurdo discutir os pontos ambíguos dessas teorias quando se trata de vulgarização, porque tais análises obrigariam a *“condições intelectuais e uma posse completa do assunto, que o público não pode atingir; as conclusões, essas, pelo contrário, formulam-se em poucas palavras, e são acessíveis a toda a gente”*.

A vulgarização será, para Abel Salazar um factor de consciencialização intelectual do povo. Será assim um trabalho “estimulante e fecundante”. Nesta altura Sérgio considera o tipo de vulgarização filosófica de Abel Salazar como propaganda das conclusões, sem as apresentar com método, Assim, tal vulgarização, pode acabar por ser perniciosa.

¹⁶⁴ Sérgio, António, “Procurando desembaraçar uma meada e dissipar um nevoeiro matinal”, O Diabo, de 25/10/36, p. 6.

¹⁶⁵ Sérgio, António, «Introdução» ao “Pensamento lógico, pré-lógico, pseudo-lógico e psicológico. Pensamento emotivo, pensamento lógico e empiro-lógico” de Abel Salazar, Seara Nova, nº 505, Abril de 1937, p. 3.

¹⁶⁶ Sérgio, António, Seara Nova, nº 510, 20 de Maio de 1937, p. 104.

¹⁶⁷ Sérgio, António, art. cit. na nota anterior, p. 106.

¹⁶⁸ Sérgio, António, Seara Nova, nº 515, 26/6/37; num artigo intitulado “Notazinha ao artigo de Abel Salazar”, o autor diz não concordar com a sua forma de vulgarização.

A esta argumentação, responde Abel Salazar, que seria “fazer andar o carro à frente dos bois.”

António Sérgio inicia em Julho de 1937 a publicação na Seara Nova de artigos sob o título “Cartesianismo ideal e Cartesianismo real”, onde retoma as críticas a Abel Salazar, embora não o citando. Mostra-se contra o “*vício de orientação pedagógica, isto é, os divulgadores de um novo filósofo ou sistema filosófico, apresentarem novas teorias como dogmas de uma nova fé*”.

Em Janeiro de 1938, Abel Salazar publicou o artigo “O Bluff António Sérgio”. Nele caracteriza António Sérgio como um “*completo exemplo de vacuidade intelectual, de inépcia filosófica, de inaptidão crítica, de pífia dialéctica, de mísera sofística (...) e acusa-o de ser mero plagiador de Brunschvig e da sua obra La pensée intuitive chez Descartes et les cartesiens nos seus últimos artigos “Cartesianismo ideal e cartesianismo real”*”.

Sérgio escreve ainda um artigo intitulado “Em torno de um complicado caso de consciência”, recusando todas as críticas que lhe foram feitas a Salazar.

Uma semana depois, no jornal Sol Nascente Abel Salazar responde, reiterando as críticas a António Sérgio e considera: “*(...) isto deu em pura comédia, triste comédia. . .*”.

Esta polémica terminou com uma carta de Abel Salazar ao director do Sol Nascente aonde pediu a suspensão dos dez artigos, sobre a “*triste personagem, que é o Sr. António Sérgio*”.

Abel Salazar foi um opositor a Oliveira Salazar; hoje existe na Universidade do Porto, o Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar, em honra deste homem, que foi também um grande médico e humanista.

Esta polémica que teve com Sérgio, mostra como às vezes os homens, mesmo lutando por causas comuns, não se conseguem entender.

7) Polémica António Sérgio com Bento de Jesus Caraça sobre de Platão. (1945)

António Sérgio ao ler Os Conceitos Fundamentais de Matemática (2º volume) de Bento de Jesus Caraça¹⁶⁹, considerou que este tinha, no seu livro, conclusões contrárias às teses platónicas, por erro de leitura. Será só no final desta polémica, em “Explicações para os que entendem a língua que eu falo”, que dirá: “*Quero aqui acentuá-lo: foi somente para dissipar a ridiculez vexante com que na prosa de Caraça me apareceu Platão – foi só para isso, tão só – que eu acudi à pena; e por delicadeza para com ele que o não confessei de início*”¹⁷⁰.

O interesse de Sérgio seria tornar a noção de «forma» platónica mais compreensível, mostrando a sua actualidade, segundo ele patente na investigação científica. Sérgio desenvolve estas ideias, “*considerando a ciência o resultado de toda a ideação, que se traduziu num sistema de «formas»*”¹⁷¹.

Sérgio defende que o desenvolvimento das ciências actuais, confirma as traves-mestras do pensamento de Platão, das teses platónicas. Diz Sérgio [que o livro de Albert Einstein Como Vejo o Mundo] mostra que Einstein usa o mesmo tipo de linguagem de Platão; “*o de Einstein é o de Platão (...) traduzido na linguagem do nosso tempo*”¹⁷².

Bento de Jesus Caraça replicará que “*a Física post-galileana é caracterizada pela interacção da teoria e da experiência*”¹⁷³. Caraça define “*a filosofia platónica como o pensamento de um homem que deu satisfação às suas aspirações de homem de classe e influenciado pelo ambiente da sua época e da sua terra*”¹⁷⁴.

Bento de Jesus Caraça diz sobre Platão: “*Toda a sua obra respira o desdém aristocrático pelos sentidos e pelas artes manuais que lhes estão ligadas*”. A propósito desta polémica com Sérgio, Caraça dirá que tal “*infeliz discussão pode ser intitulada como episódio substancial da comédia da vida*”.

8) Polémica António Sérgio – António José Saraiva acerca do materialismo histórico. (1950-52)

António José Saraiva publicou na Vértice, um artigo “Sobre a 2ª edição dos Ensaios de António Sérgio” em Maio de 1950.

Embora reconheça o labor sergiano a bem da cultura em Portugal, critica-lhe o seu Idealismo. Remete os leitores para o “Prefácio” de António Sérgio a Problemas da Filosofia de Bertrand Russell¹⁷⁵.

¹⁶⁹ Bento de Jesus Caraça foi um matemático de renome internacional, e, também ele, foi sempre opositor ao salazarismo.

¹⁷⁰ Sérgio, António, “Explicações para os que entendem a língua que eu falo”, Vértice, Junho de 1946, p. 384.

¹⁷¹ Sérgio, António, artigo citado na nota anterior, p. 346.

¹⁷² Sérgio cita o texto de Caraça, “Conferências e outros escritos”, p. 381.

¹⁷³ Caraça, Bento de Jesus, texto citado na nota anterior, p. 305.

¹⁷⁴ Caraça, Bento de Jesus, texto citado, p. 324.

¹⁷⁵ Sérgio, António, “Prefácio” à obra de Russel, Bertrand, Problemas da Filosofia, pp. XVI-XVII.

Já na conclusão do seu artigo, António José Saraiva considera que *“Sérgio no seu ensaio sobre a tomada de Ceuta deseja que ele seja entendido à luz do idealismo, quando tal não é possível, porque se trata de uma interpretação materialista de um facto histórico, ao contrário das ideias de Sérgio”* Em “Notas de esclarecimento”¹⁷⁶, Sérgio começa por afirmar que António José Saraiva *“não percebeu coisa alguma da minha doutrina gnosiológica, (...)”*¹⁷⁷, reafirmando o seu Idealismo que nunca é confundível com materialismo, porque *“as ideias podem ser suscitadas por necessidades económicas, mas não propriamente determinadas por elas”*¹⁷⁸.

Ser experimentalista também *“não implica a necessidade de se ser materialista; pelo contrário a experiência é logo de início gerada e estruturada por intervenção de ideias”*.

Para confirmar as suas teses, Sérgio recorre a exemplos retirados das ciências – a noção de átomo – criada pelo intelecto. O que se deve entender por mundo exterior?

Desta forma, *“o termo exterior leva-nos a uma ilusão, porque o exterior só existe mediatizado por cada um de nós. A realidade física é sempre construída, ultrapassando e contrariando a intuição sensível, servindo-se dela, mas resistindo à sua “tirania”; diz ainda que nunca duvidei de que iria ser, no meu próprio país, o precursor de uma corrente de materialismo histórico”*.

Esta polémica não terminou aqui. Em 1952, António José Saraiva editou no Porto, O caprichismo polémico do Sr. António Sérgio. Para ele não tinha sido esclarecido sobre a de contradição entre o idealismo sergiano e a filosofia da história do ensaio sobre a tomada de Ceuta.

António José Saraiva cita o escrito sergiano “O Reino Cadaveroso ou o Problema da Cultura em Portugal”, no qual este defendera [segundo Saraiva] que o desenvolvimento da indústria e do comércio, levou a Europa do Renascimento à mudança de mentalidade. A ser assim, as ideias seriam condicionadas por factores concretos – tais como o desenvolvimento da indústria. António José Saraiva, acaba por considerar António Sérgio como aquele em que *“o que tudo se resume numa palavra: Caprichismo”*¹⁷⁹.

Esta polémica envolveu – mais uma vez – dois adversários políticos de Salazar, tendo António José Saraiva – falecido em 1993 – contribuído grandemente para a História de Portugal.

3.13. António Sérgio Pedagogo e político: teoria e prática.

Para a compreensão do labor político de António Sérgio, consultei alguns autores, de forma a obter um testemunho dessa faceta da sua vida. Henrique de Barros e Fernando Ferreira da Costa, foram amigos de Sérgio, e, como ele, opositores ao regime de Salazar. Curiosamente, consideram-no utópico.

Vejamos alguns excertos da obra que publicaram¹⁸⁰: *“Sérgio, com efeito, recusava abertamente o «materialismo dialéctico», como se depreende de vários passos da sua obra demonstrativos de que conhecia bem a doutrina marxista, à qual até recusava o qualificativo de «materialismo»: «Por mim, não aceito nem um ápice dessa tese metafísica» (assim a chamava ele), «e creio que o socialismo só teria a ganhar se se desprendesse dessa farragem do «materialismo dialéctico» que o torna antipático ao sentir de muitos». No seu entender, «as interpretações económicas dos acontecimentos históricos não têm coisa alguma de materialista»; para ele, «os sucessos resultam das ideias dos homens (...)»*¹⁸¹.

Prosseguem os autores *“(…)Da Utopia, ou antes de certas utopias de Sérgio, vamos pois tratar. Referir-nos-emos, claro está, às utopias do homem público, do doutrinador social, do reformador não violento, do pedagogo da política; jamais ousaríamos ocuparmo-nos, se é que as houve, das utopias do pensador puro, do filósofo em suma: seria atrevimento indesculpável tentar penetrar, armados apenas com as nossas «plebeias tecnologias», no edifício imponente das «aristocráticas humanidades”*.

Para estes dois autores, Sérgio foi utópico também porque acreditou naquilo a que *“poderão dar-se os nomes de «República cooperativa», «Ordem cooperativa», «Cooperativização integral», «Pancooperativismo» e porventura ainda outras, todas pretendendo significar que se não trata nem de capitalismo nem de socialismo marxista, mas sim de algo diferente e original: um socialismo associativista, libertador ou mesmo libertário, a criar de dentro para fora,*

¹⁷⁶ Sérgio, António, "Notas de Esclarecimento", Ensaios tomo II, p. 208.

¹⁷⁷ "Notas de Esclarecimento", Ensaios, tomo II, p. 208.

¹⁷⁸ Op. cit., p. 209.

¹⁷⁹ Saraiva, António José, O Caprichismo polémico de António Sérgio, Porto, 1952 p. 52.

¹⁸⁰ Barros, Henrique de e Costa, Fernando Ferreira da, António Sérgio: uma nobre utopia, Lisboa, 1983, Edições O Jornal.

¹⁸¹ Sérgio, António, Ensaios, tomo I pp13-43.

pacificamente, pela extensão gradual mas ilimitada do princípio cooperativo. Sérgio, homem cultíssimo e de grande curiosidade mental, leitor permanente e crítico, filósofo convicto de que « a missão do filósofo é atenuar negrumes nos problemas mais árduos com que se defronta o intelecto», conhecia bem as obras de Marx e não ignorava a vida e as acções deste, mas nunca foi marxista nem revelou tendência para o ser, como é geralmente sabido e já aqui começámos, logo por fazer notar”.

É preciso sublinhar, porém, que Sérgio, grande impulsionador do cooperativismo em Portugal, sabia que *“para qualquer cooperativista de visão segura, o que primeiro interessa não é que existam cooperativas: é, sim, que haja espírito cooperativo; é que não faltem maneiras verdadeiramente cooperativas de pensar as coisas e de orientar os actos. Isto é: o apeço das práticas de auxílio mútuo; o apego ao princípio da associação de pessoas (e não de capitais); o desejo de abolir divergências de interesses e distinções de classe de origem económica; o de suprimir intermediários; o anseio de elevar cada um dos sócios à máxima plenitude de uma vida pessoal, e também o conjunto dos sócios da cooperativa à máxima beleza de uma vida em sociedade O empenho de, por uma obra persistente de educação do povo, preparar os homens para a vida cooperativa, e por esta elevá-los acima de si mesmos, lançar os alicerces de uma civilização mais nobre”*¹⁸².

E acrescentam ainda Henrique de Barros e F. F. Costa: *“tal era o apego de Sérgio ao ideal que abraçara que, tendo chegado nos seus últimos anos de vida, recolhido em casa, à estranha conclusão de que a sua obra falhara, ressaltava contudo o seu combate pelo Cooperativismo como a única coisa que daquela se aproveitava e assim legaria ao seu país. Isto mesmo declarou ele a diversos amigos, que o visitavam na sua acolhedora casa da Travessa do Moinho de Vento, à Lapa, entre eles a nós próprios, ao afirmar a convicção em que estava, naquela passagem da década dos 50 para a dos 60, de que a sua obra resultara estéril, essa obra sem par entre nós de Filósofo, Ensaísta, Doutrinador Político, agitador social fecundo, fomentador de novas ideias, Professor vocacionado, crítico literário arguto e inconformista, Historiador original sempre com os olhos postos no futuro, prosador admirável e dúctil, Poeta talentoso, Dramaturgo interessante, jornalista que aliava a acessibilidade do texto à elevação dos conceitos”.*

Para estes autores António Sérgio era incapaz de ódios pessoais mas abominava intelectualmente António de Oliveira Salazar, esse protótipo do «segundo homem» da sua trilogia¹⁸³. *“Não podemos evidentemente garantir que, em atitude de reciprocidade, Salazar abominasse Sérgio intelectualmente (estamos até em crer que, no íntimo, lhe tinha algum respeito), mas assiste-nos o direito de afirmar que o perseguiu abominavelmente, não hesitando em mandá-lo prender várias vezes e em ordenar a apreensão de livros dele: «Este pequeno compêndio de pedagogia Educação Cívica, editado em 1914, e que se pretendeu reeditar em 1946 ou 1947) ficou sendo o quinto dos meus volumes perseguidos pelo regime”*^{184,185}.

Curioso é o episódio a seguir narrado: *“Seja como for, nem A. S. nem O. S. , presumimos nós, devem ter apreciado um elogio simultâneo que, em hora infeliz, Gilberto Freire se lembrou de fazer dos «dois Antónios»”*¹⁸⁶, já que nenhuma das outras similitudes, salvo a de serem ambos inteligentes e essa da igualdade do nome próprio, entre eles existia, e a não ser talvez também a de ambos gostarem de se apresentarem publicamente como humildes, quando afinal tanto um como o outro eram orgulhosos e seguros da excepcionalidade do seu valor. Assumido o poder pelo homem forte, gélido e astuto importado de Coimbra, e estabelecido nas leis e nas instituições o «corporativismo» fruste versão portuguesa do fascismo italiano, a luta política de Sérgio contra o regime não parou e só esmorecia quando as circunstâncias eram por de mais impeditivas da expressão do pensamento¹⁸⁷. Tendo acabado por se convencer, após o seu regresso ao país em 1933 e até ao insucesso da candidatura Norton de Matos, de que o sistema nunca se liberalizaria a ponto de procurar quem o continuasse ou lhe sucedesse recorrendo a eleições honestas, o pensador teorizante voltou a ser conspirador activo e passou de novo a privilegiar uma solução de índole militar e a procurar contactos com os que nela estavam ou pareciam estar envolvidos ou susceptíveis de se envolver, desta vez porém

¹⁸² Sérgio, António, "Sobre o espírito do Cooperativismo", Ateneu Cooperativo, Lisboa, 1958, pp. 37-38.

¹⁸³ Estamos a referir-nos, como o leitor certamente já se apercebeu, à célebre classificação de Sérgio nas suas Cartas do Terceiro Homem, terceiro homem este expoente de «um tipo de mentalidade política que difere da do autoritário de marca fascista» (segundo homem) e da «do democrata expansivo do velho figurino romântico» (primeiro homem) e que ele, A. Sérgio, supunha «ser a que convém para o futuro» - Sérgio, António, Cartas do Terceiro Homem, op. cit., Primeira Série p. 12 - por corresponder ao tipo «dos que concebem ideias básicas, ao mesmo tempo que lhes dão sequência, as encadeiam, as concretizam o dos idealistas realistas; o dos que não separam a imaginação da didáctica da visão concreta; o dos cérebros organizadores de pensamentos e de realizações; o dos homens capazes de lançar as vistas para os problemas económico- sociais da Grei» . Ensaios, tomo I. p. 366.

¹⁸⁴ Matos, A. Campos, Diálogo com António Sérgio, op. cit. , p. 4.

¹⁸⁵ Barros e Costa, op. cit. , p. 73.

¹⁸⁶ Freire, Gilberto, Aventura e Rotina, Livros do Brasil. Lisboa, 1953, p. 22. O trecho é o seguinte: "António Sérgio me dá, como nenhum outro português a impressão de ser, como Salazar, um intelectual superiormente crítico, objectivo, lúcido. Impressão de outros observadores que conhecem de perto os dois Antónios: Salazar e Sérgio. "

¹⁸⁷ Uma das suas mais faladas tomadas políticas de oposição ao regime terá sido a de encabeçar a mensagem dirigida ao Presidente da República, a 10 de Julho de 1956, reclamando o cumprimento, efectivo do artigo 8º da Constituição então vigente, a qual garantia teoricamente o exercício dos direitos cívicos. valeu-lhe esta atitude vários ataques na Emissora Nacional, na Assembleia Nacional, na imprensa, que profundamente o magoaram e o levaram às réplicas veementes que constituem a XLIX Carta da terceira série de Cartas do terceiro homem .

generais e oficiais superiores. Ainda se dedicou, por sinal empenhadamente, a um esforço difícil de propaganda que ficou conhecido por «campanha de promoção do voto», e que tinha simplesmente por objectivo imediato convidar os cidadãos a recensearem-se, mas o malogro desta e as perseguições movidas aos que nela mais activamente participaram deve tê-lo convencido da inanidade de tal via perante a cega obstinação do poder.

“Também, como é sabido e mais adiante lembraremos melhor, o escritor esteve intensamente envolvido na preparação e na execução da candidatura presidencial de Humberto Delgado, mas já então mais convencido de que esta redundaria num golpe militar em vez de umas tranquilas eleições democráticas. (...)”

Para Henrique de Barros e Fernando Ferreira da Costa, *“Quem um dia conseguiu fazer a história meticulosa da resistência militar ao antigo regime, após a grande guerra, com as suas muitas conjuras e raras sublevações, comprovadora de que as Forças Armadas, embora continuassem a ser o suporte principal do status quo, nunca estiveram coesas na defesa deste, como não haviam estado antes da guerra mundial, há-de certamente deparar a cada passo com a figura «intrinseca» de António Sérgio. (...) Foi Sérgio quem, após com ele se ter relacionado com finalidades conspiratórias, lançou o nome de Humberto Delgado, recém mas veementemente convertido à Democracia, para candidato oposicionista apto a vencer as eleições presidenciais de 1958. Com o seu temperamento dádivo e combativo, foi também ele, Sérgio, um dos que mais intensamente se empenhou na luta pela aceitação desta candidatura por todas as forças oposicionistas, como veio a acontecer após a desistência de Arlindo Vicente, e um dos que mais se envolveu na ingrata campanha que o «general sem medo» conduziu e que acabou por o levar, poucos anos depois, à horrorosa tragédia que os portugueses jamais deverão esquecer”*¹⁸⁸.

Já em 1993, José Freire Antunes, na obra Salazar Caetano cartas secretas 1932-1968, volta a reafirmar o papel crucial de António Sérgio na desintegração do salazarismo, dizendo que o Presidente da República de então, Craveiro Lopes, exigiu a Salazar a demissão de Santos Costa, grande apoiante do chefe do governo – tendo Salazar cedido, depois de se sentir ameaçado por Craveiro Lopes, que o poderia ter demitido. *“Quando Delgado surgiu como candidato, o PCP chamou-lhe «general Coca-Cola», mas depois foi a reboque. António Sérgio tornou-se o principal congregador de apoios civis para a candidatura. A campanha eleitoral de Delgado («à americana») mobilizou multidões, convulsionando literalmente um país a que Salazar incutira a habitualidade bloqueadora das emoções”*.

Sérgio e Humberto Delgado contactaram muito no ano de 1958. Quanto à natureza do salazarismo, sublinhe-se, de acordo com Braga da Cruz que *“sem tolerar que se pense no regresso ao parlamentarismo e ao sistema de partidos, Salazar aceita que, por períodos curtos e espaçados, e sempre sob rígido controle do poder estabelecido – a PVDE é reorganizada e passa a chamar-se PIDE em Outubro de 1945, – se formem o que Mário de Figueiredo classifica impropriamente de «partidos ocasionais»”*¹⁸⁹.

O mesmo Braga da Cruz acentua que os opositores eram perseguidos, tendo muitos sido afastados de cargos que detinham na função pública por assinarem requerimentos de legalização de movimentos eleitorais de oposição. Parece evidente – quiçá como no caso do franquismo – que o governo de Salazar se firmou no poder devido às suas próprias manobras na conjuntura internacional. Assim, no período da «Guerra Fria», Portugal adere à NATO e usa, livremente, em África, armas compradas para servirem na Europa. É de salientar igualmente, a importância que os Estados Unidos conferiam à sua base aérea nos Açores.

Igualmente, para Sottomayor Cardia, a oposição ao regime foi-se diluindo e, tristemente, em muitos casos, antagonizando. Várias das «polémicas» de Sérgio deram-se, lamentavelmente, com opositores do regime e são exemplo do que acabo de dizer. Havia com efeito «Oposições» e não uma Oposição. Era completamente diferente a acção do Partido Comunista da de personagens de tipo social-democrata, entre as quais o próprio Sérgio. Como nota Manuel Braga da Cruz, pessoas houve que colocando-se *“sempre escrupulosamente dentro da mais estrita legalidade» – caso de Norton de Matos, querem democratizar o país sem sair dos limites constitucionais”*¹⁹⁰.

Seria a questão colonial o grande problema do governo de Salazar. É preciso não esquecer, de resto, a pequena dimensão de Portugal – que torna o País esquecido – e a fronteira terrestre com a Espanha, governada por Franco, excelente amigo de Salazar.

Por estas razões, creio que Sérgio tinha razão quando pensava em atrair os militares para a oposição, criando as condições para um golpe de estado, já que um «levantamento popular» não parecia de modo algum eminente. “As

¹⁸⁸ Tratam os autores deste texto, do assassinato, de Humberto Delgado e da sua secretária, em Espanha, pela polícia política portuguesa - facto que já referi .

¹⁸⁹ Cruz, Manuel Braga da, “A oposição eleitoral ao salazarismo”, in António Sérgio, número especial do 1º centenário do seu nascimento, cit. , p. 703 .

¹⁹⁰ Cruz, Manuel Braga da, art. cit. ,p. 713.

eleições de 1957 vão porém inverter curiosamente as posições no seio da oposição ainda dividida, e onde a Comissão Promotora do Voto de António Sérgio continua a pugnar pela dignidade cívica e moral das eleições”¹⁹¹.

Já em 1958, com a candidatura do General Humberto Delgado – um ex-salazarista convertido à democracia – “o Governo, [ficara] surpreendido com a força da Oposição e com o impacto da candidatura de Delgado, procura dificultar os movimentos do General, intimidando-o a ele e aos seus apoiantes. Várias medidas repressivas, limitativas ou intimidativas, são ou consentidas ou promovidas, desde ataques «anónimos» à residência de Delgado em Lisboa, à prisão de activistas da oposição (...) às cargas da polícia sobre manifestantes (...) Tudo isso justificava o governo a pretexto de que «em vez do esclarecimento do eleitorado, se procurava criar um clima de agitação social, de desordem e intranquilidade pública»”¹⁹². Acrescenta Manuel Braga da Cruz que “hoje não há apenas dúvidas mas a certeza de que os resultados finais oficialmente publicados, foram viciados. É o próprio Marcelo Caetano, que, nas suas “Memórias” o admite, embora em termos que não alterariam o resultado do voto”¹⁹³.

António Sérgio viria a declarar que as eleições tinham sido uma “farsa indecorosa”. Humberto Delgado disse em público uma célebre frase, em relação a Salazar, caso eleito Presidente da República: “obviamente demito-o”. Mas em 1965, Humberto Delgado foi assassinado e Portugal mergulhou cada vez mais nas guerras de África – desde 1961 – em Angola, Moçambique e Guiné. Em 1968 Salazar é substituído por Marcelo Caetano e em 1974 os militares, finalmente, derrubaram o regime que eles próprios tinham começado, em 1926. É extremamente interessante notar que quatro importantes Generais do tempo da Guerra Colonial portuguesa, criticam em livro posterior ao 25 de Abril de 1974, utilizando uma visão política nitidamente de direita, António Sérgio e os “Sergianos”. Revelam assim a importância que o regime de Salazar reconhecia à acção de Pedagogia Social que Sérgio fez. Criticando os “erros de visão (...) e aberrantes falsidades” [a respeito da História de Portugal] lê-se: “pensamos em António Sérgio (...) e na acção dos seus discípulos, dos sergianos”¹⁹⁴.

Quando preso, em 1935, Sérgio respondeu na então denominada “PVDE”, mais tarde “PIDE” e DGS, no tempo de Marcelo Caetano, que “as suas funções foram sempre doutrinárias, que essas doutrinas estão expostas em numerosos livros e artigos, nos quais sempre preconizei os métodos pacíficos e de persuasão, como poderia demonstrar por numerosíssimos passos das suas obras. E mais não disse, conclui o auto do interrogatório(...)”¹⁹⁵.

Segundo Jacinto Baptista “a 5 de Novembro de 1935 em carta expedida para a Corunha, Luísa Sérgio agradece o interesse do[antigo Presidente da República] e bom amigo Bernardino Machado, que a 16 de Setembro, na Galiza, estava informado do encarceramento de António Sérgio. (...) A 14 de Novembro, segundo a sua biografia prisional, Sérgio é transferido para a enfermaria da cadeia do Limoeiro (...) e, a 21 – continuamos a seguir a biografia prisional, Sérgio é efectivamente «posto na fronteira, por ter sido banido do Território Nacional por tempo indeterminado»”¹⁹⁶.

Vemos hoje o que foi a vida de luta de Sérgio pela seguinte síntese:

“Sérgio foi preso em 1910, 1933, 1935, 1948 e 1958. E a propósito das últimas quatro vezes pensou (e depois escreveu) que foi na prisão que encontrou a verdadeira «união nacional» – de oposição à ditadura militar, primeiramente, e, depois, a Salazar, ao Estado Novo, ao fascismo”. Penso ter explanado o essencial da actividade política de Sérgio, sempre enquadrável com o seu aspecto teórico – a ligação à Democracia, à liberdade, como via para a Educação e Cultura.

¹⁹¹ Cruz, Manuel Braga da, art. cit. , p. 733.

¹⁹² Idem, pp. 747-748.

¹⁹³ Idem, p. 749.

¹⁹⁴ Arriaga, Kaúlza de, Cunha, Joaquim da Luz, Marques, Silvino Silvério e Rodrigues, Bethencourt, África, A Vitória Traída, Quatro Generais Escrevem, Editorial Intervenção, Braga-Lisboa, 1977, pp45-49. (A passagem citada é assinada pelo General Silvino Silvério Marques.)

¹⁹⁵ Baptista, Jacinto, Disse chamar-se António Sérgio de Sousa . . . auto da prisão, inquirição e desterro do autor dos Ensaio em 1935, Lisboa, Caminho, 1992, pp. 44-45.

¹⁹⁶ Baptista, Jacinto, op. cit. , p. 57.

4 Releitura da obra sergiana: enquadramento com escritos actuais

4. 1. Introdução.

Pelo que foi referido anteriormente, Sérgio é um continuador de pensadores ligados à Educação que vêm já da Grécia: ele próprio fala com entusiasmo de Platão e não se pode esquecer que os Atenienses ou os Espartanos tinham conceitos sobre Educação que correspondem ao que Sérgio defendeu: preparar as crianças para virem a assumir os seus deveres de cidadãos. A República de Platão, trata a Educação com pormenor, dividindo-a em elementar, secundária e superior. O mesmo Platão entenderá já a Educação como assunto do Estado – no que será continuado pelo seu discípulo Aristóteles, professor de Alexandre (O Grande) da Macedónia – o que nos faz pensar na noção sergiana de “formação de elites”, com o intuito, nomeadamente, de formar bons governantes. Sérgio não parece destacar Roma como um exemplo no campo educativo; no entanto, refere a Companhia de Jesus pela disciplina e rigor dos seus estudos e, ao mesmo tempo, destaca a figura de Jean-Jacques Rousseau, cujos princípios educativos foram adoptados largamente, incluindo-se entre os seus seguidores o próprio Sérgio; de resto, Sérgio considerava a obra de Rousseau actual sob todos os seus aspectos¹⁹⁷. Quando sabemos a importância que Rousseau vê numa visão «global» da Educação, como processo moral, físico, social e intelectual, quando vemos o valor que Rousseau dá ao trabalho manual, compreendemos que as obras de Pestalozzi, Herbart, Fröbel, Montessori, Decroly, Dewey, Kerschensteiner¹⁹⁸, [e outros] surgem na sequência lógica da obra de Rousseau, visando um melhor entendimento da infância, levantando o problema das metodologias de ensino e combatendo o ambiente meramente livresco das escolas, procurando captar o interesse das crianças por meio de inovações pedagógicas que não esqueciam o ambiente que as rodeava, fazendo-as participativas em vez de passivas. Os autores da Escola Nova são seguidores das ideias gerais de Rousseau: é aliás curioso que tanto Sérgio como Faria de Vasconcelos, passaram (como já vimos) pelo Instituto Jean-Jacques Rousseau, em Genebra.

4. 2. A Obra Pedagógica sergiana: traços fundamentais.

Pelo que antes disse, e pelo próprio título que proponho para este escrito, depreende-se que António Sérgio não escreveu Pedagogia de forma sistemática – em livros, “Tratados”, “opúsculos”, etc. , antes sendo obrigatório ir buscando aqui e ali, na sua vasta obra, os seus conceitos fundamentais a respeito das questões Pedagógicas. Tal deve-se ao facto de Sérgio ter escrito “Ensaio” – como já referi; também se deve ao facto de interligar as questões Educativas com outras, a saber, as Culturais e Políticas em geral.

Creio que o fez por convicção; foi um homem de acção e nesse sentido, a sua obra Pedagógica teórica é mais difícil de descrever, do que a de muitos outros Pedagogos – como por exemplo Faria de Vasconcelos. Este foi um Professor e Pedagogo que procurou isolar as questões que tratou, por forma a raciocinar sobre elas esclarecendo-as. Não cabe aqui uma comparação entre pessoas; direi apenas que a forma de escrita e de intervenção política e social de António Sérgio o levariam ao tipo de escrita que adoptou. Deste modo, encontraremos inúmeras vezes citados textos seus completamente diferentes no título e interesse, aonde topamos – numa expressão muito cara a Sérgio – com as suas ideias Pedagógicas, inseparáveis das questões Políticas – tendo a Democracia como meta crucial – e a Cultura; e no entanto, é perfeitamente possível explicar com «clareza e distinção» – à maneira cartesiana que Sérgio enalteceu – as suas ideias fundamentais sobre Educação. *“A sua obra é vasta, porque variada e rica era a sua cultura, e para a cultivar e pôr em rendimento social, era humaníssimo e incansável o seu espírito apostólico. A crítica literária, a filosofia, a história, a sociologia, a pedagogia, as ciências físicas, de conhecimento indispensável a uma perfeita cultura geral, tudo o interessava e tudo podia ensinar com modelar proficiência. O que não podia, porém, era despreocupar-se por muito tempo do objectivo que lhe empolgava a alma e o espírito: os destinos do homem – e do homem português.”*¹⁹⁹.

4. 3. A Pedagogia Sergiana descrita pelo seu autor.

¹⁹⁷ Sérgio, António, Ensaio, tomo I, “Ciência e Educação”, p. 97.

¹⁹⁸ Estes autores são amplamente citados por homens da Escola Nova, nomeadamente por Faria de Vasconcelos.

¹⁹⁹ Cidade, Hernâni, Portugal Histórico-Cultural, Lisboa, 1985, Editorial Presença, pp. 272-273.

“Se quisesse definir em poucas palavras a pedagogia que preconizo, desde há doze ou quinze anos, diria que é uma pedagogia do Trabalho, contra a pedagogia da Leitura; uma pedagogia da Produção, contra a Armazenagem de conhecimentos; uma pedagogia de Acção Social, contra a pedagogia das Ideias Abstractas – essa tradicional pedagogia que, separando absurdamente a prática da teoria, o trabalho da ciência, a vida do saber, – esteriliza as inteligências, torna parasitas os que estudaram, e cava assim separações entre as classes sociais: de um lado, uma falsa ciência puramente especulativa, uma ciência inútil e de vadiagem; do outro, uma prática de puro empirismo, rotineira. Este ensino, separado da vida, que as escolas tradicionais nos têm dado, divide a sociedade em duas castas: os chamados «intelectuais» (que melhor se diriam os «bizantinos») só sabedores de abstracções; e os chamados «manuais», que são máquinas de ganhar pão: e de aí lutas e incompreensões. Ora, a pedagogia nova de que vos falo, reunindo no mesmo ensino a escola e a oficina, tomaria para seu objecto o manualizar os intelectuais, por assim dizer, e intelectualizar os manuais: unir o pensamento e a vida comum, a ciência e o trabalho; fazer da sociedade uma coisa una, fraterna, em que as diferenças de hierarquia, necessárias à disciplina, não fossem diferenças de qualidade. Por outras palavras: a pedagogia que preconizo não vê no aluno um indivíduo – uma alma abstracta, isolada, inteligência pura; vê nele um futuro trabalhador, uma célula social, um membro de Corporação, uma parte componente duma oficina ou de uma granja; o que na aula se irá aprender é o serviço social, a política corporativista, a associação no trabalho e a respectiva disciplina”.

Para António Sérgio, Educar, é *“favorecer o crescimento da capacidade de racionalização, de espiritualização, de universalidade, de superação dos limites vários”*²⁰⁰.

Educar será levar o aluno a dirigir-se a ele próprio; o professor deve guiar mas não deve permanecer como figura tutelar. A educação será o caminho que leva à liberdade de escolha, só possível por quem seja esclarecido.

Dirá Sérgio que *“o primeiro escopo do educador é o desenvolvimento da razão”*²⁰¹.

As escolhas terão sempre, como valor fundamental a Democracia.

Sérgio vê a Educação como uma questão «global» no sentido em que entende que qualquer processo educativo tem finalidades dadas à partida, finalidades essas baseadas em valores. Destes destaca os relacionados com a actividade Ético-Política. Para que se viva em Democracia, tem de existir opinião pública; para que exista opinião pública, a população tem de ser educada. Assim, uma escola autoritária, seria uma escola deformante.

A Democracia é um regime preferível à Ditadura, mas não é isenta de críticas.

“Chamar-lhe regime de incompetentes é, como se sabe, uma das maiores pauladas de alto a baixo dos adversários da Democracia; das maiores, das mais repetidas, das mais certeiras”.

Sérgio afirma que *“o princípio essencial da Democracia é o de não nos fiarmos em quem nos governa”*²⁰².

Para o autor, a Democracia é o regime mais característico da nossa época pois *“a tendência democrática hoje, espadana de várias fontes”*²⁰³ e o Sistema Educativo é aquilo que pode evitar a tomada de poder pelos homens incompetentes ou sem escrúpulos; assim, as reformas têm que começar pelo aspecto Pedagógico e Educar é uma actividade estruturadora da Sociedade, pois as reformas sociais, políticas, económicas, começam pela reforma Pedagógica. A Educação terá uma dupla função: por um lado será criadora de elites (de onde sairão os dirigentes), por outro elevará o nível cultural médio da população. Sérgio é elitista mas defende as elites como representantes da inteligência e não da força; sempre o dirá²⁰⁴. Pela generalização do acesso à Educação e à Cultura surge a verdadeira Democracia – *“o governo da nação por elites naturais, criadoras da opinião pública e executantes da opinião pública: o governo da persuasão pelo escol da inteligência”*²⁰⁵ Sérgio pretende *“(…) um regime social sem lucro e sem classes, e por isso mesmo compatível (e o único de facto compatível, com a inspiração moral dos evangelhos)”*²⁰⁶.

A Educação deveria ainda evitar os excessos de especialismo, que ao retirarem ao homem a visão global o tornam igualmente incapaz de uma acção cívica consciente. Já nesta altura Sérgio afirma que *“o princípio da Democracia pode conciliar-se com a competência, com vantagem para os serviços, quando se coloque junto do especialista, do técnico permanente, um representante da opinião pública (sabedor dos problemas gerais do país, mas não ele próprio especialista técnico)”*²⁰⁷.

²⁰⁰ "Educação e Filosofia" (princípios de uma pedagogia qualitativa de acção social e racional). Ensaios, tomo I, p. 160.

²⁰¹ "Educação e Filosofia", Ensaios, tomo I, p. 136.

²⁰² "Notas de política", Ensaios, tomo III, p. 234.

²⁰³ "Da Opinião Pública e da Competência em Democracia", Ensaios, Tomo I, pp227.

²⁰⁴ "queremos a ordem mas não obtida exteriormente pela metralhadora e pela polícia (ordem fictícia que cria ódios, os quais geram as desordens de amanhã) senão que pelo prestígio incontrolado da tolerância e da justiça, e como solução que se vai buscando para os antagonismos internos da sociedade" "Notas de Política", Ensaios, tomo III, p. 154.

²⁰⁵ "Da Opinião Pública e da competência em Democracia", Ensaios, tomo I, p. 232.

²⁰⁶ "Notas de política", Ensaios, tomo III, pp 154.

²⁰⁷ Idem, p. 237.

A Educação é vista como actividade criadora e generalizadora do espírito crítico, como prática que leva à instauração do regime da crítica e da discussão dos assuntos de todos; Educar é uma actividade libertadora do homem, conducente ao cidadão activo – não comprometido com partidos políticos. Sérgio condena os falsos democratas, mas fá-lo sempre ao mesmo tempo que repudia a tirania. *“A aspiração democrática é imorredoura: trazemo-la gravada na consciência, e vem lá do fundo da História humana, através da Grécia e da Roma antigas, do Cristianismo e da Revolução. Ninguém no mundo a destruirá”*²⁰⁸.

A Educação, será sempre vista por Sérgio como motor da democratização do País porque é a Educação, que é capaz de *“criar autónomos, forjar espíritos, ligar a reforma da vida pública à reforma intelectual do indivíduo interior, ao severo exercício da disciplina crítica, sem nunca esquecer o condicionamento económico: a verdadeira Democracia nos virá de aí”*²⁰⁹.

A Escola Primária teria como finalidade começar este trabalho de preparação das crianças com vista ao futuro. Em Sobre Educação Primária e Infantil diz-nos: *“tudo no mundo se repercute em tudo, constituindo um círculo de acções recíprocas: e é desses planos de viver futuro que poderá resultar para os Portugueses de hoje uma verdadeira consciência social. A vida é tensão, actividade, avanço; não é ser, mas devir; não é estar, mas ir-sendo: e o laço fraterno e unificante não se há-de buscar numa coisa estática, como o acervo histórico e tradicional: o que dá vida a um povo é um plano de acção, o querer um futuro, o correr para uma meta, – a ideia-força de um melhor amanhã que iremos criar por uma faina estrénuo, por um plano sugestivo de porvir comum, por uma ideia compreensiva de melhoramento social. Não é o tradicionalismo, mas o futurismo, o que dá robustez e coesão a um povo; é o amanhã o que organiza o hoje, e a ideia de uma empresa a realizar com alma o que infunde estrutura a uma nação”*²¹⁰.

Para o nosso autor, é de admirar a impossibilidade de fazer ver aos técnicos portugueses em matéria de instrução pública, os que executam programas, fazem compêndios, que a mera divulgação de conhecimentos não tem valor Cultural e Pedagógico, e que, no ensino, o trabalho efectivo deve ser de investigação, de relacionar e de compreender os fenómenos.

Assim, o estudo das línguas estrangeiras, poderá valer mais que o estudo rotineiro de matérias científicas porque se o aluno tem que traduzir um texto que ignora, faz um esforço próprio, superior, como tal, ao de receber passivamente as conclusões de qualquer ciência, *“transmitidas quase sempre – pelo menos nas primeiras classes, que são precisamente as mais importantes, – de maneira absurda e desconexa, ininteligente e muito dogmática, como nos nossos compêndios e nas nossas aulas, porque assim mesmo o exige o programa”*²¹¹.

4. 4. A Escola como vista como “Modelo” para a Sociedade.

A Escola, deve ser encarada como uma instituição inserida no Ambiente Social global. Não sendo uma espécie de ilha, mas, pelo contrário, está vocacionada para preparar, pela prática da Democracia, o cidadão consciente, cívico, as elites dirigentes e os profissionais em geral. Mais ainda: a Escola será o “Modelo” para as transformações sociais que Sérgio julga imperioso realizar. Este papel quase totalizante da escola é uma antecipação de pensadores mais tardios, que julgam ser a mudança de mentalidades, o fulcro e motivo de todas as mudanças sociais²¹².

No entanto, esta visão da “Escola-Modelo”, faz lembrar a filosofia platónica e a sua concepção de “Forma” – o que parece um traço utópico no pensamento Pedagógico sergiano. Sérgio defende uma vertente de pensamento duplamente anti-Marxista:

— primeiro porque vê na Escola²¹³, o factor das transformações sociais, e não numa classe social específica, que para Karl Marx é o proletariado; observe-se ainda que parece esperar demasiado da capacidade de intervenção e transformação políticas por parte dos professores.

— segundo, porque na Escola, poderiam todos obter a mentalidade cooperativa, de colaboração entre classes, esta uma visão muito distante da de Marx, que supõe a da luta de classes.

A Escola seria um microcosmos social. Como Sérgio afirma, importa proceder “considerando a escola uma sociedade e até organizando-a em sociedades: sindicatos, cooperativas, escritórios, oficinas”. A escola deve estar

²⁰⁸ “Notas de Política”, Ensaios, tom III, pp.158.

²⁰⁹ “Notas de Política” Ensaios, tom III, pp 234.

²¹⁰ Sérgio, António, Sobre Educação Primária e Infantil, Editorial Inquérito, Lisboa, 2ª Edição, s/d., pp 76-77.

²¹¹ Sérgio, António, Sobre Educação Primária e Infantil, op. cit., p. 77.

²¹² “ (...) não confiamos nos remédios puramente legislativos que não sejam acompanhados dos pedagógicos” - “Notas de política”, Ensaios, tom III, p. 151.

²¹³ Numa importante conferência dada por A. Sérgio na Universidade de Coimbra, intitulada “Considerações sobre o problema da Cultura”, Ensaios tom III, p. 57, afirma: “ (...) os disseminadores da cultura devem ser os membros do professorado”.

organizada de forma a interligar-se com o meio social. Procedendo de outro modo, não tendo isto em conta, “é que o ensino, tal como existe, nos dá a impressão de ser um cadáver”²¹⁴.

Desconfiando dos políticos profissionais, elogiando os apertadários²¹⁵ – Sérgio, como já se viu, persegue objectivos políticos, e advoga a existência do cidadão consciente, crítico e interventor. A Escola formará o «cidadão-modelo» da Pedagogia sergiana: cidadão participativo, desconfiado de quem o governa, apertadário mas empenhado, consciente, e por isso mesmo, ele próprio um espírito crítico.

O espírito crítico que deve ser fomentado na Escola, por forma a permitir o surgimento de uma opinião pública capaz de evitar excessos e erros na governação do País. A escola sergiana é assim Política.

Sérgio critica a tirania, o poder de um só, tantas vezes glorificado e tornado mito: “um chefe único, absoluto, tende a sacrificar os interesses gerais aos interesses dos seus e da sua pessoa”²¹⁶.

Sérgio afirma-se democrata porque o homem partidário não se identifica com uma dada ideia, mas sim com os seus chefes. As propostas sergianas só seriam possíveis transformando todo o Sistema Educativo existente porque é óbvio que ele não cumpre os objectivos que Sérgio julga fundamentais. Para ele, “a escola pública, com o seu programa, visa a atulhar o capa-e-batina como um armazém de bacalhão, desprezando o carácter e a iniciativa”²¹⁷.

Como já disse podem parecer estranhas as concepções sergianas porque ele próprio, não foi um professor, exceptuando períodos muito curtos: a sua reflexão Teórico-Pedagógica, era assim, de carácter mais amplo, nomeadamente, de cariz Político²¹⁸. No plano vivencial, podemos considerar completamente contraditório o facto de António Sérgio se afirmar Pedagogo e não Político, pois sabemos que toda a sua obra buscou objectivos eminentemente político-pedagógicos e que ele próprio exerceu enorme actividade política ao longo de toda a sua vida, como Ministro, e depois como Opositor político a Salazar²¹⁹. Aos que argumentam contra a sua visão, na minha opinião utópica, de encarar a Escola como local para obter a colaboração e cooperação entre todos, responde Sérgio que na sua opinião, “O cooperador contribui para o seu próprio bem em todos os seus actos a favor do próximo, abolindo toda a espécie de competição económica, de lutas de classes: porque destrói pela raiz todas as distinções de classe. O cooperativismo é um movimento de ascensão moral, de reforma social, que se serve, como instrumento, das necessidades económicas dos homens”²²⁰.

António Sérgio, que sempre se afirmará idealista²²¹ era-o no sentido total do termo: não só no plano epistemológico, mas igualmente porque perseguiu, de forma ímpar, os seus ideais. A Escola seria o ambiente a partir do qual a luta de classes seria eliminada. Mas serviria também para eliminar a “alienação do homem” que Sérgio considera o vício principal do regime capitalista²²².

A grande transformação pretendida por Sérgio é a reforma total da Educação, que passaria a construir um cidadão de novo tipo, cooperativista; acabará por concluir que “a verdadeira luta não é a de operários e patrões mas a de produtores e não produtores”²²³.

Aí considera também muito negativa a acção do político profissional.

4. 5. A Escola encarada como uma das bases da Democracia.

“os males de que nos queixamos são fatalíssima consequência da estrutura da sociedade, – e que só portanto terão remédio se nos metermos firmemente a transformar essa estrutura, o que não é possível com pregações, nem com políticas de autoritarismo, nem com reformas só pedagógicas, – mas com reformas sociais e pedagógicas concatenadas, entrelaçadas como fios de um tecido único (as quais preparem o nosso povo para o uso razoável da liberdade e para empreender por si mesmo a sua emancipação social-económica)”.

António Sérgio, “As Duas Políticas Nacionais”, Ensaios, tomo II, p. 66.

²¹⁴ “Educação e Filosofia”, Ensaios, tomo I, pp 163.

²¹⁵ “E eis a vantagem do cidadão activo, mas sem partido, e dos grupos doutrinários não partidários, de crítica social e de treino do espírito, como sempre tem sido a Seara Nova.” “Notas de política”, Ensaios, tomo III, p. 166.

²¹⁶ “Notas de Política”, Ensaios, tomo III, p. 163.

²¹⁷ “A propósito dos “Ensaios Políticos” de Spencer”, Ensaios, tomo II, pp 160-161.

²¹⁸ Como nota Rogério Fernandes em António Sérgio, Ministro da Instrução Pública, Revista de História das Ideias, Instituto de História e Teoria das Ideias da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 1983.

²¹⁹ “Do facto de não ser um político, mas sim um pedagogo (...)” Sérgio, António, “Sobre Cristianismo e Cristãos”, Ensaios, tomo VI, p. 198.

²²⁰ “Sobre o Socialismo de Oliveira Martins”, Ensaios, tomo VIII, p. 235.

²²¹ “Eu sou um idealista de uma nítida marca, e que sempre ataquei o sensualismo, o empirismo, o instintivismo, as apologias do inconsciente e do subconsciente, etc, etc.” “Resposta a um comentarista católico”, Ensaios, tomo VI, p. 205.

²²² “O cooperador contribui para o seu próprio bem em todos os seus actos a favor do próximo, abolindo toda a espécie de competição económica, de lutas de classes: porque destrói pela raiz todas as distinções de classe (...)”. “Sobre o Socialismo de Oliveira Martins”, Ensaios, tomo VIII, p. 234.

²²³ No artigo “O Self-Government na Escola-IV (combinação do Self-Government e do Self-Support, A Junior Republic), Águia, 2ª série, nº 34, de Outubro de 1914, pp 119-124.

Para Sérgio, os jovens deviam ser treinados em hábitos democráticos na Escola, desde cedo, seriam habituados à vivência Democrática, a expressar pensamentos, trocar opiniões e colaborar com os outros.

Mas para se constituir como Modelo²²⁴ a Escola teria efectivamente de o ser; a escola não poderia nunca deixar de ser Democrática. Ora, A escola do seu tempo é por ele definida como *“uma verdadeira calamidade pública, e uma das causas mais poderosas da lúgubre situação em que nos encontramos”*²²⁵.

A Escola Sergiana não é, portanto a “escola real”, do tempo em que o autor escreve. Essa “escola real” é criticada por Sérgio, por ser a escola do amestramento. Normalmente o professor baseia a sua actuação no “poder autoritativo” quando deveria baseá-la nos conhecimentos que possui e que deve transmitir ao aluno. Sérgio concede importância ao “poder cognoscitivo” e ao “normativo”, porque Educar é transmitir valores, existindo assim a inseparável ligação entre a Educação e uma escolha Ético-Política. Uma escola em que as relações professor-alunos se baseiem na posição oficial de superioridade do professor em relação ao aluno é característica de uma sociedade em que a obediência à autoridade é encarada como uma finalidade da educação e uma finalidade global do conjunto da própria sociedade; Sérgio entende que tal culto da obediência pura é característico dos regimes autoritários, algo que precisamente, sempre combateu. Deste modo, o autor para quem *“nos alicerces dos problemas cívicos está sempre o problema da preparação do espírito – o da concentração reflexiva da inteligência crítica, no pólo oposto da embriaguez emotiva”*²²⁶, entendia por Educar, treinar os jovens na iniciativa, no trabalho do espírito criador e livre, no governo autónomo da sociedade escolar, (na discussão dos problemas sociais-económicos), na mentalidade crítica e experimental. Segundo António Sérgio, precisamos de uma escola inteiramente diversa de tudo que tivemos até aqui; de uma grande reforma Pedagógica. Para tal não se deveriam poupar os esforços de toda a ordem. *“Buscai o reino de Deus e a sua justiça, e todas as outras cousas vos serão acrescentadas”*, disse Jesus Cristo no seu Sermão; *“revolucionai a educação do povo (na Escola e na Cooperativa) e todas as outras cousas vos serão acrescentadas”, peço eu licença para sustentar*²²⁷.

Sérgio não pretende atingir a chamada 'neutralidade axiológica' no ensino, porque se terá dado conta de que tal é impossível; o que encontramos a cada passo é aquilo a que podemos chamar 'dogmatismo axiológico', descoberto historicamente pelos sofistas que, a troco de dinheiro ensinavam a arte de atingir o poder; como vimos, Sérgio é um herdeiro de Platão e Rousseau que atribuíram à Pedagogia a mais alta dignidade. Com a Revolução Francesa e o Iluminismo, encontramos novas ideias sobre o Homem e a Natureza, que se propagaram à Educação, sendo as principais reveladoras de grande optimismo: a Natureza é cognoscível e dominável; a Ciência acabará por atingir esse conhecimento e domínio, oferecendo ao homem a riqueza e a felicidade. Segundo A. Campos Matos, António Sérgio, afirma: *“os escritores que mais influíram na minha formação intelectual foram um Platão*²²⁸, *um Descartes, um Espinosa, um Kant(...). Quando li filósofos e conheci Platão, já a Matemática fizera de mim uma espécie de candidato ao platonismo, uma espécie de platonismo desconhecedor de Platão”*.

Percebe-se constantemente que o nosso autor é, tal como os Iluministas, portador de um grande optimismo antropológico nomeadamente quando fala sobre a elevação moral e cívica do povo portugueses.

Os escritos Pedagógicos Sergianos, que dizem respeito às crianças, aos mais jovens, Sérgio referem-se fundamentalmente à educação de crianças desligadas da família²²⁹. António Sérgio parece esquecer o papel da família quando fala da educação dos mais jovens e ao pretender inculcar nos alunos o pensamento autónomo e o espírito crítico, não parece notar, que o “pensar autónomo” e o “sentido crítico”, dos alunos, serão sempre definidos em função da escala de valores do Educador. É de facto difícil conciliar a transmissão de valores, inerente à Educação, com o espírito crítico e autónomo que Sérgio pretendia desenvolver. Mas o autor continua: *“Um dos escolhos de natureza Moral que mais têm dificultado a democracia – é que a educação, até hoje, continuou a fazer-se nas escolas públicas segundo os princípios do Absolutismo. Os processos escolares ainda hoje usados domesticam as crianças para serem súbditos: não criam a mentalidade do cidadão consciente (renovador do Mundo). Para que preparemos cidadãos autênticos, capazes de progredirem democraticamente, o primeiro passo é libertar o aluno (...)”*²³⁰.

²²⁴ Sérgio - como já referi - parece entender a Escola como Modelo num sentido Platónico: modelo praticamente perfeito, a ser seguido pela sociedade, que “copiaria” a ordem presente na Escola.

²²⁵ “O ensino como factor do Ressurgimento Nacional”, Porto, Renascença Portuguesa, 1918, p. 11.

²²⁶ Sérgio, António, Ensaio, tomo III, “Notas de Política”, p. 234.

²²⁷ Sérgio, António, Ensaio, tomo III, “Notas de política”, p. 151.

²²⁸ Note-se que Sérgio cita Platão em primeiro lugar, o que não será motivo do acaso. Parece entretanto provável que tenha chegado ao Platonismo pela via da Teoria do Conhecimento.

²²⁹ Cita nomeadamente Wilson Gill, o idealizador do “Município Escolar”, cujos métodos foram usados em Cuba, nos E. U. A. e em Porto Rico. Vejam-se a propósito os textos, da sua autoria, publicados na 2ª série da Revista Águia .

²³⁰ Sérgio, António, Ensaio, “Notas de política”, tomo III, pp 145-146.

Para Sérgio, “Educar uma criança enviando-a à actual escola é como preparar um automobilista metendo-o no Museu dos Coches Reais”²³¹. É necessário Educar para a liberdade num mundo em que existimos com os outros. É este o mais elevado ideal do processo educativo. O eu, o outro, o mundo vão-se constituindo, havendo abertura para uma infinidade de atitudes possíveis. “Educar é levar o educando à consciência de poder ser mais, a reconhecer que é chamado a ser um verdadeiro eu-no-mundo-com-o-outro, num empreendimento comum e solidário”²³². O traço que julgo utópico nas propostas Pedagógicas de Sérgio, prende-se com o facto de se conseguir que a Escola seja motor de transformação social, em vez de ser reflexo das condições sociais que se querem transformar.

4. 6. Educação e Elite.

Desde o Nazismo e a Segunda Guerra Mundial, passou a existir uma natural reserva mental quando se vê alguém apelar às Elites, que, para António Sérgio são uma necessidade fundamental.

Sérgio entende a elite, segundo parece, como o fazia Einstein²³³: homens e mulheres mais capazes, mais dotados intelectual e culturalmente, mas também mais nobres, no sentido Ético; António Sérgio não fala da necessidade de uma Elite num sentido agressivo, mas pelo contrário, num sentido construtivo; assim, a Elite não seria formada por gente cientificamente preparada e com elevada inteligência mas baixas intenções morais, mas seria formada por pessoas inteligentes, competentes e eticamente superiores. Tratava-se de conseguir, por meio da Elite, a elevação moral e espiritual de todos, uma vez que a governação estaria bem entregue, nos seus vários níveis. Os homens têm capacidades e aptidões específicas diferentes; ignorá-lo é um erro. É preciso, para o nosso Pedagogo, proporcionar a todos as mesmas condições à partida, mas não pretender idênticos pontos de chegada para todos. A Elite seria 'Aristocracia Democrática', filha da Cultura e das Ciências, caldeada pela Educação Cívica, tolerante mas regida por objectivos a longo prazo, ditados segundo os interesses mais gerais da Nação. Sérgio não defende uma massificação pura e simples do ensino conjugada com abaixamento do seu nível de exigência, pois tal não leva à elevação cultural real: conduz, quando muito, a resultados aparentes e enganadores. “Não: não pretendemos que atinjam todos o mesmo ponto de chegada; sabemos ser isso um impossível. As condições internas dos indivíduos, as faculdades de cada um, não as podemos modificar”²³⁴. Propõe que não se coloquem obstáculos de ordem burocrática aos que desejam estudar, ou até ensinar, independentemente dos graus académicos que possuam, o que teria sido muito útil, em Portugal, se se tivesse feito com cuidado, dada a enorme falta de quadros técnicos e científicos, que se reflectiu no Sistema Educativo.

“Não há razão alguma para que se dificulte o ensino numa escola superior aos que demonstraram pelos seus trabalhos ser os mais competentes no assunto, e tenham ou não tenham feito, na sua mocidade, o curso da matéria que se propõem ensinar”²³⁵.

Sérgio desconfia dos títulos, da mera habilitação literária sem provas dadas, porque critica em geral a visão burocrática da sociedade, para mais sujeita aos problemas de corrupção a que alude: “o Estado estabelece a selecção por meio de exames e de concursos, teias de aranha para a empenhoca”²³⁶.

António Sérgio não confia nos títulos conferidos pela Escola tradicional, no fundo porque nesta não se produzem espíritos livres, de onde poderiam sair as elites, pois apenas se estimula a obediência e a reprodução do conhecimento do mestre. O conhecimento científico é questionável e não é algo a ser ministrado dogmaticamente e adorado pelos alunos.

“A chamada educação «jesuíta» (memória e obediência) é justamente a burocrática, e não dura (como dizem) por culpa eterna dos Jesuítas, mas por obra e graça do burocratismo: é a educação para um povo de funcionários, fardados e não fardados”.

As formulações Pedagógicas de carácter teórico por parte de António Sérgio são, no essencial, as que acabei de descrever.

231 Sérgio, António, Ensaios, “Espectros”, tomo I, p. 177.

231

232 Giles, Thomas Ransom, Filosofia da Educação, E. P. U. , S. Paulo, 1983, p. 108.

233 Einstein é insuspeito de outras interpretações. É sabida a sua origem judaica e conhecida a sua saída da Alemanha, para os E. U. A. , com o triunfo do Nazismo.

234 Sérgio, António, Ensaios, tomo III, “Notas de política”, p. 153.

235 Sérgio, António, Ensaios, tomo VII, “Paideia”, p. 224.

236 Sérgio, António, Ensaios, tomo II, “A propósito dos “Ensaios políticos” de Spencer”, p. 160.

No entanto, mesmo a este nível – meramente teórico – o autor foi mais longe e especificou melhor as suas ideias, conforme veremos, embora de forma dispersa por inúmeros escritos, facto que se consegue depreender pela leitura desta parte do presente trabalho.

4. 7. A Educação Cívica: sua necessidade e funções.

É necessário que o cientista tenha igualmente conhecimentos de carácter ético, pois as ciências são criações humanas, sujeitas ao erro e (como já tantas vezes se verificou) a um muito mau uso daquilo que criam. Esta questão era clara para António Sérgio que já em 1915 escreveu a sua Educação Cívica²³⁷. De resto, para Sérgio, a Educação Cívica devia ser para todos e não só para os cientistas, pois afirma: *“Num país de gente como esta nossa, de educação cívica imperfeitíssima, sem treino mental na objectividade e na crítica, de estrutura económica parasitária, de efervescente sensibilidade, sem auto-domínio, – todos os partidos entre si se acusam de males de que realmente nenhum deles tem culpa, que procedem de condições da Natureza e da História, e que são os da Grei a que pertencem todos”*²³⁸.

O Direito não abarca as normas de conduta da Sociedade: ele é mais uma das intenções normativas sobre o social, que deve ser completado pela Ética e pelo Humanismo, segundo Sérgio. Vemos nesta concepção traços que permanecem perfeitamente actuais. O ser humano dos nossos dias, *“ainda muito jovem, deve decidir-se por uma determinada especialidade, e tudo o que aí tiver para aprender ocupa de tal modo o seu tempo que deixa de ter ocasião e energia para se ocupar de outros campos do saber (...) A força que nos impele para a especialização não só nos limita, como torna o nosso mundo irritantemente aborrecido. Estou profundamente convicto de que o esvaziamento de sentido do mundo, sobre o qual Victor Frankl tão propositadamente falou, é em boa parte uma consequência das especializações. Quando, nomeadamente, perdemos a visão de conjunto do mundo como um todo também não podemos perceber como ele é belo e interessante”*²³⁹.

O Pedagogo, ou mais correntemente cada profissional da Educação, não pode alhear-se das questões de cariz Ético-Social deste fim de século. De facto, a Pedagogia tem de ser eminentemente Social: não pode viver num isolamento em relação ao Mundo – o que a tornaria um imenso conjunto de elocubrações teóricas sem qualquer sentido. Pode dizer-se que tomando esta posição, o professor quer ser político; não é preciso voltar a Aristóteles que definiu o Homem como animal da «Pólis», cidade, logo como Político; o professor tem o direito, (ou será o dever?), neste sentido, de ser político, pois é ele quem molda tantos indivíduos, ou, pelo menos, quem os influencia profundamente.

No final do Século XX, por toda a parte, vivendo entre multidões, sendo um ser social por natureza, a pessoa sente-se cada vez mais isolada, por causa das preocupações que a atormentam e dos desejos que sente incapaz de satisfazer, desejos esses, cada vez mais unidimensionalizados por factores de mera ordem material. A cidade, as Nações no seu conjunto, parecem cada vez mais voltadas para o incremento da produção, amarrando o homem ao seu trabalho e destruindo, progressivamente as próprias relações familiares, não permitindo a realização plena da personalidade – que em muito ultrapassa as necessidades de ordem material.

A civilização tecnológica pode, em muitos aspectos, empobrecer a comunicação interpessoal, automatizando, simplificando e acelerando os ritmos de vida, mutilando o espaço ao trabalho criador. A desumanização consiste em equiparar o valor da Pessoa à quantidade da sua produção; a impessoalidade impera nas relações familiares, escolares, hospitalares, comerciais e entre os Países – reflectindo-se esta falta de comunicação na Guerra – acto complexo de impessoalidade, desumanidade e de falta de diálogo, levado às últimas consequências; o processo de usar e ser usado condiciona respostas de tipo manipulativo em que passa a contar quase exclusivamente a vontade de sobreviver.

A carência de amor – por si mesmo e pelos outros – gerou as maiores aberrações comportamentais; pior ainda, a «exportação» de modelos sociais deste tipo gerou fracturas mentais tremendas, mesmo em Países não industrializados. A África tem sido um exemplo claro disto mesmo (para não falar da antiga Jugoslávia); em 1994, conflitos como os da Irlanda do Norte ou do Líbano, deixaram já de ser grande “manchete”; depois da tragédia da Etiópia, de Angola ou de Moçambique, assistimos à da Somália e depois à do Ruanda, aonde se pratica, com toda a

²³⁷ Matos, A. Campos, em Diálogo com António Sérgio, op. cit., p. 13., di-lo: “data de 1915 a sua Educação Cívica”.

²³⁸ Sérgio, António, Cartas do Terceiro Homem porta-voz das Pedras Vivas do País Real, Editorial Inquérito, Lisboa, 1957, p.11.

²³⁹ Lorenz, Konrad, O Homem Ameaçado, Lisboa, Publicações Dom Quixote, 1988, p. 153.

cobertura jornalística, um enorme genocídio; o próprio espectador já não se preocupa com estas questões, pois é permanentemente massacrado com notícias que o «Educam» nesse sentido. Não tenhamos, de resto, ilusões: as televisões, os jornais, a propaganda, a linguagem publicitária, «educam» com grande capacidade de acção, pois escolhem, seleccionam, dão ou tiram voz, «formatam» as suas audiências. O profissional da Educação não pode ignorar questões de ordem social e política pois *“as convicções que podemos ter sobre o problema da educação cívica dependem das que tivermos sobre a educação em geral, sobre a sociedade e sobre política”*²⁴⁰.

As posições sergianas sobre Educação continuam actuais e podem ver-se expressas em inúmeros autores, dos nossos dias, que não se dizem sergianos, as adoptam, pela razão de que estão correctas. A ligação entre Educação e Filosofia – tal como defendeu Sérgio, parece evidente num texto muito recente de José Ribeiro Dias: *“O trinómio ensino-aprendizagem-estudo constitui a face mais visível do sistema escolar e apresenta um processo histórico complexo (...) a partir da emergência da Escola Nova e das pedagogias activas, vem-se pondo ao serviço da aprendizagem entendida como um processo de assimilação, organização e estruturação pessoal de conhecimentos, ou melhor, de todo o tipo de impressões recebidas do meio ambiente, adquiridas pela experiência e geradoras de modificações nas pautas de conduta do indivíduo. Ao trabalho de aprendizagem que é de per si natural e espontâneo, o estudo acrescenta o carácter de intencionalidade e sistematização, através de dedicação, empenho e esforço persistentes, orientados para a consecução de objectivos pré-fixados. No contexto das modernas pedagogias problematizadora e de projecto, vem-se aprofundando o sentido de ensino-aprendizagem-estudo: não se trata de aprender conhecimentos, reflexões, pensamentos, investigações ou resoluções alheias ou impessoais dos problemas, mas sim de aprender a aprender, a reflectir, a pensar, a investigar e a encontrar pessoalmente as soluções. Não se trata portanto de desenvolver a actividade de entender mas, através dela, a própria capacidade do entendimento”*²⁴¹.

A ultra-especialização, quantas vezes determinada precocemente, de que fala Konrad Lorenz, e que Sérgio queria também evitar, fornecendo aos cientistas uma visão global de cariz filosófico, é hoje, reconhecidamente, um grave problema. Com efeito, os políticos têm de decidir com o apoio de cientistas que por seu turno, dispõem de visões cada vez mais restritas da realidade sobre a qual são chamados a dar conselhos técnicos que podem afectar todo o Planeta. *“Pensamos que os cientistas são todos iguais, pensam de maneira igual e falam a mesma linguagem. Na realidade, a ciência é uma torre de Babel. (...) Existem hoje poucos filósofos da Natureza. Nem sequer há muitos cientistas da Terra. Tem-se publicado tanto sobre o planeta que não é possível a uma única mente abarcar todo esse conhecimento. (...) A especialização descontrolou-se. Há mais ramificações na árvore do conhecimento do que na árvore da vida”*²⁴².

Como vemos, as dificuldades num Mundo em mudança acelerada, da qual só conhecemos os frutos, pois não temos grande capacidade para controlar «processos», são enormes. Daqui decorre a actualidade que podemos retirar às intenções de Sérgio, para o qual, a Educação Cívica contribuiria para *“treino da atitude crítica, no exercício pessoal de um pensar autêntico”*²⁴³.

E o nosso autor afirmava igualmente: *“que é a ciência positiva separada da moralidade, senão uma forma superior da força, e mais perigosa que a força bruta, porque mais poderosa do que ela é ?”*²⁴⁴.

No Mundo de hoje o Professor não pode ignorar questões económicas, sociais, políticas ou até demográficas: essas questões não 'ficam à porta' das salas de aula; *“por que o capitalismo surgiu e triunfou numa parte da Europa Ocidental no início do período moderno? Por que exactamente essa região e em particular a Inglaterra? (...) as cidades, o crescimento populacional, o comércio ultramarino, o colonialismo, o crescimento do mercado e a tecnologia foram- todos eles – causas necessárias porém não suficientes. Sabemos também que uma religião específica, um Estado integrado e racional e uma nova espécie de direito foram todos importantes”*²⁴⁵.

O Professor tem de conhecer a História da Educação e logicamente, tem de ter conhecimentos de História Geral para poder ser um bom profissional; quem não o fizer não poderá compreender o Mundo e, portanto, não o poderá explicar com correcção. A própria explanação da obra sergiana sofre deste «problema»: o autor interliga os mais diversos factores. *“Não obstante a profunda unidade orgânica da obra, a amplidão dela e as multilíneas*

²⁴⁰ Sérgio, António, Educação Cívica, Ensaios, tomo I, p. 201.

²⁴¹ Dias, José Ribeiro, "Filosofia da Educação, Pressupostos, Funções, Método, Estatuto". Revista Portuguesa de Filosofia, tomo XLIX, Janeiro-Junho de 1993, pp. 4-5.

²⁴² Weiner, Jonathan, Os Próximos 100 Anos, Gradiva, Lisboa, 1991, pp.259-260.

²⁴³ Sérgio, António, Prefácio de Os Problemas da Filosofia, de Bertrand Russel, colecção Studium, pp.5-6.

²⁴⁴ Sérgio, António, "Ciência e Educação", Ensaios, tomo I, p. 110.

²⁴⁵ Macfarlane, Alan, A Cultura do Capitalismo, Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 1989, p. 219.

articulações do problema educativo enleiam a análise, ainda quando limitada por um objectivo modesto de simples hermenêutica”²⁴⁶.

4. 8. As tarefas dos Professores.

Albert Einstein, uma pessoa incompreendida pelo sistema educativo, deixou-nos escritos aonde se aproxima não só de António Sérgio, mas em geral dos autores da Escola Nova. “*Não basta ensinar ao homem uma especialidade. Porque se tornará assim uma máquina utilizável, mas não uma personalidade. É necessário que adquira um sentimento, um senso prático daquilo que vale a pena ser empreendido, daquilo que é belo, do que é moralmente correcto*”²⁴⁷.

Quanto ao papel dos Professores dizia Einstein: “*É tarefa essencial do professor despertar a alegria de trabalhar e de conhecer*”²⁴⁸.

Os disseminadores da Cultura, para Sérgio, deviam ser os membros do professorado. Sérgio refere Platão – apela ao “Amor Pedagógico”. Para António Sérgio, “*o que caracteriza o verdadeiro Mestre é o amor das ciências e das almas jovens, o amor da ciência como criação moral, e a condução dos jovens à sabedoria pela força compulsiva desse seu amor*”.

Para ele, a Educação “*é filha do entusiasmo, da chama interna*”. Robert Dottrens (autor que podemos considerar actual) afirma, a propósito deste tema: “*educadores e futuros educadores não deveriam esquecer nunca o poder do exemplo (...) a primeira qualidade de um professor, a regra de ouro que domina todas as outras é simples de enunciar: ser em tudo e em toda a parte um exemplo*”²⁴⁹.

Parece-me que este ponto das propostas pedagógicas de António Sérgio é o mais difícil de realizar e afigura-se mesmo como mais um traço utópico do seu pensamento. Hoje, no mundo em que vivemos, o sucesso, a afirmação social são factos cada vez mais medidos pelo dinheiro. Isso compreende-se de resto: o dinheiro não é subjectivo; ele cambia-se, troca-se por tudo o que tem um preço, e é facilmente mensurável. Ora, numa situação (e estou a falar para o chamado «Mundo Desenvolvido» – embora no chamado «Terceiro Mundo», seja na mesma) na qual um futebolista mediano recebe salários equivalentes aos que receberia um professor em várias vidas de trabalho, pode perguntar-se como seria possível “*organizar as coisas de maneira tal que os indivíduos mais nobres se possam consagrar a tão nobre afeição*” – [a profissão de professores]²⁵⁰.

A Educação não pode, por variadas ordens de razões, ser encarada como algo desligado da Sociedade. “*A Educação pertence ao político e não pode ser separada dele sob pena de empobrecimento, de mutilação, de desfiguração. A Educação pressupõe uma concepção do homem, do seu papel na sociedade; das suas relações com a sociedade e a natureza*”²⁵¹.

António Sérgio pretendia lançar uma rede de escolas, “*a instalar progressivamente sobre a experiência das de Kerschensteiner, de Washburne, de Dewey, de Maria Montessori, de Cousinet, escolas de modelo europeu ou norteamericano, devidamente adaptadas ao meio português*”²⁵².

Os alunos teriam uma organização em forma de self-government e self-support: estariam associados numa espécie de República democrática e cooperativa fazendo-se a introdução no meio escolar do trabalho produtivo. “*Os gostos intelectuais não são suficientemente fortes na maioria dos homens para basearmos neles uma educação moral: só o treino manual nos permite estabelecer (...) modelos evidentes e incontestáveis de trabalho honesto e de perfeição*”. Tenho de afirmar que as tarefas reservadas por Sérgio aos professores, não são simples: Sérgio quer formar “espíritos críticos” mas não cépticos; por outro lado, formar “autónomos” sem deformar é trabalho difícil: como impedir, mesmo involuntariamente, a transmissão dos pontos de vista do Educador aos alunos em assuntos passíveis de análise crítica?

4. 8. 1. Sérgio e a sua epistemologia da dúvida, continuação do seu espírito humanista.

²⁴⁶ Grácio, Rui, Educação e Educadores, Livros Horizonte, Lisboa, 1973, p. 183.

²⁴⁷ Einstein, Albert, Como Vejo o Mundo, Editora Nova Fronteira, 14ª Edição, Rio de Janeiro, 1986, p. 29.

²⁴⁸ Einstein, Albert, op. cit., p. 31.

²⁴⁹ Dottrens, Robert, Educar e Instruir, vol. I, Lisboa, Editorial Estampa, 2ª edição, 1974, p. 18.

²⁵⁰ Sérgio, António, “Considerações sobre o problema da cultura”, Ensaios, tomo III, p. 57.

²⁵¹ Mialaret, Gaston, A formação dos professores, Coimbra, Almedina, 1981, p. 31.

²⁵² Grácio, Rui, Educação e Educadores, op. cit., p.191.

Não cabe neste trabalho uma análise exaustiva da epistemologia sergiana, visto que não se trata aqui de abordar problemas de carácter filosófico. No entanto é fundamental, para se compreender o conjunto da própria obra pedagógica do autor, referir, ainda que de forma breve, essa epistemologia. Terminei o ponto referente ao papel dos professores, para António Sérgio, com uma pergunta. É necessário, muitas vezes, reconhecer a importância das perguntas, em vez de afirmar uma resposta mal fundamentada. Sérgio aproxima-se da dúvida – e até de Descartes – como recusa do princípio da autoridade nas relações humanas, em política, ou em questões pedagógicas. Sérgio tinha dúvidas que decorriam do facto de estar a par dos desenvolvimentos da Física contemporânea: se a Física ao nível do «muito grande» – o Universo, nos coloca tantas perplexidades, que ainda não resolveu, o mesmo sucede com o «muito pequeno», o átomo e as partículas subatómicas. Numa palavra: não sabemos como apareceu o Universo (embora exista o modelo do Big Bang, considerado standard); não sabemos como terminará, nem aonde, este Universo; desconhecemos o que é de facto o tempo – para Einstein vivemos numa substância chamada «contínuo espaço-tempo», que é curva e está em expansão; como terminará esta expansão? Ou não terminará?; por outro lado, ao nível do microcosmos a questão que se coloca é que a Física não explica porque funciona como funciona a matéria, conceito também difícil de definir. Para Sérgio, amigo pessoal de Paul Langevin, as questões colocadas pela Física são fundamentais: a realidade é fruto do nosso pensamento: daí o seu idealismo; pergunta mesmo: de que coisa é reflexo v-1?; *“o idealismo epistemológico dos meus escritinhos é antes de tudo, uma rejeição do empirismo – quer dizer, da doutrina que admite a existência de um mundo dado à mente com o conjunto das suas propriedades intrínsecas, sem colaboração constitutiva do nosso intelecto, da doutrina que concebe as ideias como reflexos das coisas na inteligência”*²⁵³. Para ele, *“a circunferência é uma criação do espírito (...) é uma noção; é uma ideia. Os meridianos não existem na terra e não nos embaraçam ao atravessar as ruas; (...) ou será que o boi, ao comer a erva, come também os meridianos?”*²⁵⁴. Estas considerações de António Sérgio surgem a propósito da defesa que faz da “Ideia de Igualdade”, que *“não é em si uma ideia absurda, não sendo em si contraditória; portanto, pode empregar-se como as outras ideias, – incluso para superarmos e ultrapassarmos qualquer das formas da experiência humana, e prepararmos a experiência que nos virá mais tarde”*²⁵⁵. Se a Física lança dúvidas, Sérgio entende que outras matérias, como os temas político-sociais, por exemplo, devem ser, por maior razão ainda, discutidos; *“o princípio essencial da democracia é o de não nos fiarmos em quem governa”*²⁵⁶.

De Broglie, que concebeu a ideia segundo a qual a luz é simultaneamente onda e partícula, produziu uma *“ruptura total com a física clássica a partir do momento em que há a percepção de que não apenas os fótons e os electrões, mas todas as partículas e todas as ondas são afinal um misto de onda e partícula”*²⁵⁷.

O idealismo sergiano entende-se pelas noções da física quântica – *“a sua falta de objectividade, a sua indeterminação, a realidade criada pelo observador”*²⁵⁸.

Podemos considerar crucial o pensamento epistemológico sergiano no contexto geral da sua obra, pois ele determina:

1- a rejeição do dogmatismo e o princípio da questionabilidade das afirmações;

2- a defesa de ideias democráticas como a da igualdade

3- a transposição das informações da ciência (nomeadamente da Física) para a Política e para os princípios

Pedagógicos: a não aceitação do autoritarismo.

²⁵³ Sérgio, António, "Migalhas de Filosofia", Ensaios, tomo VII, p. 190.

²⁵⁴ Sérgio, António, "Notas de Política", Ensaios, tomo III, pp220-221.

²⁵⁵ Sérgio, António, "Notas de Política", Ensaios, tomo III, p. 231.

²⁵⁶ Sérgio, António, "Notas de Política", cit., p. 234.

²⁵⁷ Gribbin, John, À procura do gato de Schrödinger, Lisboa, Editorial Presença, s/d, p. 70.

²⁵⁸ Pagels, Heinz, O código cósmico, a física quântica como linguagem da natureza, Lisboa, Gradiva, p. 77.

5 Conclusões

Como terminar?

No ano 2000, depois de ter estado a trabalhar como professor de Português em Timor-Leste, creio que a obra sergiana permanece actual.

Como todos os homens, Sérgio não podia prever o futuro; daí alguns aspectos hoje algo confusos encontráveis na sua obra; são principalmente os que se prendem com a sua crença na capacidade de transformação social, feita pelos professores. Embora notando que as transformações sociais não podem ser apenas do domínio pedagógico, Sérgio afirma que em Portugal *“carecemos, para isso, de uns quarenta apóstolos da pedagogia. Mas apóstolos, na força do termo: isto é, cheios de labareda e repletos de alma, com a verdadeira loucura do apostolado, prontos a absorverem-se na sua obra (...)”*²⁵⁹.

Parecem existir aporias na obra de Sérgio pois (como muitos outros) ele não sabe bem como fazer o que propõe: *“ainda que aparecessem, porém, - o seu esforço resultaria estéril se não viessem reformas sociais-económicas, que abrissem campos de actividade à juventude que iriam criar [, e que abalasse profundamente os alicerces da plutocracia].*

*Tudo se encadeia [circularmente], formando uma coroa de acções recíprocas, nos grandes problemas de Portugal; temos de encetar ao mesmo tempo todas as reformas essenciais”*²⁶⁰.

Posto isto, **como Primeira Conclusão deste trabalho digo que a obra teórica sergiana é, na generalidade das suas propostas actual**, pois os autores actuais do campo educativo (cito entre outros Robert Dottrens, Gaston Mialaret, Nicola Abbagnano e Visalberghi, Jean Chateau, Guy Avanzini, Thomas Ransom Giles, Joseph Novak, Daniel Hameline e os portugueses Rui Grácio, Ribeiro Dias, António Nóvoa, Rómulo de Carvalho, António Teodoro, Rogério Fernandes), estão de acordo com o essencial das teses de António Sérgio: a necessidade de levar a Educação a todos, e a de formar quadros capazes, aos mais diversos níveis, pois sem isso não haverá desenvolvimento possível.

Autores de nomeada, a nível mundial, estão também de acordo quanto ao papel fundamental que a Educação tem que desempenhar para o desenvolvimento de um País: veja-se para este efeito Michael Porter, quando estudou países como a Alemanha, Itália, Estados Unidos, Japão²⁶¹. As suas conclusões, vindas de alguém que não pertence à área da Educação, são esclarecedoras a respeito da actualidade das propostas sergianas e referem inclusivamente, tantos anos depois, um dos grandes temas pedagógicos de António Sérgio: a necessidade de ligar a Educação ao trabalho. *“Nossa pesquisa não deixa dúvida de que educação e treinamento são decisivos na vantagem competitiva nacional. Os países que estudamos e mais investem na educação (Alemanha, Japão e Coreia) tinham vantagens em muitas indústrias, que podiam ser atribuídas, em parte, aos recursos humanos”*²⁶².

A situação actual do ensino português revela alguns problemas que podem vir a agravar-se, semelhantes aos casos apontados por Porter. No Relatório do Desenvolvimento Humano de 1994, publicado para o PNUD, (Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento) o Canadá ocupava a 1ª posição; do conjunto dos países que constituem a União Europeia, Portugal aparecia em 42º lugar, muito depois do penúltimo país da U. E. , a Grécia, que se situava no 25º lugar; mais incrível se torna este facto – e esta diferença – quando, no mesmo quadro, se mostra que o PNB per capita é superior em Portugal, ao da Grécia²⁶³. Note-se que o IDH é uma tentativa muito grande de ultrapassar dados meramente económicos, chegando assim a um grau de rigor notável. Portugal está situado entre os 10 países do Mundo com melhor desempenho entre 1960-1992, passou de desenvolvimento baixo para elevado, mas no período de 1980-92, já não surge entre os melhores 10 países²⁶⁴. A taxa de analfabetismo é ainda muito grande em Portugal – cerca de 13,8% da população adulta em 1992, contra 6,2% na Grécia²⁶⁵. Neste ano, consultando o PNUD, cujo relatório referente ao Índice de Desenvolvimento Humano pretende medir as realizações de um País em termos de esperança de vida, nível educacional e rendimento real ajustado, Portugal surge em 28º lugar. Está o nosso País, desta forma, entre os Países de "Alto Desenvolvimento Humano" - assim considerados os que se situam até ao 46º lugar.

²⁵⁹ Sérgio, António, "Notas de Política", Ensaios, tomo III, op. cit., pp151-152.

²⁶⁰ Sérgio, António, "Notas de Política", cit., p. 152.

²⁶¹ Porter, Michael, A Vantagem Competitiva das Nações, Rio de Janeiro, Editora Campus, 1993, p. 421(Alemanha), p. 453 (Japão), pp495/6 (Itália), pp585/6 (Estados Unidos).

²⁶² Porter, Michael, Op. cit. , p. 702.

²⁶³ PNUD, Relatório Do Desenvolvimento Humano 1994, Lisboa, Tricontinental Editora, 1994, p. 93 .

²⁶⁴ PNUD, 1994, cit. , p. 96.

²⁶⁵ PNUD, cit. , p. 129.

Para um PIB per capita de 14701 USD contra 13943 USD da Grécia, não deixa de continuar a ser uma desilusão que esse País surja no 25º lugar mundial e Portugal no 28º, o último dos Países membros da União Europeia.

Para se construir o IDH tem-se em conta a expectativa de vida ao nascer; a alfabetização de adultos; as matrículas combinadas nos 3 níveis de ensino e o PIB per capita (medido em dólares internacionais da Paridade do Poder de Compra²⁶⁶. **Como Segunda Conclusão deste trabalho que a noção sergiana de transformação social através da Escola e feita pelos professores é utópica.**

Refira-se que o Projecto de Reforma do Ensino de 1923 (sendo ministro João Camoesas), elaborado por Faria de Vasconcelos e pelo próprio António Sérgio, muito avançado para a época, pois compreendia inclusivamente a criação de Faculdades de Ciências da Educação, que formariam todo o professorado português, desde as 'jardineiras de infância', visando uma execução gradual, e a integração das três componentes do ensino (científica, ciências da educação e prática pedagógica), foi retomado 63 anos depois pela Lei de Bases do Sistema Educativo, Lei esta para a qual contribuiu o esforço do já falecido Prof. João Evangelista Loureiro, que considerava ter sido só então alterado o modelo de formação dos professores portugueses, herdado do Século XIX, *“pese embora a inovação sem precedentes que o projecto Camoesas introduziria, se tivesse sido posto em prática”*, como referia João E. Loureiro²⁶⁷.

António Sérgio, quando ministro da Instrução Pública não promulgou este Projecto.

Por tudo o que se disse sobre este autor, **como Terceira Conclusão deste texto, considerando a sua actividade teórica e a sua luta prática, constante, íntegra e em condições adversas, António Sérgio tem de ser considerado um dos maiores vultos da Pedagogia, da Cultura e da vida Política em Portugal, no Século XX.**

Da sua luta e dele se pode dizer, certamente que *“a política democrática continuará a atrair os que ambicionam o reconhecimento da sua superioridade”*²⁶⁸

Foi o estudo de Sérgio que me levou (com a minha esposa) com sacrifícios pessoais de monta, a Díli, pois compreendi que se a Educação só por si, não é suficiente para edificar uma nação, ela é por outro lado fundamental para isso.

²⁶⁶ PNUD 2000: www.undp.org.br/ e <http://www.undp.org> (internet). O RDH em Português é actualmente publicada (ver bibliografia), por TRINOVA Editora, Rua das Salgadeiras, 36—2º Esq., 1200 Lisboa.

²⁶⁷ Nóvoa, António, O Projecto de Reforma Camoesas (1923): Uma Referência Histórica No Pensamento Do Prof. João Evangelista Loureiro, Revista da Universidade de Aveiro, Série Ciências da Educação, Vol. 7nº1 e2 pp113-121, Aveiro 1986, p.119.

²⁶⁸ Fukuyama, Francis, O Fim da História e o Último Homem, Lisboa, Gradiva, 1992, p.306.

Bibliografia Escritos de António Sérgio.

2ª Série da Revista Águia: “O Self-Government e a Escola”, nº30, Julho de 1914, pp. 187/189; “O Self-Government na Escola I”, nº31, Julho de 1914, pp. 25/29; “O Self-Government na Escola II”, nº32, Agosto de 1914, pp. 58/64; “O Self-Government na Escola III”, nº33, Setembro de 1914, pp. 91/96; “O Self-Government na Escola IV”, nº34, Outubro de 1914, pp. 119/124.

Sérgio, António, “Aos jovens seareiros de Coimbra, sobre a maneira de lidar com os inimigos da luz e da razão”, Seara Nova, nº87, 13/5/1926.

Sérgio, António, “Introdução” ao “Pensamento lógico, pré-lógico, pseudo-lógico e psicológico. Pensamento emotivo, pensamento lógico e empiro-lógico” de Abel Salazar, Seara Nova, nº 505, Abril de 1937.

Sérgio, António, “Mais uma facada e, por consequência, mais um feliz pretexto para me explicar”, Seara Nova, nº300 de 26/5/1932.

Sérgio, António, “O problema da instrução religiosa nas escolas particulares”, Seara Nova (Antologia), volume II, 1972, pp. 43-47.

Sérgio, António, O Seiscentismo, Edição Seara Nova 1926, p. 5.

Sérgio, António, “Da função da ironia no diálogo das ideias”, Seara Nova, nº 431, de 21 de Março de 1935.

Sérgio, António, “Educação Republicana”, discurso proferido como Ministro da Instrução, em 31/1/1924, publicado pela Seara Nova em “Antologia”, pp. 329-331, Lisboa, 1971.

Sérgio, António, “Genealogia Intelectual”, Seara Nova, nº 580, 1938.

Sérgio, António, “Não temos, infelizmente, um Pombal a recomendar” Seara Nova, (Antologia), 1972, vol. II.

Sérgio, António, “O problema da instrução religiosa nas escolas particulares”, Seara Nova, Volume II.

Sérgio, António, Breve Interpretação da História de Portugal, Livraria Sá da Costa, Lisboa.

Sérgio, António, Cartas a Álvaro Pinto (1911-1919) – Carta 10, “Humilde Súplica aos Saudosistas”, Revista Ocidente, Lisboa, 1972.

Sérgio, António, Cartas do Terceiro Homem, Lisboa, Editorial Inquérito, 1957.

Sérgio, António, Contos Infantis, Lisboa, s/d, Sá da Costa.

Sérgio, António, Correspondência para Raúl Proença, organização e introdução de José Carlos Gonzalez, Publicações Dom Quixote, Lisboa, 1987.

Sérgio, António, Educação Cívica, Sá da Costa, Lisboa ICALP, 1984.

Sérgio, António, EnsaiosI, 2ª Edição, Livraria Sá da Costa, Lisboa: “Prefácio”; “Ciência e Educação”; “Educação e Filosofia”; “Espectros”; “Ainda os Espectros”; “A Educação Cívica, A Liberdade e o Patriotismo, Antigos e Modernos”; Da Opinião Pública e Da competência em Democracia”; “Interpretação Não Romântica do Sebastianismo”; “A Conquista de Ceuta”; “O Caprichismo Romântico na Obra do Sr. Junqueiro”;

Sérgio, António, Ensaios II, 2ª Edição, Livraria Sá da Costa, Lisboa: “Prefácio da 1ª Edição”; “Prefácio da 2ª Edição”; “O Reino Cadaveroso ou o Problema da Cultura em Portugal”; “As Duas Políticas Nacionais”; “O Clássico na Educação e o Problema do Latim”; “A Propósito dos «Ensaio Políticos» de Spencer”; “Divagações Pedagógicas a Propósito de um Livro de Wells”; “Notas de Esclarecimento”;

Sérgio, António, Ensaios III, 2ª Edição, Livraria Sá da Costa, Lisboa: “Prefácio da 1ª Edição”; “Prefácio da 2ª Edição”; “Considerações Sobre o Problema da Cultura”; “Notas de Literatura Portuguesa”: “A Sulamite, por Silva Gaió”; “O Século XVIII, por Hernâni Cidade”; “Os Pescadores, por Raúl Brandão”; “Espanha, por Antero de Figueiredo”; “Ressurreição, por Manuel Ribeiro”; “Alguns Aspectos da Literatura Portuguesa, por Aubrey Bell, Filho de Almeida, por Castelo Branco Chaves”; “Alexandre Herculano e o Problema Moral e Social do Portugal Moderno”; “Eça de Queirós e a sociedade portuguesa (a propósito de um prefácio de Agostinho de Campos)”; “Anotações” [ao Ensaio citado antes]; “Notas de Política”; “A Reforma do legislativo”; “Democracia e Ditadura”; “O espírito dos partidos políticos”; “O espírito devaneador e a política”; “Depois de uma ida ao parlamento”; “Autonomismo para uso externo e para uso interno”; “A formação de Portugal e a política”; “Ainda a política do Transporte e a política da Fixação”; “Teses «Integralistas»”; “Para a Ressurreição do Lázaro, por Ezequiel de Campos”; “Sobre a aplicação política da ideia de igualdade”; “Apêndice”; “A Língua Portuguesa, por Jaime de Magalhães Lima”; “Literatura Portuguesa, por Fidelino de Figueiredo”; “A Reforma da Instrução Popular”; “Nota da 1ª Edição”;

Sérgio, António, Ensaios IV, 2ª Edição, Livraria Sá da Costa, Lisboa: “Prefácio da 1ª Edição”; “Prefácio da 2ª Edição”; “Questão Prévia Dum Ignorante Aos Prefaciadores Da Lírica De Camões”; “Em Torno Das Ideias Políticas de Camões”; “Camões Panfletário (Camões e Dom Sebastião)”; “Os Dois Anteros”; “Sobre o Socialismo de Antero (O Luminoso E O Nocturno)”; “Guilherme Meister, Cândido e Gonçalves Mendes Ramires”; “Repercussões Duma Hipótese: Ceuta, As Navegações E A Génese De Portugal”; “Laudas Escritas Para o Segundo Volume da «História de Portugal»”;

Sérgio, António, Ensaios V, 2ª Edição Livraria Sá da Costa, Lisboa: “Prefácio da 2ª Edição”; “Oliveira Martins. Impressões Sobre o Significado Político Da Sua Obra 1. A Influência Política do Historiador / 2. A significação política do publicista”; “Salada De Conjecturas A Propósito De Dois Jesuítas”; “Em Torno Da «Ilusão Revolucionária» de Antero”; “Nótula Sobre Nicolau Tolentino”; “Apêndice ao Ensaio Sobre a Lírica de Camões”; “Glosas Sobre o Miguelismo De Oliveira Martins No «Portugal Contemporâneo»”;

Sérgio, António, Ensaios VI, 2ª Edição, Livraria Sá da Costa, Lisboa: “Prefácio”; “Antero de Quental Contra Oliveira Martins No Respeitante Às Fases da Filosofia Europeia e à Evolução Intelectual na Grécia Antiga”; “Notas Sobre a Imaginação, a Fantasia e o Problema Psicológico-Moral na Obra Novelística de Queirós”; “Sobre a Revolução de 1383-85”; “Para a Definição da Aspiração Comum Dos Povos Luso-Descendentes”; “Sobre Cristianismo e Cristãos, Verdadeiros e Falsos”; “1. A religião no Oriente e no Ocidente, segundo Radhakrishnan”; “2. O jogral de Deus”; “3. Em torno da expressão «civilização cristã»”; “4. A propósito do precedente artigo”; “5. Sobre o método mais próprio para converter o incréu”; “6. Resposta a um comentarista católico”; “7. A alguns que julgam dever opor-se a Francisco de Assis”; “8. Diante de um Presépio”;

Sérgio, António, Ensaios VII, 2ª Edição, Livraria Sá da Costa, Lisboa: “Prefácio”; “Glosas Sobre Algumas Pegadas na Areia do Tempo”; “1. Sobre a Canção Segunda de Camões”; “2. Ainda sobre o carácter «congeminativo» da Lírica camoniana”; “3. Sobre o carácter do socialismo de Antero”; “4. Sobre o apostolado cívico de Luís Verney”; “5. Sobre o problema da liberdade em André Gide”; “6. Sobre o carácter da poesia de Teixeira de Pascoais”; “7. Sobre o Amor de Perdição”; “8. Sobre a universalidade do espírito de Viana da Mota”; “Anotações”; “Miudezas de Música, De Poesia, De Cultura e de Cinema”; “1. Sobre a cultura portuguesa”; “2. Sobre as minhas reacções perante a música”; “3. Sobre a interpretação de dois sonetos célebres”; “4. Sobre o filme Vida de Pasteur”; “5. Sobre o filme Milagre em Milão”; “Anotações”; “Explicações a um Catedrático de Direito Sobre a Doutrina Ética dos meus «Ensaio»”; “Relanços de Doutrina Democrática”; “Migalhas de Filosofia”; “Paideia”;

Sérgio, António, Ensaios VIII, 2ª Edição, Livraria Sá da Costa, Lisboa: “Despretenciosos Informes Sobre Lusitanos E Romanos Destinados A Um Compêndio Popular De História De Portugal”: “1. Divagações conjecturais sobre o antigo pastor montanhês do Noroeste da Ibéria”; “2. Sobre o lavrador-militar romano e sua vinda à Península Ibérica”; “3. Viriato, o chefe de pastores da Montanha, e as suas lutas com o Lavrador”; “4. Caracteres económicos da ocupação romana na Península Ibérica”; “5. A sedentarização do pastor do Noroeste”; “6. A instauração legal da propriedade privada”; “7. A evolução das classes rurais”; “Em Torno Da «História Trágico-Marítima» (Informes Para Leitores Nada Eruditos, Mas Amadores Das Relações e Visões Globais Dos Acontecimentos)”; “Anotações”; “Sobre o Socialismo de Oliveira Martins (Introdução à sua Obra Intitulada «Portugal e o Socialismo»)”; “Anotações”; “Nótula Preambular À «Teoria Do Socialismo» De Oliveira Martins.

Sérgio, António, “Explicações para os que entendem a língua que eu falo”, Vértice, Junho de 1946.

Sérgio, António, “Golpes de malho em ferro frio”, A Vida Portuguesa, 2/8/1913.

Sérgio, António, Introdução Geográfico-Sociológica à História de Portugal, Livraria Sá da Costa, Lisboa.

Sérgio, António, “O problema da cultura e o isolamento dos povos peninsulares”, Renascença Portuguesa, Porto, 1914.

Sérgio, António, “Procurando desembaraçar uma meada e dissipar um nevoeiro mental”, jornal O Diabo.

Sérgio, António, “Resposta a um inquérito”, Vértice nº30-35, Maio de 1946.

Sérgio, António, “Sobre o espírito do Cooperativismo”, Ateneu Cooperativo, Lisboa, 1958.

Sérgio, António, Tentativa de interpretação da História de Portugal, Edição Tempo, Lisboa s/d.

Sérgio, António, “A Recapitulação”, jornal O Diabo nº 306, 17/8/1940.

Sérgio, António, “Resposta a Sant’ Ana Dionísio, relembando que o assunto era a seriedade de pensamento”, jornal O Diabo de 13/9/36.

Sérgio, António, Cartas do Terceiro Homem porta-voz das «Pedras Vivas» do «País Real» Editorial Inquérito Lda. , 1957, Lisboa.

Sérgio, António, “Cultura”, Síntese, Coimbra, ano I, nº 1, 1939.

Sérgio, António, Introdução Geográfico-Sociológica à História de Portugal, Livraria Sá da Costa.

Sérgio, António, “Nota a um passo de uma introdução a Berkeley”, Vértice, 21 de Novembro de 1945.

Sérgio, António, “O Ensino como factor do Ressurgimento Nacional”, Renascença Portuguesa, Porto, 1918, p. 11.

Sérgio, António, “Prefácio” de Os Problemas da Filosofia de Bertrand Russell, colecção Studium, 3ª edição.

Sérgio, António, Sobre Educação Primária e Infantil Lisboa, Editorial Inquérito, s/d.

Sérgio, António, Cartas de Problemática, carta 4, Novembro de 1952, Editorial Inquérito, Lisboa, p. 2.

Sérgio, António, “Segunda Carta a Abel Salazar”, jornal O Diabo 4 de Julho de 1937.

Escritos referentes a António Sérgio.

Abelaira, Augusto e Costa, Idalina Sá da, Prefácio a Breve Interpretação da História de Portugal, de António Sérgio, Edição Sá da Costa, Lisboa, 1972.

Baptista, Jacinto, Disse chamar-se António Sérgio de Sousa. . . auto da prisão, inquirição e desterro do autor dos Ensaio em 1935, Lisboa, Caminho, 1992.

Baptista, Jacinto, Sérgio/Pessoa, Lisboa, Quimera, 1992.

Barros, Henrique e Costa, Fernando Ferreira, António Sérgio: uma nobre utopia; cadernos O Jornal, 1983.

Branco, J. Oliveira, O Humanismo Crítico de António Sérgio, Gráfica de Coimbra, 1986.

Cardia, Sottomayor, "Para a Compreensão do Ideário do Primeiro Grupo Seareiro", introdução à "Antologia" de Textos da Seara Nova, Lisboa, 1971, 1º Vol, pp 13-84.

Casa António Sérgio, Ministério do Planeamento e Administração do Território, execução gráfica do INSCOOP, Instituto António Sérgio do sector Cooperativo, Lisboa s/d.

Chaves, Castelo Branco, "Análise rigorosa e solidez de pensamento ", Jornal de Letras artes e ideias, 26/4/1983, p. 12.

Cidade, Hernâni, Portugal Histórico-Cultural, Lisboa, 1985, Editorial Presença.

Coelho, Amílcar, Desafio e Refutação, Lisboa, Livros Horizonte, 1990.

Cortesão, Jaime, "O Parasitismo e o anti-historismo – carta a António Sérgio, in A Vida Portuguesa, Porto, 2/10/1913

Cortesão, Jaime, recessão a Educação Cívica, Águia Maio de 1915.

Cruz, Manuel Braga da, "A oposição eleitoral ao salazarismo", in António Sérgio – Número Especial do 1º Centenário do seu Nascimento .

Fernandes, Rogério, António Sérgio Ministro da Instrução Pública, edição do Instituto de História e Teoria das Ideias da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 1983.

Fernandes, Rogério, "Introdução" às Cartas de António Sérgio a Álvaro Pinto, Revista Ocidente, Lisboa, 1972.

Fernandes, Henrique Jorge Barahona, Da Psicologia para a Epistemologia – o humanismo criativo de António Sérgio, Lisboa, Academia das Ciências de Lisboa, 1976, p. 90.

Franco, Matilde Pessoa de Sousa, "Da juventude de António Sérgio", algumas cartas inéditas, in António Sérgio – Número Especial do 1º Centenário do seu Nascimento, coordenação de Fernando Catroga e Amadeu José Carvalho Homem, Universidade de Coimbra 1983, Revista de História das Ideias -5, pp. 788-790-d.

Freire, Gilberto, Aventura e Rotina, Livros do Brasil. Lisboa, 1953.

Godinho, Vitorino Magalhães, "Prefácio" a Educação Cívica de António Sérgio, Lisboa, ICALP, Ministério da Educação, edição Sá Da Costa, 1984.

Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira, artigo referente a António Sérgio, vol. 28, pp 409-411.

Hameline, Daniel e Nóvoa, Sampaio, recolha, publicação e notas de comentário a “Autobiografia Inédita de António Sérgio, escrita aos 32 anos no Livre d'Or do instituto Jean-Jacques Rousseau (Genève)”, Revista Crítica de Ciências Sociais, nº 29, 1990.

Magalhães-Vilhena, Vasco de, António Sérgio, o Idealismo Crítico e a Crise da Ideologia Burguesa, Lisboa, Cosmos 1975.

Matos, A. Campos, Diálogo com António Sérgio, Lisboa, Arquê.

Patrício, Manuel Ferreira, A Ética de António Sérgio, in Revista Portuguesa de Filosofia, Braga, Abril-Junho de 1992.

Sá, Victor, A Historiografia Sociológica de António Sérgio, Biblioteca Breve, Edições ICALP.

Saraiva, José António, O Caprichismo Polémico de António Sérgio, Porto, 1952.

Escritos que completam a compreensão da obra sergiana.

Abbagnano, Nicola e Visalberghi, A., História da Pedagogia, Livros Horizonte, Lisboa, 1982.

Antunes, José Freire, Salazar – Caetano cartas secretas 1932-1968, Edição Círculo de Leitores e José Freire Antunes, Novembro de 1993.

Arriaga, Kaúlza de, Cunha, Joaquim da Luz, Marques, Silvino Silvério e Rodrigues, Bethencourt, África – A Vitória Traída – Quatro Generais Escrevem, Editorial Intervenção, Braga-Lisboa, 1977.

Avanzini, Guy, A Pedagogia no Século XX, história contemporânea das ciências humanas (2 volumes), Lisboa, Moraes, 1978.

Azevedo, Joaquim, Educação Tecnológica. Anos 90. Edições Asa, Porto, 1991.

Battelli, Guido, Teixeira de Pascoaes, Coimbra Editora, s/d.

Caeiro, Francisco da Gama, “A historiografia das filosofias nacionais e seus problemas”, separata da Revista da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, III série, nº14.

Carvalho, Adalberto Dias de, Das Ciências da Educação à Ciência da Educação, Departamento de Psicologia e Ciências da Educação da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Coimbra 1985.

Carvalho, Rómulo de, História do Ensino em Portugal desde a fundação da nacionalidade até ao fim do regime de Salazar-Caetano, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1986.

Carvalho, Rómulo de, O Homem É O Exemplo Do Desumano entrevista a Rui Ochoa, Expresso, revista, 4 de Junho de 1994, pp 100-104.

Chateau, Jean, Os Grandes Pedagogos, Lisboa, Livros do Brasil, s/d.

Coelho, Jacinto do Prado, A letra e o leitor, Portugália Editora, Maio, 1969.

Costa, Maria Alice de S. M. Fontes, Educação e Poder. Estudo sobre a evolução do ensino da Biologia na sua relação com factores sócio—políticos, Tese de Doutoramento, U.T.A.D., Vila Real, 1992

Cruz, Manuel Braga da, O Partido e o Estado no Salazarismo, Editorial Presença, Lisboa, 1988.

Davies, Paul, Outros Mundos, Edições 70, Lisboa.

Delouche, Frédéric, Aldebert, Jacques, Bender, Johan, Grusa, Jiri, Guarraccino, Scipione, Masson, Ignace, Milne Kenneth, Pispiringou, Foula, Sanchez, Juan Antonio e Saùco, Garcia, Rodrigues, António Simões, Smulders, Ben M. W. , Tiemann, Dieter e Unwin, Robert, História da Europa, Minerva, Lisboa, 1992.

Dias, Carlos Malheiro, Exortação à Mocidade, 2ª Edição Ed. Portugal-Brasil, Lisboa, 1925.

Dias, José Ribeiro, "Filosofia da Educação Pressupostos, Funções, Método, Estatuto", Revista Portuguesa de Filosofia, tomo XLIX, Janeiro-Junho de 1993.

Dottrens, Robert, Educar e Instruir, Lisboa, Editorial Estampa, 2ª Edição, 1974.

Dreyfus, F. -G. , Marx, Roland e Poidevin, Raymond, História Geral da Europa, Publicações Europa-América, Lisboa, 1990.

Eco, Umberto, Porquê o nome da Rosa?, Lisboa, Difel, s/d.

Einstein, Albert, Como Vejo o Mundo, Rio de Janeiro, Editora Nova Fronteira, 14ª Edição, 1986.

Einstein, Albert, "Carta ao povo do ano 6939 D. C. ", in O Homem Contemporâneo de Romeu de Melo, Lisboa, Editorial Presença 1965.

Evangelho de João, 18, 37-38.

Fernandes, Rogério, O Pensamento Pedagógico em Portugal, Biblioteca Breve, Lisboa, ICALP, 1978.

França, José Augusto, A Arte Em Portugal No Século XIX, Lisboa, Bertrand, volume 2, 1990.

Fukuyama, Francis, O Fim Da História E O Último Homem, Lisboa, Gradiva, 1992.

Galbraith, John Keneth, Anatomia do Poder, Difel Lisboa.

Galbraith, John Keneth, A Era da Incerteza, uma História das ideias económicas e das suas consequências, Moraes, Lisboa, Junho de 1980.

Giles, Thomas Ransom, Filosofia da Educação, E. P. U. S. Paulo, 1983.

Gomes, Joaquim Ferreira, Novos Estudos de História e Pedagogia, Coimbra, Almedina, 1986.

Grácio, Rui, Educação e Educadores, Livros Horizonte, Lisboa, 1973.

Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira, artigo sobre Teixeira de Pascoaes, volume 31, p. 55.

Gribbin John, À procura do gato de Schrödinger, Lisboa, Editorial Presença.

Lorenz, Konrad, O Homem Ameaçado, Publicações Dom Quixote, Lisboa, 1988.

Loureiro, João Evangelista (coordenação), O Futuro da Educação nas novas Condições Sociais, Económicas e Tecnológicas, Universidade de Aveiro, Aveiro, 1985.

Lourenço, Eduardo, O labirinto da Saudade, Lisboa, Dom Quixote.

Macfarlane, Alan, A Cultura do Capitalismo, Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 1989.

Makarenko, Anton Semionovic, Poema Pedagógico – (3 volumes), Livros Horizonte, Lisboa, 1980.

Makarenko, Anton Semionovic, As Bandeiras nas Torres; Livros Horizonte, Lisboa, 1977.

Marinho, José, “Anotações a uma nota”, Seara Nova, nº 431, 21/3/1935.

Marinho, José, Estudos sobre o pensamento português contemporâneo, Biblioteca Nacional, Lisboa.

Mialaret, Gaston, A formação dos professores, Coimbra, Almedina, 1981.

Mialaret, Gaston, As Ciências da Educação, Lisboa, Moraes, 1980.

Mitter, W., «Ciencias de la educación o ciencia de la educación», Perspectivas Pedagógicas, 12, 1981, pp. 47-48.

Mónica, M. Filomena, Educação e Sociedade no Portugal de Salazar, Presença, Lisboa, 1978.

Monroe, Paul, História da Educação, Companhia Editora Nacional, São Paulo, 1977.

Monteiro, Agostinho dos Reis, Educação, Acto Político, Livros Horizonte, Lisboa, s/d.

Moore, P.W., Introducción a la teoría de la educación, Alianza Universidad, Madrid, 1980.

Mora, José F., Las crisis humanas, Salvat Editores, Barcelona, 1985.

Morin, Edgar, Sociologia, Lisboa, Publicações Europa-América, 1986.

Mounier, E., O Personalismo, Moraes Editores, Lisboa, 1976.

Naylor, R. T., Dinheiro Quente e a política da dívida, Lisboa, Bertrand, 1989.

Nisbet, R., The Degradation of the Academic Dogma, Heinemann, London, 1971.

Nogueira, Jofre Amaral, O Pensamento de Abel Salazar (Antologia), Editorial INOVA, Porto, s/d.

Nogueira, Franco, História de Portugal, 1933-1974, Livraria Civilização, Porto, 1981.

Nohl, Herman, Antropología pedagógica, Fondo de Cultura Económica, México, 1950.

Not, Louis, Les pédagogies de la connaissance, Privat, Toulouse, 1980.

Novak, Joseph D., Uma Teoria de Educação, São Paulo, Livraria Pioneira Editora, 1981.

Nóvoa, António, Le Temps Des Professeurs analyse socio-historique de la profession enseignante au Portugal (XVIII-XX siècle), Lisboa, Instituto Nacional de Investigação Científica, 1987 (2 Volumes).

Nóvoa, António, O Projecto De Reforma Camoesas(1923): Uma Referência Histórica No Pensamento Do Prof. João Evangelista Loureiro, Revista da Universidade de Aveiro, Série Ciências da Educação, Vol. 7Nº1e2 pp. 113-121, Aveiro 1986.

Nóvoa, António, “Os Professores: em busca de uma autonomia perdida?” in Ciências da Educação em Portugal, Porto, Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação, pp521-531, 1991.

Nunes, A. Sedas, Estudos sobre a Universidade em Portugal, Separata da Revista Análise Social, Lisboa, 1968.

O. C. D. E., O Ensino na Sociedade Moderna, Edições ASA, Rio Tinto, 1989.

O. C. D. E., Que futuro para as universidades, GEP/ME, Lisboa, 1987.

Paciano, Fermoso, Teoría de la Educación. Una interpretación antropológica, CEAC, Barcelona, 1982.

Pagels, Heinz, O código cósmico, a física quântica como linguagem da natureza, Lisboa, Gradiva.

Palmade, Guy, A caracterologia, Publicações Europa-América, Mem Martins, s/d.

Pascoaes, Teixeira de, “Última Carta?”, Águia, 2ª série, nº 28, Abril de 1914.

Pascoaes, Teixeira de, Arte de ser Português, Edições R. Delraux.

Pascoaes, Teixeira de, Os Poetas Lusíadas, Assírio e Alvim, Lisboa.

Piaget, Jean, Seis Estudos de Psicologia, Publicações Dom Quixote, Lisboa, 1978.

Piaget, Jean, Psicologia e Epistemologia, para uma teoria do conhecimento, Publicações Dom Quixote, Lisboa, 1976.

Piggott, Stuart, A Europa Antiga, do início da agricultura à Antiguidade Clássica, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa.

PNUD, Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento, Relatório do Desenvolvimento Humano 1994, Lisboa, Tricontinental Editora, 1994.

Porter, Michael E., A Vantagem Competitiva das Nações, Rio de Janeiro, Editora Campus, 1993.

Presidência do Conselho de Ministros, Livros proibidos no regime fascista, Lisboa, editado pela Presidência do Conselho de Ministros, no cumprimento do Decreto-Lei nº 110/78.

Quadros, António, Poesia e Filosofia do Mito Sebastianista, 2º Volume, Guimarães Editores, Lisboa, 1983.

Quadros, António, A angústia do nosso tempo e a crise da Universidade, Cidade Nova, Lisboa, 1956.

Quental, Antero, Causas da Decadência dos Povos Peninsulares nos três últimos séculos, Lisboa, Ulmeiro, 1987.

Quintana, J. M., “Pedagogía, ciencia de la educación y ciencias de la educación” in Estudios sobre epistemología y pedagogía, Anaya, Madrid, 1983, pp. 75-107.

Reboul, O., La Philosophie de l'Éducation, PUF, Paris, 1971.

Reboul, O., O que é aprender?, Almedina, Coimbra, 1982.

Reis, A. do Carmo, Nova História de Portugal, Lisboa, Editorial Notícias, 1990.

Rich, John Martin, Bases Humanísticas da Educação, Zahar Editores, Rio de Janeiro, 1975.

Rico, Anton Costa, Escolas e Mestres, A Educação em Galicia: da Restauración á Segunda República, Servicio Central de Publicacións da Conselleria da Presidencia e Administración Pública, Santiago de Compostela, 1989.

Rocha, Filipe, Correntes Pedagógicas Contemporâneas, editora Estante, Aveiro, 1988.

Rodríguez, Herminio Barreiro, Lorenzo Luzuriaga y la Renovación Educativa en España (1889-1936), 1989, Edicións do Castro, A Coruña.

Rose, Steven, Appignanesi, Lisa (Eds.), Para uma nova ciência, Gradiva, Lisboa, 1989.

Russell, Bertrand, Da Educação, Companhia Editora Nacional, São Paulo, 1969.

Saavedra, Vicente Peña, Exodo, Organización Comunitaria e Intervención Escolar, Xunta de Galicia, Santiago de Compostela, 1991 (2 vols.).

Sagan, Carl, O Cérebro de Broca, Lisboa, Gradiva, 1987.

Salazar, Abel, "A propósito da vulgarização do círculo de Viena ", Seara Nova, 26 de Junho de 1937.

Salazar, Abel, "Carta ao director do jornal Sol Nascente" 1/2/38, jornal Sol Nascente.

Salazar, Abel "A propósito da vulgarização do Círculo de Viena", jornal Sol Nascente, 15/6/1937.

Salazar, Oliveira, "Princípios fundamentais da revolução política", discurso de 30/7/1930, in Nova História de Portugal, Editorial Presença, Vol. XII, p. 9.

Salazar, Oliveira, Discursos e Notas Políticas, Coimbra Editora, Coimbra, 1935/1967, 6 vols.

Sarramona, J., Fundamentos de Educación, CEAC, Madrid, 1989.

Schumacher, E. F., Um Guia para os Perplexos, Dom Quixote, Lisboa, 1987.

Silva, Manuela e Tamen, M. Isabel (coordenação) Sistema de Ensino em Portugal, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1981.

Silva, Agostinho da, Educação em Portugal, Ulmeiro, Lisboa, 1989.

Silva, J. P. C. Coelho e, "Das ciências com implicações na Educação à Ciência específica da educação", Revista Portuguesa de Pedagogia, Ano XXV – I, 1991, pp. 25-45.

Simões, João Formosinho Sanches, "As Bases do Poder do Professor", publicação do Departamento de Psicologia e Ciências da Educação da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Coimbra, 1980.

Stoer, Stephen R. , Stoleroff, Alan D. e Correia, José Alberto, "O Novo Vocacionalismo na Política Educativa em Portugal e a Reconstrução da Lógica da Acumulação", Revista Crítica de Ciências Sociais, nº29, pp11-53, 1990.

Teodoro, António, Política Educativa em Portugal, educação, desenvolvimento e participação política dos professores, Lisboa, Bertrand, 1994.

Touriñan, J. M., Teoría de la Educación. La educación como objecto de conocimiento, Anaya, Madrid, 1987.

UNESCO, Para uma Política da Educação em Portugal, Lisboa, Livros Horizonte, 1981.

Vasconcelos, Faria de, As Escolas de Wirth, de Johnson, e de Grundtwig, Lisboa, Livraria Clássica, 1934.

Vial, Jean, Mialaret, Gaston, História Mundial da Educação, RÉ S Editora, Porto, s/d, 4 vols.

Vilar, Pierre, Historia de España, Editorial Crítica, Barcelona, 1990, 29ª ed.

Weiner, Jonathan, Os Próximos 100 Anos, Lisboa, Gradiva, 1991.

Whitehead, Alfred N., Os Fins da Educação, Companhia Editora Nacional, São Paulo, 1969.

Young, M. F. D., Knowledge and Control, Open University, London, 1971.

Zazzo, R., Conduites et conscience, Delachaux et Niestlé, Neuchâtel/Paris, 1962/1968, 2 vols.

PNUD 2000: www.undp.org.br/ e <http://www.undp.org> (internet). O RDH em Português é actualmente publicada (ver bibliografia), por TRINOVA Editora, Rua das Salgadeiras, 36—2º Esq., 1200 Lisboa.

Índice

1 Biografia contextualizada do autor	9
1. 1. Sérgio, a cultura, a política e a democracia	13
1. 2. António Sérgio como Ministro	15
1. 3. A oposição política ao salazarismo	20
1. 4. O Cooperativismo Integral	25
1. 5. Uma vida de luta	27
2 Situação Social e Educativa em Portugal, os fins do Século XIX a 1969	29
2. 1. Introdução	29
2. 2. De 1870 à implantação da República (1910)	30
3 Pensamento Pedagógico de António Sérgio: uma visão Global sobre Educação e Homem	41
3. 1. A Obra sergiana: Temáticas fundamentais	41
3. 2. Ideias-Chave da obra de Sérgio: as suas conexões	42
3. 3. António Sérgio fala das suas ideias	43
3. 4. António Sérgio: a constância do seu pensamento	46
3. 5. Comparação entre as ideias pedagógicas de Sérgio e as de outros autores; a sua «Família Pedagógica»: autores estrangeiros e portugueses	49
3. 6. Um elitismo humanista	53
3. 7. Pedagogia, Cultura e Política: a Revista Águia	55
3. 8. Pedagogia, Cultura e Política: a Seara Nova	56
3. 9. António Sérgio escritor de contos infantis e inovador da Língua Portuguesa	62
3. 10. António Sérgio: Educação e Cultura	63
3. 11. Sérgio Polemista: a constante explicação e defesa das suas ideias	75
3. 12. Polémicas de António Sérgio	77
3. 13. Sérgio Pedagogo e político: teoria e prática	88
4 Releitura da obra sergiana: enquadramento com escritos actuais	97
4. 1. Introdução	97
4. 2. A Obra Pedagógica sergiana: traços fundamentais	98
4. 3. A Pedagogia Sergiana descrita pelo seu autor	98
4. 4. A Escola vista como "Modelo" para a Sociedade	102
4. 5. A Escola encarada como uma das bases da Democracia	104
4. 6. Educação e Elite	107
4. 7. A Educação Cívica: sua necessidade e funções	108
4. 8. As tarefas dos Professores	112
4. 8. 1. Sérgio e a sua epistemologia da dúvida, continuação do seu espírito humanista	114
5 Conclusões	117
Bibliografia	121